



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

Júlia Mai Velasco

**Fatores histórico-ambientais da população do quati-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*) na
Ilha do Campeche (SC): uma História Ambiental**

Florianópolis

2024

Júlia Mai Velasco

**Fatores histórico-ambientais da população do quati-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*) na
Ilha do Campeche (SC): uma História Ambiental**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari
Coorientador: Prof. Dr. João Davi Oliveira Minuzzi

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Velasco, Júlia Mai

Fatores histórico-ambientais da população do quati-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*) na Ilha do Campeche (SC) : uma História Ambiental / Júlia Mai Velasco ; orientador, Eunice Sueli Nodari, coorientador, João Davi Oliveira Minuzzi, 2024.

97 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. História Ambiental. 3. História Animal.
I. Nodari, Eunice Sueli. II. Minuzzi, João Davi Oliveira.
III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
História. IV. Título.



ATA DE DEFESA DE TCC

Aos cinco dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e quatro, às dezenove horas por videoconferência reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Eunice Sueli Nodari, Orientadora e Presidente, pelo Professor João Davi Oliveira Minuzzi, co-orientador, pela Professora Laianny Cristine Gonçalves Terreri, Titular da Banca, e pelo Professor Alfredo Ricardo Silva Lopes, Suplente, designados pela Portaria nº 22/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Júlia Mai Velasco**, subordinado ao título: **"Fatores histórico-ambientais da população do quati-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*) na Ilha do Campeche (SC): uma História Ambiental"**. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Eunice Sueli Nodari e do Professor João Davi Oliveira Minuzzi a nota final 10,0 (dez), da Professora Laianny Cristine Gonçalves Terreri a nota final 10,0 e do Professor Alfredo Ricardo Silva Lopes a nota final 10,0; sendo aprovada com a nota final 10,0 (dez) A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia 12 de agosto de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 5 de agosto de 2024.

Banca Examinadora:

Profa Eunice Sueli Nodari

Prof. João Davi Oliveira Minuzzi

Profa. Laianny Cristine Gonçalves Terreri

Prof. Alfredo Ricardo Silva Lopes

Candidata Júlia Mai Velasco



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica Júlia Mai Velasco, matrícula nº 18200964, entregou a versão final de seu TCC cujo título é “**Fatores histórico-ambientais da população do quati-de-cauda-anelada (*Nasua Nasua*) na Ilha do Campeche (SC): uma História Ambiental**”, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 12 de Agosto de 2024.

Orientador(a)

AGRADECIMENTOS

É difícil elencar todos aqueles que merecem meus mais sinceros agradecimentos por terem me ajudado a chegar até aqui. Como aprendi com a professora Eunice, nenhum trabalho se faz sozinho. Temos sempre quem nos oriente, nos auxilie, nos acalme, nos distraia e nos ajude a voltar aos trilhos. Assim, nada mais justo que reconhecer e agradecer a cada um por seu papel nessa jornada.

Agradeço à minha família, aos meus pais, Nelci e Nilson, e meu irmão André, que estão sempre me acompanhando, mesmo à distância. Obrigada por me apoiarem em seguir meus sonhos.

Às amigas de Foz do Iguaçu, que para mim serão sempre "as meninas". Obrigada Anny, Alice, Arlete, Kauana, Mayumi e Stephanne pelo privilégio de crescer com vocês e pelo apoio incondicional que sempre me deram.

Agradeço à minha orientadora, Eunice Sueli Nodari, que me deu minha primeira oportunidade de pesquisa com a bolsa de Iniciação Científica, lá em 2019. Obrigada por me guiar na carreira acadêmica até aqui.

Ao João Davi, que coorientou essa monografia. Obrigada pelos ótimos apontamentos, por ter sempre palavras gentis sobre meu trabalho e por me aguentar durante as várias fases do processo de escrita. Obrigada também pela amizade e pela companhia agradável em almoços na feirinha e tardes no Laboratório conversando bobagens.

À Laianny, que me ensinou a fazer pesquisa. Obrigada por ter sido a melhor colega de Iniciação Científica que eu poderia ter e por ser uma amiga para todas as horas, sempre disposta a me aconselhar em relação à vida acadêmica, à vida profissional e à vida pessoal.

Aos colegas e professores do Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental, os Labimhistas, que me abriram as portas para a História Ambiental. Obrigada por me fazerem sentir que pertencço a algum lugar na universidade e por mostrarem que conhecimento é sempre melhor compartilhado com um café.

À Débora, que foi a primeira a me acolher no Laboratório. Obrigada por trazer o sol para minha vida (literalmente), por ter sempre um conselho amigo e por me ensinar tanto.

À Maria e à Érica, que estão comigo desde o primeiro dia da graduação. Obrigada por serem sempre a melhor companhia para estudar, procrastinar, festar, viajar e pegar uma praia.

À Bia, que compartilha das minhas angústias e do meu senso de humor e torna tudo mais leve. Obrigada por ser a melhor dupla de estágio, de corrida e de passeios pela cidade.

Ao Roberto, que está sempre disponível quando preciso de um conselho, uma risada ou um ombro amigo. Obrigada por ser sempre sincero e me manter na linha quando tudo que quero é desistir.

À Giany, que está comigo em todos os momentos, torcendo por mim. Obrigada por saber como me animar e me mostrar meu potencial nos dias em que eu duvido de mim mesma.

A todos os colegas estudantes, da História ou de outros cursos e outras universidades, que encontrei pelas salas de aulas, cafés e bares, que sempre tiveram uma palavra de incentivo, oferecendo a simpatia de estarmos todos no mesmo barco. Especialmente Alice, Gabi, Bruna (e Mai), Dani, Erick, Helena, Letícia e Thayandra.

À Banca Examinadora, por ter aceito o convite. Obrigada Laianny e Alfredo Ricardo

Aos professores e professoras do Departamento de História, aos servidores, Milano e Cris, e à Universidade Federal de Santa Catarina, pela formação recebida ao longo dos anos e pela oportunidade de vivenciar a excelência de uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo fazer uma historicização do quati-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*) na Ilha do Campeche, em Florianópolis (SC). A investigação histórica se dá através da análise de fontes bibliográficas e orais, que auxiliam na contextualização da prática da caça no município de Florianópolis e da ocupação da Ilha do Campeche pelo Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães a partir da segunda metade do século XX. O estudo analisa a introdução de fauna e flora exóticas por associados do Clube, em particular a introdução do quati-de-cauda-anelada, e seu impacto no equilíbrio ecológico da Ilha. Através das bases teórico-metodológicas da História Ambiental e da História Animal, são contempladas as condições ambientais e sociais que demandaram e permitiram essa introdução e suas consequências no cenário corrente dessa população específica na ilha. A introdução das espécies exóticas, especialmente a do quati-de-cauda-anelada, foi realizada de forma indevida, sem a análise de impactos ecológicos. Atualmente, a população do quati-de-cauda-anelada da Ilha do Campeche é caracterizada como pouco diversa geneticamente, resultado da endogamia dos indivíduos isolados no ecossistema insular, com hábitos alterados por conta do contato com seres humanos. Outro problema encontrado é a superpopulação da espécie que não é suportada pela capacidade da Ilha de oferecer recursos hídricos e alimentares suficientes, ficando esses indivíduos dependentes da presença humana, que todavia reduz suas habilidades de sobrevivência e interfere em uma dieta balanceada.

Palavras-chave: Quati-de-cauda-anelada; *Nasua nasua*; Ilha do Campeche; Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães; ACOMPECHE; História Ambiental.

ABSTRACT

This monograph aims to provide a historical account of the ring-tailed coati (*Nasua nasua*) on Campeche Island, in Florianópolis (SC). The historical investigation is conducted through the analysis of bibliographic and oral sources, which help contextualize the practice of hunting in the municipality of Florianópolis and the occupation of Campeche Island by the Couto de Magalhães Hunting, Fishing, and Shooting Club from the second half of the 20th century onwards. The study examines the introduction of exotic fauna and flora by members of the Club, particularly the introduction of the ring-tailed coati, and its impact on the ecological balance of the Island. Using the theoretical and methodological frameworks of Environmental History and Animal History, the research considers the environmental and social conditions that demanded and permitted this introduction and its consequences for the current scenario of this specific population on the island. The introduction of exotic species, especially the ring-tailed coati, was carried out improperly, without an analysis of ecological impacts. Currently, the ring-tailed coati population on Campeche Island is characterized by low genetic diversity, resulting from inbreeding among individuals isolated in the island ecosystem, with altered habits due to contact with humans. Another problem identified is the overpopulation of the species, which exceeds the Island's capacity to provide sufficient water and food resources, making these individuals dependent on human presence, which, however, reduces their survival skills and interferes with a balanced diet.

Keywords: Ring-tailed coati; *Nasua nasua*; Campeche Island; Couto de Magalhães Hunting, Fishing, and Shooting Club; ACOMPECHE; Environmental History.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Escudo do Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães	27
Figura 2 – Escudo da Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche	27
Figura 3 – quati-de-cauda-anelada da Ilha do Campeche, 30 de maio de 2023	33
Figura 4 – matéria do G1 SC sobre o quati na Ilha do Campeche	39
Figura 5 – Publicação de alerta a respeito do quati no Instagram da ACOMPECHE, 17 de janeiro de 2019	40
Figura 6 – Publicação orientando em relação às regras para visitação da Ilha do Campeche no Instagram do Patrimônio Ilha do Campeche, 12 de janeiro de 2024.....	41
Figura 7 – bando de quatis sendo alimentados por um funcionário da ACOMPECHE.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACOMPECHE	Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche
APP	Área de Preservação Permanente
FATMA	Fundação do Meio Ambiente
FCC	Fundação Catarinense de Cultura
FLORAM	Fundação Municipal do Meio Ambiente
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Preservação da Biodiversidade
IMA	Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SANTUR	Secretaria de Estado de Apoio ao Turismo
SEPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	12
2.	ILHA DO CAMPECHE: HISTÓRIA E GESTÃO NO SÉCULO XX.....	18
2.1	A ILHA DO CAMPECHE	18
2.2	O CLUBE DE CAÇA, PESCA E TIRO COUTO DE MAGALHÃES	23
2.3	O CLUBE E SUA HISTÓRIA NA ILHA DO CAMPECHE	28
3.	NASUA NASUA: INTRODUÇÃO, ADAPTAÇÃO E IMPACTOS AMBIENTAIS NA ILHA DO CAMPECHE	32
3.1	O QUATI-DE-CAUDA-ANELADA	32
3.2	O QUATI NA ILHA.....	35
4.	RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS: QUATIS E HUMANOS NA ILHA DO CAMPECHE.....	43
4.1	CONVIVÊNCIAS E CONFLITOS.....	43
4.2	OS EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA POPULAÇÃO DE QUATIS	49
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
	FONTES	56
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58
	ANEXO A – ENTREVISTA RZ	61
	ANEXO B – ENTREVISTA AC	77
	ANEXO C – ENTREVISTA DA	86
	ANEXO D – ENTREVISTA SCC.....	92

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe uma historicização do quati-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*) na Ilha do Campeche, em Florianópolis (SC). É uma pesquisa motivada pela curiosidade a respeito da introdução da espécie e as mudanças causadas em um ecossistema insular, geograficamente delimitado.

Por muito tempo a historiografia e as ciências humanas analisaram o ser humano à parte de seu meio, como se a história humana se explicasse em si só. Da mesma forma, as ciências naturais também deixaram de lado o fator humano em seus estudos. A História Ambiental é um esforço de unir ambas análises. Afinal, se a História é a ciência do homem no tempo, como nos ensinou Marc Bloch (2001), a História Ambiental seria a ciência do homem em relação ao meio natural no tempo. Na clássica definição cunhada por Donald Worster, um dos maiores expoentes do campo, “seu objetivo principal se tornou aprofundar o nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (1991, p. 200).

O quati-de-cauda-anelada é uma espécie pertencente à família Procyonidae, classificação referente a mamíferos onívoros de pequeno porte endêmicos da América do Sul. Sua distribuição geográfica é ampla, inclusive em ambientes insulares, ocorrendo do Sul da Colômbia até o Norte da Argentina e Uruguai, selecionando habitats de acordo com fatores comportamentais relacionados ao instinto de preservação da espécie (Bonatti, 2006). Embora esteja localizada no estado de Santa Catarina, a Ilha de Santa Catarina e a Ilha do Campeche não foram selecionadas como habitats pela espécie, e sua presença nessas áreas, portanto, não é resultado de fatores naturais de distribuição.

No início da década de 1950, um grupo de quatis foi introduzido na ilha por associados do Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães. Esse é um clube privado, fundado em 1940, que proporcionava atividades recreativas para praticantes de caça do município de Florianópolis.

O Clube obteve a concessão oficial da Ilha do Campeche em 1955 (Clube [...], 1955, p. 6). Seu estabelecimento na ilha acarretou uma série de mudanças. Por um lado, os cultivos dos pescadores, que criavam na Ilha suas condições de subsistência plantando mandioca, feijão, batata doce e milho (Furquim, 2019), foram abandonados pelo Clube, permitindo a regeneração da Floresta Ombrófila Densa nessas áreas. Por outro, as novas instalações e

atividades do clube contaram com a construção em áreas de restinga e a introdução de novas espécies de flora e fauna (Chamas, 2008).

De acordo com a bióloga Isabela Furquim (2019), a introdução de espécies exóticas está relacionada com a perda de biodiversidade em diversos casos, além de outras consequências ecológicas, sanitárias e econômicas. As características geográficas limitadas e particulares de ambientes insulares, mais ecologicamente vulneráveis, fazem com que esta introdução seja ainda mais danosa, mas também permitem aferir as consequências com maior clareza e as chances de recuperação do ecossistema são maiores.

O quati, por sua natureza onívora, constitui uma ameaça ao equilíbrio do ecossistema da Ilha do Campeche. Sua dieta consiste no consumo de plantas, frutas, insetos, pequenos animais e ovos, variando sazonalmente e de acordo com a disponibilidade. Esse fator os categoriza como ameaça à avifauna da Ilha, e sua introdução na Ilha do Campeche está diretamente relacionado à diminuição da espécie nativa tiê-sangue (*Ramphocelus bresilius*), por exemplo (Chamas, 2008). Por outro lado, a presença do quati na Ilha também está associada a maior distribuição de sementes de jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), palmeira nativa cujo fruto é amplamente consumido pela espécie na época de outono e inverno (Furquim, 2019).

Além disso, atualmente a sobrevivência do quati encontra-se ameaçada por conta de sua superpopulação. Dentro do ecossistema da Ilha do Campeche não há nenhum predador para a espécie, resultando numa explosão populacional onde, no cenário atual, sua população excede os recursos de água e comida disponíveis no ambiente geograficamente restrito da Ilha (Salve, 2021).

A interação com seres humanos ao longo dos anos mostrou ter impacto sobre os hábitos comportamentais dos quatis da Ilha do Campeche. O biólogo Juliano Bonatti (2006) aponta o quati como um animal de grande flexibilidade ecológica. Apesar do uso predominante do solo para locomoção, ele se desloca também com facilidade pelos estratos arbóreos para a prática de forrageio, comportamento que constitui a procura por recursos alimentares e obtenção de água. O aumento do fluxo de turistas nas últimas décadas faz com que os quatis, conhecidos por sua característica de caçador oportunista, desviem-se da floresta para a praia à procura de sobras e rejeitos de alimentos de consumo humano. É na praia que funciona o único restaurante da Ilha, o Bacalhau, e onde a maior parte dos turistas fica concentrada e consumindo alimentos. A alteração na dieta provocada pelo contato com os humanos pode afetar negativamente sua nutrição e saúde, mas serve como suplemento em casos de escassez de frutos e animais (Furquim, 2019).

Os atritos gerados com estas interações, a partir do desvio do quati para áreas antrópicas, não são um problema atual (Chamas, 2008), e geram reações controversas. Os bandos e os indivíduos solitários da espécie se aproximam dos humanos com o objetivo de obter comida, e não é raro o acontecimento de furtos de pertences pessoais ou mesmo agressões por parte do animal. Os alertas em relação ao quati da Ilha do Campeche são encontrados em blogs de viagem e proferidos pelos próprios monitores da ilha aos barcos de turistas que atracam todos os dias na alta temporada de visitação. A indicação é manter-se vigilante, pois os animais podem pegar mochilas e bolsas e carregá-las em busca de alimento, e não os alimentar ou tentar acariciá-los. O prejuízo material é a principal causa de insatisfação com os animais, tanto por parte dos turistas quanto dos trabalhadores da Ilha, e entre as soluções apontadas está a retirada da espécie da Ilha ou então sua exterminação (Bonatti, 2006; Furquim, 2019).

Considerando todas estas questões, atualmente está em desenvolvimento um projeto que visa a castração dos quatis da ilha, com o objetivo de reduzir sua população, uma parceria entre a Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche (ACOMPECHE), antigo Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães, e o coletivo “Salve os Quatis”. O projeto está em fase de arrecadação de fundos para esta missão.

É a partir destas interações, intervenções e mudanças que o presente trabalho procurará compreender os fatores histórico-ambientais da população do quati-de-cauda-anelada na Ilha do Campeche (SC).

Pensar o quati na história da Ilha do Campeche, bem como a história do quati da Ilha, seria fazer, como define José Augusto Pádua, uma “leitura histórica dos fatores ecológicos” (2010, p. 95). Segundo o historiador, não se pode esperar a mesma consciência ambiental existente hoje em sociedades pretéritas, ou julgá-las pela falta da mesma, mas é possível utilizar categorias da ecologia para compreender como as sociedades no passado viram e se relacionaram com o meio ambiente em seus contextos geográficos, políticos e culturais. Tanto as formas de interação humana com o ambiente, quanto o próprio meio ambiente, tem suas historicidades e se modificam com o passar dos anos.

A análise histórica a respeito do meio natural se desenvolve a partir dos fundamentos da História Ambiental e leva em consideração o seguinte apontamento de Donald Worster:

A dificuldade de definir os danos sofridos por um ecossistema se aplica a mudanças causadas tanto pelos homens quanto por forças não-humanas. Por isso o historiador ecológico acaba preferindo dizer que os homens provocam "mudanças" no ambiente pois "mudanças" é um termo neutro e incontestável - e não "danos", um conceito muito mais problemático (1991, p. 204-205).

Assim, a História Ambiental caracteriza-se como uma forma de olhar para o passado e enxergar como o espaço e elementos naturais participaram da constituição de sujeitos e sociedades. No Brasil, como nos lembra o historiador Paulo Henrique Martinez, a formação social e econômica do país faz do meio natural “objeto e presença incontornável na historiografia” (2005, p. 29). Nessa análise, a natureza pode ser entendida como natural e cultural simultaneamente. Além disso, como ressalta Eunice Nodari:

Temos de prestar atenção ao fato de que povos diferentes escolheram formas distintas de interagir com o ambiente circundante e que suas escolhas têm ramificações não somente na comunidade humana, mas também ao ecossistema maior. Ao escrever uma história de tais relações, trazemos ao palco principal um conjunto de personagens não humanos, que geralmente, ocupam, quando muito, as margens da análise histórica (2009, p. 137).

Aliada à História Ambiental, a História Animal também oferece importantes caminhos para nortear esta pesquisa. A historiadora Dorothee Brantz (2010), faz uma provocação sobre o campo, convidando a refletir a presença de animais na história das sociedades humanas:

Enquanto é certamente verdade que animais não contribuíram conscientemente à formação do passado, deve-se indagar se isso necessariamente implica que eles não fazem parte da história. Em outras palavras, mesmo que os animais vivam sem consciência do passado, é possível concluir que eles não desempenharam um papel no desenvolvimento das sociedades humanas? (Brantz, 2010, p 2)

Os animais sempre estiveram presentes na história, normalmente ligados a um sentido de proveito sob dominação humana. A pesquisadora Erica Fudge (2002) realça como esta relação material - sua utilidade na alimentação, transporte, esporte, entre outros - moldou a experiência humana, pelo menos nas sociedades ocidentais, e influenciou a concepção a respeito dos animais. As concepções de “selvagem” ou “domesticado” aplicadas aos animais, por exemplo, são uma das manifestações da relação entre natureza e cultura (Brantz, 2010).

Donna Haraway (2016), filósofa e zoóloga, afirma, a respeito dessas relações, que “convocamos” os animais para o aquilo que concebemos como natureza e cultura, onde as consequências são a própria vida/longevidade ou morte/extinção. As distinções entre estas categorias, com espécies associadas a cada uma, ditam ações políticas, éticas e emocionais que impactam sobre as consequências citadas. Haraway foca seus estudos nos cachorros e sua íntima relação com os seres humanos ao longo da história, mas sua reflexão vale para outras espécies animais também. O cerne da História Animal é entender quem é considerado o ator, o sujeito da e na história.

Da mesma forma que a História Ambiental, a História Animal põe em xeque o protagonismo humano na história. Ela nos faz lembrar que não somos únicos, não estamos

sozinhos e que somos, essencialmente, animais. Este campo de estudo, no Brasil, ainda se desenvolve de forma tímida, mas os esforços se mostram presentes. De acordo com a historiadora Regina Horta Duarte:

Falar do humano implica recuperar nossa condição biológica e as dimensões materiais de nossa existência. Podemos criar miríades de práticas socioculturais e tecnológicas em torno do sexo, do nascimento, da doença, da alimentação, da morte. Mas não há como escapar do fato irreduzível de que nascemos, nos alimentamos, nos reproduzimos, e morremos (2019, p. 35).

Uma questão levantada a respeito da praticidade da História Animal é sua abordagem em relação aos mesmos. Discussões recentes dentro do campo, com ajuda de categorias da Neurociência, confirmam sua condição de seres sencientes. Uma provocação comum na área de estudos animais costuma ser de que animais são inarticulados, pelo menos de uma forma que possamos compreendê-los. Nosso entendimento se constrói a partir de outras categorias de análise, afinal, “um cachorro pode latir, e esse latido pode ser gravado, documentado, mas não pode ser entendido” (Fudge, 2002, p. 5, tradução nossa). O animal humano é o único a deixar fontes escritas, documentos que facilitam o trabalho dos historiadores, mas os rastros animais se manifestam a quem se esforça em encontrá-los (Duarte, 2019).

A historiadora Susan J. Pearson e a antropóloga Mary Weismantel (2010) evidenciam que o desafio de se fazer História Animal se dá em três níveis: ontológico, epistemológico e metodológico. Esses três níveis, entretanto, estão intrinsecamente conectados e relacionam-se à questão já mencionada referente ao sujeito da/na História, e sua superação requer a superação da polaridade natureza-cultura.

Por fim, a História Oral contribui para pensar o papel do historiador na análise de outras fontes históricas para além de fontes materiais. O historiador Alessandro Portelli define como o fator diferencial e mais vantajoso da História Oral o seguinte: "Fontes orais nos revelam não apenas o que o povo fez, mas o que desejava fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez" (1997, p. 31). O quati-de-cauda-anelada, juntamente com outras espécies, foi introduzido na Ilha por humanos em uma medida que se acreditava ser ecológica e de preservação. Contudo, essa intervenção acabou por gerar um desequilíbrio no ecossistema, desestabilizando a cadeia trófica.

Com isto em vista, o presente trabalho pretende uma historicização do quati-de-cauda-anelada na Ilha do Campeche, e se dividirá em três capítulos. No primeiro capítulo, serão abordadas características gerais da Ilha, tratando dos aspectos históricos e sociais da ocupação da ilha em sua história recente, bem como os aspectos fitogeográficos da ilha que atualmente é patrimônio tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A fundação

do Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães, seu papel na promoção da caça recreativa e sua posição na cena social florianopolitana serão contextualizados para compreender como o Clube obteve a concessão da Ilha do Campeche na segunda metade do século XX. A partir disso, serão analisados os reflexos da administração e ocupação da ilha pelo Clube, como a introdução de plantas e animais não nativos daquele ecossistema, especialmente o quati.

O segundo capítulo apresentará um panorama da espécie *Nasua nasua*, suas características, seus hábitos, sua dispersão pelo território sul-americano e sua introdução da Ilha do Campeche pelo Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães. Serão analisados o desenvolvimento e a propagação da espécie no espaço geograficamente delimitado da ilha e seus reflexos num ecossistema insular naturalmente mais vulnerável à presença de espécies exóticas.

O terceiro capítulo abordará a presença do quati na Ilha do Campeche na história presente. Serão discutidos o impacto do aumento do fluxo de pessoas a partir da propagação da Ilha como atração turística desde a década de 1990, a relação interespecífica do quati com os humanos e a coadaptação nos comportamentos e os reflexos da pandemia de COVID-19 e do isolamento social sobre esta população do quati.

2. ILHA DO CAMPECHE: HISTÓRIA E GESTÃO NO SÉCULO XX

2.1 A ILHA DO CAMPECHE

Uma ilha é uma extensão de terra emersa e circundada por um corpo d'água, cujas proporções são menores do que um continente (Mazzer, 2001). Esta extensão pode ou não estar ligada ao continente, e sua formação geológica a enquadra em uma das quatro classificações de ilha: continentais, vulcânicas, fluviais ou lacustres. Uma ilha continental é uma extensão do continente, formada da erosão do mesmo, mas ainda localizada na plataforma continental. Já uma ilha vulcânica é formada pela atividade de vulcões marinhos ou pela atividade magmática resultante do contato entre placas tectônicas, que ao longo de anos jorram lava que, em contato com a água, vai se solidificando até emergir. Uma ilha fluvial, por sua vez, é uma extensão de terra isolada por dois rios ou por dois canais de um mesmo rio. E uma ilha lacustre é formada pelo depósito de sedimentos em áreas de lagos, que se acumulam e eventualmente emergem formando bancos de areia.

A diversidade das ilhas vai além de sua origem geológica, incluindo também aspectos como forma, tamanho, altitude, vegetação, e ocupação humana, formando um microcosmo ecológico, paisagístico, político e socioeconômico (Mazzer, 2001). Além disso, são de grande valor para a pesquisa científica devido às condições ecológicas de um espaço geograficamente delimitado e isolado característico das ilhas (Furquim, 2019).

O Brasil possui, ao longo da extensão de sua costa, 6.800 ilhas situadas na plataforma continental. No decurso de 531 quilômetros de costa do estado de Santa Catarina, existem 123 ilhas continentais, entre elas a Ilha de Santa Catarina, onde está situada a capital do estado, Florianópolis, com 32 ilhas que a circundam, sendo a Ilha do Campeche a maior e mais singular (Mazzer, 2001).

A Ilha do Campeche é uma ilha continental no oceano Atlântico, situada entre as coordenadas 27°41'27"S e 27°42'17"S e longitudes 48°28'7"W e 48°27'39"W, aproximadamente a 1.700 metros da costa centro-sul da Ilha de Santa Catarina, no sentido Leste à praia do Campeche. Sua área é relativamente pequena, contabilizando 531.200 m², num formato semelhante ao da Ilha de Santa Catarina, alongando-se nas direções Norte/Nordeste e Sul/Sudeste, no entanto é a maior das ilhas que circundam Florianópolis (Eschiletti, 2012). Possui uma variedade de ecossistemas diretamente relacionada à presença de diferentes formações vegetais, como a Restinga, a Floresta Ombrófila Densa e a Formação Pioneira de Costão Rochoso. Além da diversidade vegetal, a Ilha exibe uma marcante

variação geomorfológica, caracterizada por terraços marinhos, terraços estruturais, elevações, depressões fluviais e diversas feições de falésias rochosas, contribuindo significativamente para a heterogeneidade da paisagem e a diversidade de habitats (Mazzer, 2001).

A restinga é um ecossistema transitório entre o ambiente marinho e o terrestre, composto por plantas herbáceas, arbustivas e arbóreas num complexo mosaico que se estende da faixa de areia até as áreas arbóreas mais fechadas onde tem início a Floresta Ombrófila Densa. Essa formação tem um importante papel na contenção da ressaca do mar e da erosão das faixas arenosas. São exemplares dessa formação na Ilha a batata-da-praia (*Ipomea pes-caprae*), a erva-capitão (*Hydrocotyle bonariensis*), aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolia*), pitangueira (*Eugenia uniflora*), araçá (*Psidium cattleianum*), entre outros.

Após a faixa de restinga, a vegetação começa a se adensar e as árvores ficam mais altas. A Floresta Ombrófila Densa tem um importante papel na regulação do clima, manutenção dos recursos hídricos e determinação do fluxo de nutrientes. São exemplares dessa formação na Ilha a samambaia (*Pteridium esculentum*), o jerivá, a figueira (*Ficus*) e o tucum (*Bactris setosa*).

Na formação de Costão Rochoso, predomina a vegetação de origem edáfica e rupestre, com espécies de bromeliáceas, cactáceas, aráceas, piperáceas, pteridófitas e filicíneas (Mazzer, 2001).

A Ilha é dotada de atributos que a tornam singular. Por um lado, é a ilha brasileira com maior número de oficinas líticas e gravuras rupestres, o que lhe atribui valor arqueológico imensurável, atestado das vivências de sociedades pré-modernas neste continente. Por outro, foi palco de atividades coloniais e tradicionais como a caça da baleia e a pesca artesanal, tendo grande valor histórico e social. Por fim, a Ilha apresenta uma variedade de ecossistemas concentrados em sua pequena extensão, o que contribui para uma paisagem heterogênea (Mazzer, 2001).

Todos estes elementos contribuem para o valor patrimonial que a Ilha representa, tanto do ponto de vista natural quanto cultural. Desde 1985, a Ilha do Campeche está enquadrada no Plano Diretor do município de Florianópolis como Área de Preservação Permanente (APP), de acordo com a lei nº 2.193/1985 (Florianópolis, 1985). Também, a partir do ano 2000, a Ilha do Campeche foi tombada como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Desde então, a administração da Ilha é caracterizada por uma gestão público-privada entre o IPHAN, responsável pela gestão de bens tombados pelo governo, e a ACOMPECHE, que tem a concessão da Ilha do Campeche (Chamas, 2008).

A Ilha do Campeche testemunhou diversos grupos humanos, em seus diferentes tipos de ocupação e usos de seu território e seus recursos. Estima-se que a ocupação da Ilha por povos originários data de cerca de cinco mil anos, a partir da análise dos depósitos de sambaquis e oficinas líticas, além das inscrições rupestres pelas quais a Ilha é conhecida (Mazzer, 2001). A partir do século XVII, com a colonização açoriana de Florianópolis, são instaladas estruturas para a prática da caça de baleias, cujo objetivo era a obtenção do óleo de baleia, utilizado na iluminação de engenhos, na construção civil e vendido para fora (ROS, 2003). Essa prática viu-se enfraquecida no século XIX, quando a iluminação a óleo passou gradualmente a ser substituída pelas luminárias a gás e depois pela energia elétrica, reduzindo a demanda pelo óleo de baleia. Mesmo assim, registros apontam que a última baleia caçada na região foi abatida em 1955, na Armação do Pântano do Sul (Schmidt; Jasmin; Cruz, 2020).

Na primeira metade do século XX, a pesca artesanal, que provia sustento para grande parte dos moradores da Armação e Pântano do Sul, esteve relacionada à ocupação da Ilha do Campeche. Os pescadores ficavam longos períodos isolados na ilha, construindo lá ranchos de pesca e introduzindo culturas alimentares, como aipim, feijão, batata doce e milho para sua subsistência (Furquim, 2019).

Em 1955, a Ilha do Campeche viu seu direito de posse ser concedido a outro grupo, passando dos pescadores ao Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães. Por se tratar de uma ilha costeira, é uma área do governo brasileiro, cuja concessão de uso local é estabelecida através da Inscrição de Ocupação pela Secretaria do Patrimônio da União. Com esse documento, o Clube obteve o direito de usufruto da Ilha e estabeleceu ali sua sede (Furquim, 2019).

Com a instalação do Clube, a Ilha viu novamente alterada a dinâmica de sua ocupação. Edificações foram levantadas, espécies de plantas ornamentais e frutíferas foram introduzidas, bem como uma fauna exótica veio disputar seus limitados recursos hídricos e habitats. A partir desse momento, observou-se dois tipos de ocupação antrópica na Ilha: áreas de ocupação intensiva, onde foram instalados os ranchos de pesca e as casas do Clube, e as áreas de cultivo. Evidentemente, houve atritos entre o Clube e os pescadores que tradicionalmente ocupavam a Ilha, mas no fim das contas o Clube prevaleceu. Por um lado, os cultivos dos pescadores foram abandonados pelo Clube, permitindo a regeneração da Floresta Ombrófila Densa nessas áreas. Por outro, as novas instalações e atividades do Clube contaram com a construção em áreas de restinga e a introdução de novas espécies de flora e fauna (Chamas, 2008). Em 1985, a Ilha passa a ser considerada Área de Preservação Permanente (APP) pelo Plano Diretor do município de Florianópolis, pelo qual o assentamento humano e as

atividades exploratórias de caça e pesca ficam proibidas em suas dependências. Ainda assim, isso não impediu o desenvolvimento de diferentes atividades na Ilha, seja a pesca artesanal ou comercial, o turismo e o manejo de flora e fauna e a continuação das atividades do Clube na Ilha, onde mantém sua sede e os alojamentos para os associados (Furquim, 2019).

A partir da década de 1990, a Ilha do Campeche passou a ser veiculada como atrativo turístico pela Secretaria do Estado de Apoio ao Turismo (SANTUR) e por agências e guias de turismo do município de Florianópolis (Mazzer, 2001). A praia de água cristalina e as inscrições rupestres garantiram a atração de muitos visitantes, interessados em conhecer “o Caribe brasileiro” ou ver de perto, por curiosidade acadêmica ou leiga, os achados arqueológicos (Ros, 2003). O turismo foi promovido por diversas instituições. Neste ponto, o Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães havia se tornado Clube de Preservação Ecológica e Esportivo Couto de Magalhães, agora envolvido com atividades voltadas à preservação do meio ambiente e relacionadas ao turismo. A Associação dividia agora seu direito de ocupação da Ilha com a Pesqueira Pioneira da Costa S.A., que obteve a Inscrição de Ocupação em 1996, também envolvida com o transporte de turistas para a Ilha. Outro agente no cenário turístico da Ilha é a Associação de Pescadores Artesanais da Armação e do Pântano do Sul (APAAPS), fundada em 1994, que também oferece serviço de transporte para a Ilha durante o verão (Chamas, 2008). Além destas, estão presentes também empreendimentos turísticos privados como as escunas da Barra da Lagoa, empresas e guias de turismo e, além de tudo, barcos particulares.

Concomitante ao aumento de visitantes na Ilha, aumentaram as denúncias de degradação dos registros arqueológicos e do meio ambiente, demandando a atenção de um órgão especializado na salvaguarda do patrimônio. Os órgãos ambientais responsáveis pela administração do patrimônio natural em Florianópolis são o Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina (IMA), criado em 2017 em substituição à antiga Fundação do Meio Ambiente (FATMA), o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a Fundação Municipal do Meio Ambiente (FLORAM). Já a gestão do patrimônio cultural é responsabilidade do IPHAN, da Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e do Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município (SEPHAN). No entanto, considerando que a Ilha do Campeche possui tanto valor arqueológico quanto paisagístico, ela encaixa-se no que o Decreto-Lei nº 25/1937 inclui como patrimônio histórico nacional “monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe conservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela Natureza ou agenciados pela indústria humana”. Em 1998, com o auxílio de órgãos como a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and

Cultural Organization), foi, então, dado o início do processo de tombamento da Ilha do Campeche como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional, unindo os esforços do IPHAN e da ACOMPECHE em conservar e preservar um bem cultural e natural (Mazzer, 2001).

O tombamento da Ilha do Campeche como Patrimônio Arqueológico e Paisagístico, homologado em julho do ano 2000, foi um atestado de sua relevância para a história dos territórios insulares em todo o país. O tombamento tem o objetivo de preservar bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental de valor afetivo para a população”. De acordo com Chamas (2008, p. 6), é um “atestado da excepcionalidade do bem”.

A partir do ato público do tombamento, a autoridade responsável pela aprovação ou veto de quaisquer atividades passa ao IPHAN, levando em consideração a relevância dos bens culturais e a fragilidade do ecossistema na tomada de decisões que priorizem a preservação do patrimônio arqueológico e natural da Ilha (IIC, 2018). O tombamento, entretanto, não tirou os direitos da ACOMPECHE e da Pioneira da Costa S.A. de ocupação da Ilha, apenas instaurou uma gestão mista, público-privada, deste Patrimônio Arqueológico e Paisagístico Nacional (Chamas, 2008).

Ainda, outra instituição surgiu em 2009 no cenário administrativo da Ilha. O Instituto Ilha do Campeche (IIC) é uma Organização Social Civil, sem fins lucrativos, sediada na praia da Armação do Pântano do Sul. É a entidade responsável pela gestão dos recursos financeiros obtidos com a visitação da Ilha do Campeche, pela manutenção e conservação do patrimônio tombado, bem como a seleção e preparação dos monitores credenciados pelo IPHAN que atuam na condução dos turistas na visitação das trilhas pela Ilha, otimizando a comunicação de informações arqueológicas e históricas a respeito da mesma.

O aumento na quantidade de frequentadores da Ilha trouxe à tona os impactos da presença humana neste ambiente. Preocupações a respeito da capacidade da Ilha em comportar habitantes e visitantes impulsionaram estudos que determinaram que a Ilha do Campeche poderia comportar até 800 pessoas. Isso incitou debates a respeito da imposição de um limite de turistas a visitar a Ilha por dia, levando a outras discussões a respeito da quantidade de turistas que cada associação promotora do turismo na Ilha teria direito a levar.

Assim, o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) firmado no final de 2004, resultado das negociações entre IPHAN, ACOMPECHE, APAAPS e as entidades de transporte náutico da Barra da Lagoa, estabeleceu o limite de desembarque de pessoas na Ilha por dia no número de 800 e as cotas que cada entidade participante teria. A ACOMPECHE poderia levar até 120 visitantes, enquanto a APAAPS teria a parcela de 520 e as escunas da

Barra da Lagoa ficariam com o restante, 160 pessoas. Já em 2006, essas cotas foram adaptadas quando foram introduzidos os botes saídos da praia do Campeche, ficando então a seguinte disposição: 80 para a ACOMPECHE, 500 para APAAPS, 160 para as escunas da Barra da Lagoa e 60 para os botes (Chamas, 2008).

Atualmente, está em vigor o TAC firmado em dezembro de 2018. Nele, é possível observar que as entidades vinculadas ao turismo da Ilha do Campeche aumentaram, fazendo parte do acordo, além daquelas supracitadas, o MPF, A FLORAM, o Instituto Ilha do Campeche e o Sr. Nabor João dos Santos, proprietário do restaurante Bacalhau sediado da Ilha. O TAC estabelece o limite de visitação diária à Ilha em 770, podendo chegar a 800 dispondo as seguintes cotas para as entidades: 70 para a ACOMPECHE, 480 para a APAAPS, 156 para a Associação das Empresas de Transporte Náutico da Barra da Lagoa (ATBL) e 84 para a Associação dos Barqueiros de Transporte da Praia do Campeche (ABTC), tudo isso dentro do horário de visitação da Ilha estipulado, entre as 9:00 e as 17:00 horas (IIC, 2018). Estes são os agentes humanos atuando nas mudanças sociais, culturais e ambientais da Ilha do Campeche.

2.2 O CLUBE DE CAÇA, PESCA E TIRO COUTO DE MAGALHÃES

O pesquisador Hugo Fernandes-Ferreira, na tese de doutorado intitulada “A caça no Brasil: panorama histórico e atual” (2014), analisa a caça esportiva como uma cultura importada da Europa, assim como as armas de fogo empregadas em sua execução. Popularizou-se no século XIX como atividade de lazer praticada pela elite nos finais de semana. Revistas como a “Revista Caça e Pesca”, “Revista Troféu” e “Revista Fauna” contribuíram na popularização destas atividades na primeira metade do século XX, publicando informações a respeito de espécies cinegéticas, dicas de armamentos, instruções sobre técnicas e divulgação de temporadas e legislação de caça.

No estado de Santa Catarina, as práticas cinegéticas também estavam em alta. Clubes de caça, pesca e tiro eram fundados em diversos municípios: em Rio do Sul, havia o Clube de Tiro Dias Velho; em Blumenau, o Clube de Caça e Tiro Amadeu Luz, e mais tarde o Clube Blumenauense de Tiro; em Lages, o Clube de Caça e Pesca Luiz Ramos Borges; em Brusque, o Clube de Caça e Tiro Araújo; em Canoinhas, o Clube de Caça, Tiro e Pesca Major Thomaz Vieira; em Videira, o Clube de Caça, Tiro e Pesca Lucas Boiteux; em Lontras, a Sociedade Esportiva e Recreativa Lontrense; em Jaraguá do Sul, a Sociedade Esportiva Baependi; em Joinville, a Sociedade Recreativa e Esportiva União; e em Corupá, a Sociedade Esportiva e

Recreativa Hansa Humboldt. Todos eram associados à Federação Catarinense de Caça e Tiro (Campeonato [...], 1948, p. 6; Fundado [...], 1950, p. 3; Confirmou [...], 1954, p. 4).

Em Florianópolis, as atividades cinegéticas eram organizadas por um clube particular. Fundado em 09 de fevereiro de 1940, este clube tinha “por fim a cinegética, tiro desportivo, pesca, turismo e excursionismo não profissionais” (Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães, 1968, p. 1), promovendo excursões de caça e pesca e competições de tiro ao alvo em eventos entre clubes de outras localidades ou internamente entre seus sócios e aqueles interessados na prática cinegética. Na época, era conhecido como o Clube de Caçadores do Estado de Santa Catarina, registrado no Ministério da Agricultura.

Em 21 de agosto de 1947, foi renomeado para Clube de Caça e Tiro Couto de Magalhães e, alguns anos mais tarde, teve a atividade da pesca incorporada a seu nome, tornando-se, como viria a ser conhecido pelas próximas décadas, o Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães. O nome é provavelmente uma homenagem ao general José Vieira Couto de Magalhães, militar, político e escritor mineiro, que publicou livros relacionados a etnografia, antropologia, estudos de flora e fauna relacionados à prática cinegética.

O Clube possuía grande presença na cena florianopolitana, chegando a contar com a presença do governador do Estado em um de seus eventos (Churrascada [...], 1947, p. 3). Suas excursões de caça, competições de tiro ao alvo, eventos de confraternização e convocações de reuniões eram todos veiculados pelo jornal catarinense O Estado.

No entanto, o Clube não tinha sede própria. Suas reuniões aconteciam nas dependências do Clube Doze de Agosto, na sala da biblioteca. Esse era um clube recreativo fundado em 1872 por jovens da então Nossa Senhora do Desterro, localizado na antiga Rua Augusta, que depois foi renomeada Rua João Pinto, até transferir-se para terreno próprio na Avenida Hercílio Luz. A sede do Clube Doze de Agosto permanece lá, passível de observação por qualquer transeunte, porém a edificação foi interditada em 2013 por questões estruturais.

Já atividades como torneios e confraternizações eram realizadas no estande da Inspeção de Educação Física ou na sede da Polícia Militar, e até nos campos esportivos da Penitenciária (Tiro [...], 1947, p. 6; Churrascada [...], 1947, p. 3; Tiro [...], 1948, p. 3). O Clube também foi o responsável por trazer para o estado de Santa Catarina a primeira prova de tiro ao cervo na corrida, na comemoração do aniversário de sua fundação em fevereiro de 1951 (Clube [...], 1951, p. 4).

As práticas cinegéticas aconteciam em excursões ao Massiambú, no município de Palhoça (Excursão [...], 1948, p. 3). Estas saídas a campo costumavam durar o dia inteiro, com transporte e hora marcada, geralmente saindo de madrugada para retornar ao fim da

tarde. A caça era praticada contra espécies da avifauna da região, bem como mamíferos como o porco-do-mato, a capivara, a jaguatirica e o próprio quati, como era comum na região.

Em 1951, o Clube obteve a Inscrição de Ocupação pela Secretaria do Patrimônio da União (SPU), o que formalizou sua ocupação da Ilha do Campeche, pois era o local onde os associados passavam seus “weekends”, e instalou lá sua sede (“Week-end” [...], 1952, p. 8). De acordo com os matérias do jornal o Estado, a Ilha do Campeche era um paraíso intocado, de matas virgens, pronto a receber os associados do Clube, que lá poderiam se deleitar em sua fuga da cidade, quanto explorar seus recursos marinhos através da pesca.

É também em 1951 que a atividade da pesca, já promovida e praticada pelos associados do Clube, é incorporada ao seu nome, tornando-se o Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães. A atividade, entretanto, não recebia tanto destaque como a caça e o tiro, funcionando mais como uma prática recreativa pelas águas do entorno da Ilha.

O Clube também se apresentou vanguardista na prática da caça-submarina em Florianópolis, inaugurando a modalidade que se tornava popular na década de 1950. Na caça-submarina, o caçador mergulha na água e vai atrás de sua presa, e o abate é realizado com arpão ou arma pneumática. A promoção de novas modalidades desportivas, a realização de “intercâmbios” com clubes cinegéticos de outras cidades e estados, bem como a promoção de campeonatos regulares e confraternizações em homenagem a políticos, mantinham o Clube em destaque na cena florianopolitana. No ano de 1955, circulavam os planos do Clube para criação de um parque voltado à caça e à preservação de flora no continente, da construção de novas instalações para caça, pesca e tiro, bem como a construção de um balneário na praia da Armação (Caça [...], 1955, p. 4).

Os associados começaram a intervir na Ilha, a partir daí, como proprietários intitulados (Clube [...], 1955, p. 6). Os pescadores perderam a disputa e tiveram que se retirar. Os ranchos que construíram foram postos abaixo, e em seu lugar foram erguidas as casas para hospedagem dos associados. Foram construídas 3 casas, das quais 2 permanecem até hoje, tendo o Casarão como sede. Também foram construídos os poços para obtenção de água potável. As roças dos pescadores foram descontinuadas. Para os “weekends” dos sócios do Clube, árvores frutíferas eram mais interessantes. De flora exótica, foram introduzidas na Ilha espécies frutíferas, e também plantas ornamentais para embelezar seu “refúgio” da vida na “URBS” (“Week-end” [...], 1952, p. 8).

Os planos de expansão do Clube, mencionados anteriormente e veiculados via imprensa escrita na década de 1950, se tornaram mais palpáveis ao longo da década seguinte. Enquanto isso, a fauna exótica que interessava aos associados, por quaisquer razões, era

capturada e levada para a Ilha do Campeche. Foi o que aconteceu com macaco-prego, paca, e o próprio quati, todos introduzidos na Ilha por associados do Clube. A introdução de flora e fauna exótica pelos associados, da qual o quati é o maior expoente atualmente, será abordada no próximo subcapítulo.

As décadas seguintes testemunharam uma mudança nas prioridades do Clube. A agenda ambientalista da década de 1970, com advento de movimentos ambientalistas no Brasil, repercutiu a figura do caçador associada à devastação do meio ambiente. Além disso, houve em 1967 a promulgação do Código de Proteção à Fauna, o qual proibia a caça profissional.

Em 1986, o Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães muda de nome, tornando-se o Clube de Preservação Ecológica e Esportiva Couto de Magalhães. Entre os objetivos do novo Clube, estão a promoção do turismo e excursionismo incentivando a ecologia e a preservação do meio ambiente em práticas de esporte e lazer (Clube de Preservação Ecológica e Esportivo “Couto de Magalhães”, 1992).

Ainda houve outra mudança de nome. Em 29 de julho de 1998, o Clube tornou-se a Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche, a ACOMPECHE, como é conhecida atualmente. Em meio às negociações para o tombamento da Ilha como patrimônio do IPHAN, o objetivo principal da ACOMPECHE como associação civil, sem fins econômicos, torna-se “a proteção do bem público Ilha do Campeche, por meio de ações educacionais, culturais, ecológicas, desportivas, recreativas e de incentivo à saúde, à inclusão, à diversidade e ao convívio compartilhado, em colaboração com entes públicos e privados” (Acompeche, 2021).

A epítome destas mudanças se verifica na mudança do Escudo, identidade visual da entidade. Como Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães, seu Escudo, como apresentado na Figura 01, mostrava uma águia segurando um peixe pelas garras de uma pata, com as asas abertas em frente a um alvo, referenciando a prática de atividades cinegéticas e de tiro promovidas pelo Clube no município de Florianópolis. A imagem é a capa do Regulamento Interno da Ilha do Campeche, elaborado pela diretoria do Clube, onde eram determinadas as normas de conduta para os associados que visitavam a Ilha, além dos deveres e obrigações com o Clube e com a Ilha, utilização dos alojamentos e equipamentos e outras disposições gerais da visitação.

Figura 1 – Escudo do Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães



Fonte: Regulamento Interno da Ilha do Campeche, 1983.

Como Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche, passa a ser a Ilha em questão. De um ponto de vista como se fosse mirada do alto, em uma posição a Sudoeste, o novo brasão mostra a Ilha do Campeche, a faixa de areia branca e um sol nascente amarelo, circundados por um azul suave que representa um mar sem ondas, como é possível observar na Figura 02.

Figura 2 – Escudo da Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche



Fonte: <https://acompeche.org.br/>.

2.3 O CLUBE E SUA HISTÓRIA NA ILHA DO CAMPECHE

No início da década de 1950, o então Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães obteve a Inscrição de Ocupação da Ilha do Campeche pela Secretaria do Patrimônio da União (SPU). Como “proprietários”, começou uma nova fase de ocupação da Ilha.

A ocupação da Ilha pelos associados foi diferente da ocupação da Ilha pelos pescadores. Da Ilha não vinha seu sustento, mas o seu lazer. Percebiam a Ilha de forma diferente, e por isso interagiam e interviam nela de formas diferentes. “Bom, a Ilha do Campeche é... ela se confunde com a extensão da minha casa” (Entrevista SCC, Anexo D) revela um membro da segunda geração de associados de sua família, que cresceu visitando a Ilha. Outra associada, que também frequenta a Ilha desde a infância, revela o seguinte sobre sua percepção da Ilha:

Ah, aqui sempre... até hoje, né, mas sempre foi uma coisa assim muito mágica, assim, quando a gente vinha pra cá tinha umas coisas diferentes do que a gente vivia, né. Florianópolis, apesar de sempre frequentar a praia, que é essa coisa de não ter, quando a gente vinha não tinha celular, não tinha... daí tinha essa história de não ter comunicação com a terra, se o tempo ficasse ruim a gente ia ficar preso... Mas tinha uma coisa como se fosse um filme, assim, de uma aura misteriosa, assim, bonita, encantadora, assim. Então era uma... As pessoas dizem que é um paraíso, mas desde lá todo mundo dizia isso, né. Paraíso. Então vir pra cá era uma situação muito diferente do que é viver lá. Tu desliga das coisas da cidade. (Entrevista AC, Anexo B)

A Ilha era o “refúgio” da vida na “URBS” (“Week-end” [...], 1952, p. 8). Um espaço para confraternização entre amigos e famílias dos sócios do Clube. Outro associado entrevistado lembra que:

[...] era liberdade total, né, na época, né. E muita alimentação, muita comilança. Era mais assim, era festa mesmo, no caso, né. [...] Como era um clube, né, então a pessoa vinha com a finalidade ou de pescar ou de caçar. Mas tinha outros que vinham só pra curtir o ambiente também, né, no caso, né. Era mais ou menos essas situações que eu lembro que era a Ilha, né. (Entrevista RZ, Anexo A)

Acomodar sócios, famílias e convidados exigia uma estrutura que a Ilha não tinha até então, e que se procurou implementar a partir do momento em que o Clube obteve a concessão da Ilha. Primeiro, houve o levantamento das estruturas do Casarão e dos alojamentos para os associados. De acordo com a pesquisadora Cinthia Chamas (2008), a área de ocupação intensiva aumentou de 648 m² em 1938 para 5.622 m² em 1957 a partir do estabelecimento do Clube na Ilha, concentrado na planície da praia. A pesquisadora aponta que, por um lado, a descontinuação das roças dos pescadores permitiu a regeneração da vegetação nas áreas dessa ocupação tradicional. Por outro, as novas edificações foram

erguidas em áreas de restinga, além da vegetação nativa ter sido substituída por espécies exóticas. A restinga foi a formação vegetal que sofreu o maior impacto com a nova ocupação da Ilha.

Além das construções, as acomodações humanas demandam também eletricidade, água e manejo de lixo. Geradores de energia e caixas de interceptação do fluxo de drenagem foram instalados, sendo que os poços já haviam sido construídos na época dos pescadores. Esses equipamentos foram de grande impacto ambiental, resultando em poluição sonora e na diminuição do fluxo hídrico. Também, o manejo do lixo consistia na incineração ou aterramento, cujos efeitos a longo prazo ainda não foram investigados (Mazzer, 2001).

Foram introduzidas plantas frutíferas e ornamentais exóticas ao ecossistema da Ilha do Campeche, como o coqueiro (*Cocos nucifera*), a amendoeira (*Terminalia catappa*), o jambolão (*Syzygium cumini*), o cajueiro (*Anacardium occidentale*), a mangueira (*Mangifera indica*), o mamoeiro (*Carica papaya*), de acordo com o levantamento feito pelo pesquisador Alexandre Mazzer em 2001 para a dissertação de mestrado “Aspectos da ecologia da paisagem da Ilha do Campeche (Florianópolis-SC): uma contribuição ao manejo insular”. Entre outras espécies indicadas por Chamas (2008), estão o malvaisco (*Malvaviscus arboreus*), a cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*), o limoeiro-azedo (*Citrus limon*), o abricó-do-pará (*Mammea americana*), a bananeira (*Musa paradisiaca*), o abacateiro (*Persea americana*), a cheflera (*Schefflera actinophylla*), o jambo (*Syzygium jambos*), a nespereira (*Eriobotrya japonica*), a comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*), a amoreira (*Morus nigra*), o cafeeiro (*Coffea arabica*) e o capim-elefante (*Pennisetum purpureum*).

De acordo com uma das funcionárias da Associação, era comum que novos membros do Clube contribuíssem com a doação de uma muda de planta para a Ilha quando se associavam. Essas plantas eram levadas para a Ilha e plantadas lá. Ao ser questionado sobre se havia alguma restrição para levar espécies exóticas para Ilha, um associado dos mais antigos respondeu: “A restrição que tinha era de levar coisas da Ilha. Trazer, pra ajudar a aumentar a fauna aqui da Ilha, tanto vegetal como animal, eu acho que nós só temos restrições depois de 2010, né” (Entrevista RZ, Anexo A).

Além dos exemplos de flora, Chamas (2008) apresenta também o levantamento da fauna exótica introduzida na Ilha. Associados do Clube levaram para lá aves silvestres, como o tiê-sangue, a cambacica (*Coereba flaveola*) e o tucano (desconhecido), aves domésticas como galinhas comuns (*Gallus gallus domesticus*), galinhas d’Angola (*Numida meleagris*) e gansos (desconhecido), além de espécies de mamíferos como o macaco-prego (desconhecido), o macaco bugio (*Alouatta guariba*), o sagui (*Callithrix jacchus*), a cutia (*Dasyprocta azarae*),

a paca (*Cuniculus paca*), a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), e o quati. De acordo com os relatos de pescadores coletados por Chamas (2008), os macacos não duraram muito tempo, pois um deles atacou uma associada do Clube e como consequência foram exterminados. O sagui, a paca e a cutia, por questões adversas, não prosperaram na Ilha do Campeche e não existem mais lá atualmente (Chamas, 2008; Furquim, 2019). Também uma espécie de tatu foi introduzida na Ilha em ocasiões diferentes, como relata outro associado: “[...] um dia eu achei um... na região lá de Curitibanos, eu achei um tatu. E eu sabia que aqui a Ilha tinha só um tatu. [...] Aí o tatu tava meio doente, meio machucado na estrada, eu peguei, coloquei ele num saco lá e trouxe soltei aqui também na Ilha” (Entrevista RZ, Anexo A).

Sobre as razões para a introdução desses animais, as versões variam. De acordo com os associados, havia na Ilha muitos insetos, como aranhas e escorpiões, e até o caso de uma jararaca, nocivos aos frequentadores humanos. Por isso foram levados para lá animais que pudessem predá-los, como a galinha e o quati (Chamas, 2008).

Também são apontadas as condições insulares e isoladas da Ilha:

Olha, é... Como eu te disse, o nosso Clube ele provém de um clube de caça, pesca e tiro. Na época, 50, 60, esses associados, essas pessoas, eles tinham o hábito de caçar, de pescar, né, praticavam o tiro. Então, a Ilha, ela é um local... remoto. Mais ainda naquela época, porque a chegada na Ilha ela era com uma certa dificuldade, né, era a remo. Então ela era um local que não era de fácil acesso. Eu imagino que a ideia de levar esses animais pra Ilha era também pra até uma possível subsistência. De casos de ficar trancado na Ilha e ter algum tipo de animal que pudesse até servir de alimento, né. Eu mesmo, tu vê que eu vou pra Ilha desde a década de 80, eu já fiquei trancado lá quase 10 dias, sem conseguir vir embora. Então, né, naquela época, eu imagino que era muito mais frequente essa situação de ficar trancado na Ilha, né, de não poder vir. E tu tendo um animal lá que eventualmente tu pudesse caçar e alimentar as pessoas que estavam na Ilha, ele servia mesmo de até uma garantia pra essas próprias pessoas que iam pra Ilha. (Entrevista SCC, Anexo D)

Há quem diga que os animais foram introduzidos lá para serem caçados, como é apontado por Mazzer (2001) e pelos relatos coletados por Chamas (2008), condizente com a razão social de um clube de caça, pesca e tiro. Tal hipótese é negada pelos associados, apesar de episódios de matança de pássaros e abate de quatis na Ilha estarem relatados em atas de reuniões do Clube. A caça ao quati era comum no estado de Santa Catarina, sendo que a espécie também aparecia em livros nacionais relacionados à cinegética (Fernandes-Ferreira, 2014). Nas ocasiões mencionadas, aborda-se o abate do quati com a finalidade do consumo.

Ainda, uma ideia que se repetiu nas entrevistas e conversas com membros da Associação, foi a Ilha do Campeche como refúgio. Ao ser questionado sobre o porquê de se levar animais para a Ilha, um dos associados mais antigos responde: “Era pra povoar a ilha, né. Pra ter melhor um... pra formar um ambiente mais sadio, né” (Entrevista DA, Anexo C).

Outro associado, respondendo sobre se havia alguma restrição a levar plantas ou animais para a Ilha, diz que não: “trazer alguma planta, alguma coisa aí assim, é... um bichinho, pra soltar um passarinho, alguma coisa, isso aí não. Isso aí porque que traz o senso de proteção, que aqui na Ilha você não pode depredar, né. Só apreciar e... cuidar, né, tentar ajudar” e o motivo, de acordo com ele, era “100% preservar” para “viver mais perto dos animais que só tinha lá no meio do mato onde eles não iam” (Entrevista RZ, Anexo A). E para esses animais serem preservados, era necessário que a Ilha tivesse alimento. Assim, justifica-se também a introdução de espécies frutíferas exóticas. “E esses animais, muito deles foram... eles precisavam se alimentar. E a alimentação era pouca. E o produto era pouco. Que que tinha de produto? Tinha nada. Então fomos obrigados a plantar. Levar muda de araçá, que tem lá hoje, pitanga, laranjas, bananas...” (Entrevista DA, Anexo C). O regulamento interno do Clube era enfático na questão de preservação ecológica. Nele, proibia-se expressamente a caça e a captura de animais na Ilha e a coleta de flora na Ilha do Campeche. A penalidade era a indenização ou exclusão do quadro social.

Em resumo, a ocupação da Ilha do Campeche pelo Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães a partir da década de 1950 trouxe mudanças significativas tanto na paisagem ecológica quanto na dinâmica social da ilha. A transformação da ilha em um espaço de lazer para os associados do clube, distinto da ocupação anterior pelos pescadores, resultou em intervenções profundas no ecossistema local, incluindo a introdução de espécies exóticas de fauna e flora. Essas ações, inicialmente motivadas pela busca de recreação, subsistência e uma percepção de preservação, acabaram por gerar desequilíbrios ecológicos, como a poluição sonora, diminuição do fluxo hídrico e impactos na vegetação nativa. A introdução de espécies animais e vegetais, muitas vezes sem uma análise adequada dos impactos ambientais, exemplifica as complexas interações entre as atividades humanas e o meio ambiente insular. Embora houvesse uma intenção declarada de preservação e uma normativa interna do clube que visava a proteção ecológica, os resultados práticos dessas intervenções revelam um cenário ambíguo de benefícios e prejuízos para a biodiversidade local.

3. *NASUA NASUA*: INTRODUÇÃO, ADAPTAÇÃO E IMPACTOS AMBIENTAIS NA ILHA DO CAMPECHE

3.1 O QUATI-DE-CAUDA-ANELADA

Entre as espécies de fauna exótica, o quati é ainda hoje o maior expoente na Ilha. Sem predadores naturais, a espécie se multiplicou desmesuradamente desde que foi introduzida na metade do século passado. Os relatos colhidos por Cinthia Chamas (2008) contam que um casal dessa espécie foi introduzido na década de 1960. Já Mazzer (2001), aponta que foram dez casais. Entre os associados, os números variam entre dois a sete casais (Entrevista DA, Anexo C; Entrevista RZ, Anexo A). As informações a respeito de quantos indivíduos foram introduzidos variam, não havendo fontes para precisar a quantidade exata.

O quati é um mamífero quadrúpede de porte médio, cuja pelagem varia entre marrom-acinzentada e marrom escuro, com a região ventral mais clara, focinho alongado e flexível e pastas posteriores maiores que as anteriores, com grandes garras. Ele pode alcançar até 30 centímetros de altura e o triplo de comprimento, pesando entre 3 a 11 quilogramas. Pertence à ordem Carnívora, família Procyonidae e ao gênero *Nasua*, que se divide em duas espécies: *Nasua narica* e *Nasua nasua*, que diferem em questão de tamanho e da pelagem ao redor dos olhos e focinho, sendo o primeiro de pelagem clara, popularmente conhecido como quati-de-nariz-branco, e o segundo de pelagem escura marcando o rosto e a cauda, formando uma sequência de anéis ao longo da mesma, levando-o a ser reconhecido como quati-de-cauda-anelada (Oliveira; Avelino-Capistrano; Júnior, 2023). O foco deste trabalho é o quati-de-cauda-anelada, *Nasua nasua*.

O quati-de-cauda-anelada é endêmico da América do Sul, ou seja, só existe naturalmente nesse território. É a décima quinta espécie de mamífero mais abundante das florestas neotropicais (Furquim, 2019). Sua presença ocorre naturalmente do sul da Colômbia até o norte da Argentina, apresentando uma grande flexibilidade ecológica, estando presente em todos os biomas brasileiros (Allevato, 2013). Além disso, sua introdução é registrada em ambientes insulares como a Ilha de Robinson Crusoe, no Chile, e os territórios brasileiros da Ilha de Anchieta, em São Paulo, e da Ilha do Campeche, em Santa Catarina (Bonatti, 2006).

Trata-se de uma espécie escansorial, que se locomove principalmente no chão e em árvores, com hábito crepuscular-diurno, cuja maior parte do tempo é gasta na atividade de forrageio (Furquim, 2019). O forrageamento é a prática de busca de recursos alimentares nos

estratos do habitat, habilidade importante à sobrevivência e perpetuação de espécies no reino animal. No estrato terrícola, o quati faz uso das garras e do focinho para cavar o solo em busca de invertebrados e material orgânico. No estrato arbóreo, procura por frutos e bromélias para obtenção de água (Oliveira; Avelino-Capistrano; Júnior, 2023). Sua habilidade de forragear em diferentes níveis da floresta, tanto no solo quanto nas copas das árvores, contribui para sua versatilidade ecológica, deslocando-se com facilidade utilizando da cauda como membro semi-prênsil ou construindo conexões entre galhos suspensos no estrato arbóreo (Bonatti, 2006). Seu focinho alongado serve para vasculhar buracos no solo e fendas em árvores na busca por pequenos invertebrados e também nos tanques das bromélias (Allevato, 2013). Um exemplar dessa espécie pode ser visto na Figura 03:

Figura 3 – quati-de-cauda-anelada da Ilha do Campeche, 30 de maio de 2023



Fonte: acervo pessoal da autora.

O quati é um animal de alta plasticidade tanto em seu comportamento quanto em sua alimentação, valendo-se de diferentes estratos da floresta e variando sua dieta de acordo com a sazonalidade e disponibilidade de alimentos, tendendo mais a uma alimentação insetívora-frugívora, quando o ambiente lhe proporciona, ou carnívora de pequenos vertebrados (Furquim, 2019). A dieta onívora do quati inclui invertebrados e frutos, variando sazonalmente e flexibilizando de acordo com as condições do habitat. É um caçador

oportunista, predando pequenos vertebrados dependendo dos recursos da estação, e até mesmo peixes, crustáceos e serpentes, dependendo de sua localização. Este tipo de dieta é relevante pois o qualifica como um importante agente no controle de populações e possíveis vetores de doenças (Oliveira; Avelino-Capistrano; Júnior, 2023). Ainda, quando a área de vida do quati e uma área antropizada convergem, a espécie tem o hábito de vasculhar lixeiras e outras propriedades humanas na busca por alimento, como complementação à dieta (Allevato, 2013).

A área de vida é um conceito da Ecologia que diz respeito ao espaço onde uma espécie vive. É nessa área onde são realizadas as atividades diárias de forrageamento, descanso, alimentação, procriação, entre outros, pois é uma topografia familiar e segura para os indivíduos. Dentro dessa área, o gasto de energia é menor, pois o conhecimento do terreno permite a otimização na obtenção de recursos nutricionais e a eficiência na hora de evitar ou escapar de predadores (Bergallo, 1990). Estudos apontam que o quati pode se deslocar até dois quilômetros por dia, estabelecendo áreas de vida de diferentes tamanhos, que variam de acordo com o tamanho do bando ou tipo de ambiente.

O quati também tem a capacidade de manusear ferramentas improvisadas na busca por alimentos e a construção de “caminhos” nas árvores para facilitar o deslocamento no estrato arbóreo (Bonatti, 2006). Sua adaptabilidade oportunista revela-se também em áreas antropizadas, onde se entra em contato com alimentos processados, rejeitos, produtos de limpeza e higiene, por exemplo, que não fazem parte de sua rotina na natureza.

Além disso, o quati é reconhecido por sua estrutura social complexa. Vive em grupos sociais chamados bandos, cujo processo de formação e troca é bastante dinâmico e a comunicação acontece através de vocalizações. A quantidade de indivíduos no bando varia de acordo com a área que habitam. Há bandos no Pantanal que chegam a 40 indivíduos, enquanto na Mata Atlântica os bandos têm em torno de 15 integrantes (Allevato, 2013). Os bandos são compostos por fêmeas adultas e por filhotes, sendo os machos da espécie solitários na maior parte do ano. Eles se aproximam dos bandos apenas no período de acasalamento, que ocorre de julho a setembro (Oliveira; Avelino-Capistrano; Júnior, 2023). A gestação dura por volta de 10 a 11 semanas, produzindo de dois a sete filhotes, que após o primeiro mês de vida saem do abrigo para se juntar ao bando (Allevato, 2013). Esse padrão social é marcado por relações sociais intrincadas, como a cooperação na busca por alimento e a proteção coletiva contra predadores.

Um comportamento interessante dos bandos é a prática da limpeza social. Essa consiste na retirada de ectoparasitas da pelagem. Geralmente, é realizada nos momentos de

repouso do bando. Os indivíduos se auxiliam na extração de parasitas com o auxílio do focinho e das patas dianteiras, mordiscando e “cavando” os pelos e partes genitais. Apesar de acontecer principalmente entre mãe e filhotes, também ocorre a prática da auto limpeza entre indivíduos solitários (Oliveira; Avelino-Capistrano; Júnior, 2023).

A seleção de habitats por populações animais não humanos reflete uma escolha dos indivíduos com o objetivo de maximizar a sobrevivência e reprodução da espécie, ocupando áreas que ofereçam recursos qualitativos de baixo custo de obtenção para suprir suas necessidades energéticas (Allevato, 2013). É um processo que não ocorre de forma aleatória, mas que leva em consideração fatores genéticos, comportamentais, interações intra e interespecíficas de colaboração, competição e predação, além de questões que vão além dos indivíduos, como aspectos geográficos, climáticos, ecológicos e de disponibilidade de recursos (Bonatti, 2006).

A plasticidade ecológica do quati permite que ele prospere em condições ecológicas variadas, como é perceptível pelos diferentes biomas em que a espécie é encontrada. Sua presença na Ilha do Campeche, entretanto, não se dá por fatores naturais. Como abordado no capítulo anterior, a história do quati na Ilha do Campeche está associada à ocupação da mesma pelo antigo Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães, que introduziu a espécie na segunda metade do século XX.

3.2 O QUATI NA ILHA

Uma espécie é considerada exótica quando é introduzida por ação humana, proposital ou não, em um ambiente que não é seu ambiente natural. Neste novo ambiente, a espécie introduzida deve superar as condições climáticas, geográficas e biológicas do ecossistema e, caso obtenha o sucesso e consiga reproduzir-se e gerar descendentes férteis, torna-se uma espécie estabelecida. Quando o número de indivíduos aumenta e estes passam a competir com outras espécies ameaçando a biodiversidade nativa, essa se caracteriza como uma espécie exótica invasora (Furquim, 2019). A bibliografia específica sobre a espécie *Nasua nasua* na Ilha do Campeche é escassa. Bonatti (2006) não utilizou a categoria espécie exótica invasora ao analisar os comportamentos do quati na Ilha. Já o trabalho de Furquim (2019), pouco mais de uma década depois, categoriza a espécie dessa forma e, a partir da teoria da Biogeografia de Ilhas, analisa que nas proporções geográficas menores e mais demarcadas de uma ilha, os impactos causados por espécies exóticas são observados mais rapidamente, por conta da fragilidade ecológica dos ambientes insulares. Assim, os efeitos da introdução do quati na Ilha

do Campeche, cerca de sete décadas depois, já são evidentes à análise e geram debates para projetos de reparação ecológica.

O quati é o maior animal não humano da Ilha do Campeche. Antes de sua introdução, o maior mamífero que habitava a Ilha era a espécie nativa *Didelphis sp.*, um gambá. Ele cumpria o importante papel de predador de pequenos insetos e possíveis vetores de doenças, fazendo o controle destas populações. Após o quati ser levado para a Ilha, o número de gambás foi gradualmente diminuindo. Na competição por alimentos e território, o gambá saiu derrotado. De acordo com os relatos coletados por Cinthia Chamas (2008) e Isabela Furquim (2019), o quati chegava mesmo a se alimentar do gambá. Atualmente, o gambá está extinto na Ilha do Campeche e o declínio desta espécie nativa está diretamente relacionado ao aumento de indivíduos da outra, “[...] logo em seguida botaram foi se acabando, né? Em 52 quando levaram o quati pra lá foi se acabando” (Chamas, 2008, p. 200).

No ecossistema favorável da Ilha do Campeche, sem predadores ou espécies que competissem por recursos e território, o quati prosperou. Sua dieta onívora permite que incorpore recursos da fauna e da flora da Ilha em sua alimentação, forrageando nos estratos terrícolas da Restinga e arbóreos da Floresta Ombrófila Densa, e caçando pequenos moluscos e outros invertebrados nas áreas de Costão Rochoso, transitado assim entre as várias formações vegetais da Ilha.

Ainda se fazem necessários estudos específicos que comprovem de maneira definitiva a relação entre a introdução do quati e a extinção do gambá, mesmo que os indícios apontem nessa direção. No que concerne à avifauna da Ilha, as evidências mais concretas. O quati se alimenta de pássaros e ovos, que faz com que seja apontado como responsável também pela diminuição das espécies de aves (Furquim, 2019). A predação dos ninhos por parte do quati teve impacto não só sobre as aves que já eram típicas da Ilha, como o tiê-sangue, o aracuã, o sabiá, entre outras, mas também sobre as espécies introduzidas pelo Clube como a saíra-sete-cores, a saracura e a galinha: “É. Porque eles devoram. O pássaro se estava num ninho com ovos e vão lá e devoram os ovos. Se tem filhotes eles vão lá e devoram os filhotes [...] Eles são superpredadores. Os quatis são.” (Entrevista DA, Anexo C).

Ainda, outra espécie ameaçada pela predação do quati é uma subespécie de anfíbio endêmica da Ilha do Campeche, a *Leptodactylus gracilis dellatini*. Essa subespécie existe apenas na Ilha e foi descoberta em 1968, adaptada às suas condições ambientais específicas, habitando principalmente ambientes onde a água doce se encontra com a água do mar. O anfíbio também desempenha um importante papel no controle de populações, pois sua alimentação consiste em mosquitos e larvas. Como aconteceu com o gambá no século XX, o

Sapinho da Ilha do Campeche também corre o risco de extinção na Ilha por conta do quati (Salve, 2021).

Em relação ao controle de populações, há a predação de artrópodes, insetos e roedores, que também fazem parte da dieta da espécie. Relatos apontam que havia muitos escorpiões na Ilha, especialmente perto dos poços de água, constituindo um risco para aqueles que faziam uso deles (Chamas, 2008). O consumo de escorpiões e aranhas pelo quati é apresentado como um dos motivos para a introdução da espécie na Ilha (Salve, 2021). É evidente que o quati prevaleceu. Desde sua introdução na segunda metade do século passado até os dias de hoje, a população de *Nasua nasua* cresceu exponencialmente. Tudo isso às custas de outras espécies da fauna nativa e introduzida, desbalanceando a cadeia trófica.

[...] e também o quati ele tem uma situação que ele preda muito outros animais. E na ilha tem um escorpião, tem uma aranha, então até com essa finalidade também. Ele preda os outros animais que têm na Ilha. E hoje ele predou quase tudo na Ilha, né, ele não tem predador pra ele, então ele vai desde o ovinho do passarinho até as galinhas que têm lá, de Angola, ele mata qualquer bicho, qualquer coisa que se mexa ele vai tentar, é, matar, né, porque ele é um... ele é o maior predador da Ilha né, ele é o topo da cadeia (Entrevista SCC, Anexo D).

Apesar de seus hábitos carnívoros o qualificar como uma ameaça a outras espécies da Ilha, especialmente à avifauna, o quati é predominantemente frugívoro. O consumo de frutos e sementes em sua dieta faz com que ele se constitua num importante vetor de dispersão de plantas. O jerivá, por exemplo, é uma palmeira nativa cujo fruto é altamente consumido pela espécie, e se encontra distribuída ao longo de toda a extensão da Ilha, em parte por conta do quati. Esse é um papel importante, pois é através da dispersão que as plantas encontram novos ambientes propícios e ampliam sua área de ocorrência. O sucesso na dispersão das sementes é determinado quando, após a passagem pelo tubo digestivo e defecadas, as sementes ainda são capazes de germinar e gerar novos indivíduos (Alves-Costa, 1998). De acordo com Bonatti (2006), a população de *Nasua nasua* na Ilha do Campeche é sustentada essencialmente por frutos do jerivá, mas se alimentam, e por consequência dispersam sementes, também de jambolão, pitanga e coco-da-bahia. Por transitar pelas diversas formações vegetais, o quati tem impacto no sucesso reprodutivo das plantas na Ilha do Campeche.

E esse coqueiro, esse coco-melado que tem aqui, isso aí foi introduzido para o quati comer. O coco-melado é o alimento principal do quati, esse coqueiro, né. Então, e eles comiam esse coco-melado, e saíam, defecavam pelo mato e por onde eles passavam iam reflorestando a Ilha. Então acho que invés de Ilha do Campeche acho que Ilha do Coqueiro devia ser, né (risos). Que é tanto coqueiro que tem na Ilha por causa desses quatis. [...] Exatamente, os quatis, eles dispersaram muito, muitas plantas aqui, né. Não só o coqueiro, outras plantas também. Nós temos pé de, acho

que é guabiroba, é uma fruta amarela comprida. Ou é... Não sei se é guabiroba de certeza, mas é um nome parecido com isso. Ela parece um kiwizinho bem pequenininho, assim, amarelinho, bem docinho. Eu me lembrava que só tinha lá perto da Trilha da Piteira, agora já descobri que tem pé ali no, perto do descamador, tem pé lá pra trás da Casa 3 também, eu acredito que é os quatis, né, que é doce, eles gostam (Entrevista RZ, Anexo A).

Ainda, estudos a respeito da espécie *Nasua narica* apontam que o hábito de forrageio nos estratos terrícolas e arbóreos contribui também no processo de polinização, qualificando o quati-de-nariz-branco como um agente polinizador (Bonatti, 2006). O hábito de forragear em diversos estratos do ambiente, bem como a maleabilidade de transitar por diversas formações vegetais, está presente também na espécie *Nasua nasua*, manifestando-se em seus hábitos diários na Ilha do Campeche. Como já mencionado, a espécie ainda carece de estudos e bibliografia específica, especialmente em ecossistemas mais ao Sul do continente, e o quati-de-cauda-anelada da Ilha do Campeche apresenta características ainda mais singulares que merecem o estudo aprofundado de outras áreas do conhecimento.

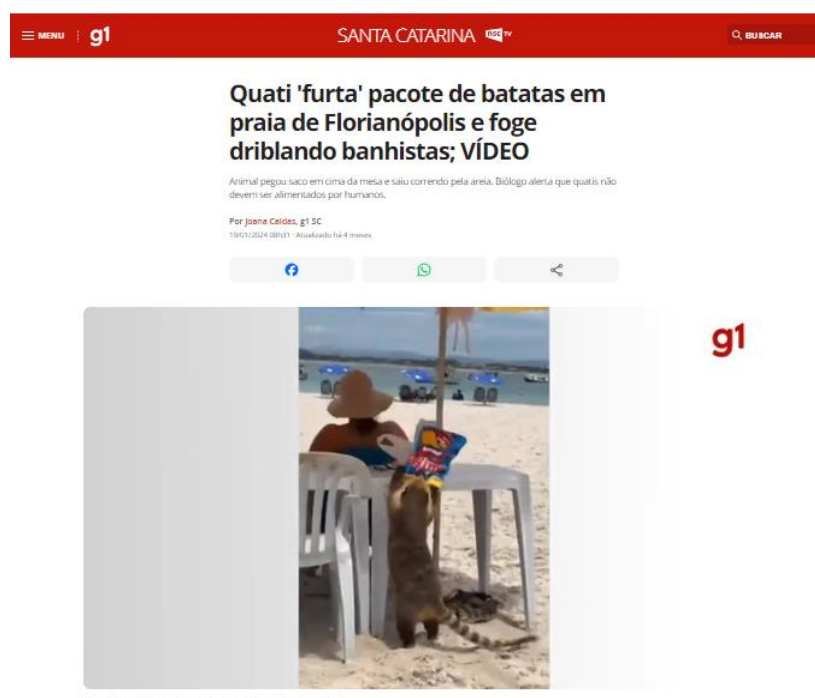
Quando estabelece suas áreas de vida em proximidade a ambientes antropizados, o quati ainda complementa sua alimentação com o que encontra de rejeitos ou então é capaz mesmo de furtar de habitações humanas. Na Ilha, estes ambientes eram, a princípio, as casas construídas pelo antigo Clube para os “weekends” dos sócios. À época, havia a sede do Clube, o Casarão, a Casa 2 e a Casa 3. Atualmente, uma delas não existe mais, pois pegou fogo e não foi reconstruída. E há também a casa do chacreiro, funcionário da Associação. A primeira convivência do quati com humanos na Ilha do Campeche foi com os membros do antigo Clube de Caça, Pesca e Tiro. A proximidade da espécie das áreas de vivência e lazer do Clube, e, portanto, a interação entre ambos, foi uma constante, e isso perpassa também o contato do quati com a alimentação humana, que muitas vezes era ofertada pelos próprios associados/sócios: “e da alimentação que sobrava da nossa refeição, a gente deixava fora e eles participavam” (Entrevista DA, Anexo C).

Em determinado período, o quadro de associados chegou a atingir as quatro centenas (Entrevista SCC, Anexo D). A oferta constante das sobras da alimentação dos associados teve impacto direto no crescimento populacional e nos hábitos alimentares do quati. Como comenta outro associado: “[...] a gente jogava sempre comida, resto de comida pra eles, que era uma maneira de... dos nossos dejetos orgânicos que sobravam, coisa assim, eles comiam. A gente alimentava eles também, né. Tinha... Nós tínhamos a espécie desse bom senso” (Entrevista RZ, Anexo A).

A afirmação da Ilha como ponto turístico significou também uma demanda por estabelecimentos que comportassem o aumento da visitação diária. Foi inaugurado ali o

Restaurante Bacalhau, onde os turistas podem comprar alimentos e utilizar as instalações de banheiro. Durante a alta temporada, o funcionamento do restaurante é diário, com uma larga produção de lanches e porções, da qual uma parcela é rotineiramente extraviada por um quati solitário ou um bando de passagem pela praia. Houve até episódios de invasão da cozinha do restaurante. Além disso, é permitido aos turistas que visitam a Ilha que levem alimentos consigo para consumo próprio - o comércio por ambulantes não é permitido. Tudo isso está disponível à sagacidade e agilidade do quati em apanhar uma porção de batata frita ou um pacote de salgadinho e correr para a área de mata.

Figura 4 – matéria do G1 SC sobre o quati na Ilha do Campeche



Fonte: G1 SC, 19 jan. 2024

Desta forma, o uso dos estratos florestais e arbóreos pela espécie está relacionado à variação sazonal, mas também às temporadas de visitação turística. Durante o outono e o inverno, o quati se alimenta principalmente dos frutos do jerivá, e, portanto, nesses meses faz uso principalmente do estrato arbóreo (Bonatti, 2006). Já a prática do forrageio em estratos do solo nos meses de primavera e verão está associada à maior riqueza de flora e fauna terrícola nestas estações, assim como à alta temporada de turismo na Ilha (Furquim, 2019). O aumento de visitantes significa uma fonte fácil de alimentos com o aumento da produção de comida com o funcionamento diário do restaurante e de lanches levados pelos turistas.

Enquanto os bandos tendem a permanecer nas áreas de floresta, os indivíduos solitários estão mais próximos das ocupações humanas (Bonatti, 2006). Quem visita a Ilha do

Campeche, especialmente durante a alta temporada nos meses de dezembro a março, é alertado sobre o comportamento sorrateiro e oportunista do quati, com avisos sobre o cuidado com bolsas e embalagens de alimentos que possam ser levadas, como é apresentado na Figura 05:

Figura 5 – Publicação de alerta a respeito do quati no Instagram da ACOMPECHE, 17 de janeiro de 2019



Fonte: Instagram ACOMPECHE

Os monitores da Ilha, além de cartazes e postagens em redes sociais, orientam os visitantes a não alimentar os animais. Isso porque muitas pessoas tendem a oferecer comida na tentativa de atrair o quati para um registro fotográfico ou mesmo para acariciá-lo, o que também não é recomendado. A oferta de comida, quando esta não é parte da dieta dele, pode causar problemas de saúde em seu organismo. E, mesmo quando são ofertados frutos, isso

tem consequências sobre o comportamento do animal, pois o desestimula a buscar alimento na natureza.

Figura 6 – Publicação orientando em relação às regras para visitação da Ilha do Campeche no Instagram do Patrimônio Ilha do Campeche, 12 de janeiro de 2024



Fonte: Instagram Patrimônio Ilha do Campeche

A presença de turistas na Ilha do Campeche já é um fator contabilizado pelo quati na obtenção de alimentos, um hábito adquirido pela espécie, como nota um dos associados:

Agora, também, vou dizer pra você: eu nunca tinha visto nos últimos anos os quati atacar turista na praia pra comer. Que a fome era grande, calculo deles ali. Ou se eles se adaptaram ao sistema, porque, em vinte e poucos anos que eu fui sócio aqui, era difícil ver um quati pisar na areia. Não pisava. E agora nos últimos verões, os quati tão desfilando aí com os turista aí pela areia. (Entrevista RZ, Anexo A)

Acostumado aos grupos humanos, a ronda pela praia para obtenção de alimento faz parte de sua rotina durante a alta temporada (Furquim, 2019). Isso porque a obtenção de alimentos na praia nos meses de verão é mais simples, tanto pelo que é oferecido pelos

turistas (mesmo apesar de todas as orientações ao contrário), quanto pelo que é deixado para trás ou então está “descuidado” para ser agarrado e levado embora.

As características físicas, a plasticidade nos hábitos e no uso dos recursos de cada habitat, a dieta onívora e as condições específicas do ecossistema e da frequência da Ilha do Campeche contribuíram para que o quati prevalecesse. Como espécie exótica invasora estabelecida, seus números populacionais multiplicaram-se rapidamente nas décadas posteriores a sua introdução.

Então tu tinhas os bichos lá, eles conviviam, não tinha tanta quantidade, é, o dano que ele causava na associação era entrar nas casas, revirar, às vezes eles tiravam até telha pra entrar, né, então seria mais uma convivência... é, não muito amistosa, digamos assim. Mas tavam lá, e, né, num número controlado assim. E de um tempo pra cá com a vinda do turismo na Ilha, ele teve um aumento significativo na quantidade de alimento desses animais. Com os restaurantes, o excesso de sobra de comida, tudo isso era dado pros animais. Inclusive os animais roubavam as comida, roubam ainda, né, as comida dos turistas. O que que desencadeou? Uma superpopulação. Cada ninhada que vinha 3, 4, vieram 8, 10 filhotes. Então chegou num determinado momento que nós estávamos com uma população muito grande de quati na Ilha, né. Então o que a gente percebeu mais ou menos era isso, assim, que lá num determinado momento lá atrás era existia o quati, mas ele convivia mais harmoniosamente, passava mais despercebido, né, e ultimamente com essa superpopulação, com a chegada do turismo, com esse excesso de alimento, ele chegou num ponto de ter muito quati na Ilha, de ele atacar as mesas no restaurante, de ele roubar as bolsas das pessoas, né, ele, sabe, ele meio que saiu de controle, assim. (Entrevista SCC, Anexo D)

A presença de espécies exóticas invasoras introduzida por seres humanos é uma das maiores causas de extinção de espécies no planeta (Furquim, 2019). Na Ilha, isso já aconteceu com o gambá, e atualmente está em risco também a espécie de anuro. O aumento de indivíduos da espécie significa uma maior demanda alimentar, maior predação e maior competição por habitat, todos fatores já elencados e que desencadeiam desequilíbrio ecológico.

4. RELAÇÕES INTERESPECÍFICAS: QUATIS E HUMANOS NA ILHA DO CAMPECHE

4.1 CONVIVÊNCIAS E CONFLITOS

Quando uma espécie silvestre, como o quati-de-cauda-anelada, é retirada de seu habitat e introduzida em um ecossistema novo, com área e disponibilidade de recursos menores do que está acostumada e maior proximidade e contato com seres humanos, como a Ilha do Campeche, as consequências são a nível comportamental, fisiológico, social e ecológico.

O tamanho das áreas de vida varia nos biomas onde a espécie é encontrada. No Cerrado, pode chegar a 7,5 km² por indivíduo. No Pantanal, a variação observada foi de 1 a 3 km². Na Mata Atlântica, a área de vida da espécie *Nasua nasua* varia entre 2 e 7 km² (Allevato, 2013). Para efeitos de comparação, a Ilha do Campeche tem uma área total equivalente a 0,5 km² (Eschiletti, 2012), muito menor do que a área de vida que essa espécie costuma habitar no continente. Diariamente, em áreas continentais, o quati percorre uma média de 1,5 quilômetros. A Ilha do Campeche tem cerca de 1,6 quilômetros na direção Norte-Sul e 0,5 quilômetros na direção Leste-Oeste. O quati não tem como se movimentar livremente para além desta área. Seu movimento é cerceado pelos limites naturais impostos pela geografia da Ilha. O quati é um animal oportunista que, como qualquer espécie, irá buscar alimento onde é mais fácil. As instalações humanas são fontes fáceis de alimento. Porém, na pequena extensão da Ilha, é impossível que as espécies vivam isoladamente. A interação é inevitável.

O sucesso na adaptação do quati à Ilha se manifesta em sua população expressiva. No entanto, a espécie se reproduziu a tal ponto que superou a disponibilidade de recursos disponíveis no ecossistema (Salve, 2021). Não se sabe ao certo a quantidade de indivíduos da espécie na Ilha atualmente, sendo que os ninhos estão espalhados por toda a extensão da Ilha em área de Floresta Ombrófila Densa e há até mesmo avistamentos de indivíduos em área de Costão Rochoso, que estão fora das trilhas acessíveis a seres humanos (Mazzer, 2001).

Embora nenhum dos trabalhos de pesquisa a respeito da Ilha tenha implementado um método específico de contagem, é possível afirmar com base nos estudos realizados sobre a espécie em outras áreas que a densidade de indivíduos da espécie *Nasua nasua* na Ilha do Campeche está acima do que é observado da sua população em áreas continentais. A alta

densidade é observada principalmente em locais onde o quati tem possibilidade de complementar sua dieta com recursos de origem antrópica, como o Parque das Mangabeiras, em Minas Gerais, e o Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná (Allevato, 2013).

Em uma área onde sua ocorrência não é natural, tendo sido introduzido um número indefinido de indivíduos da espécie, sem atenção ou conhecimento ecológico a respeito de suas condições de saúde ou reprodução, a população de *Nasua nasua* na Ilha atingiu rapidamente o ponto de endogamia. Isso significa que indivíduos aparentados copulam e reproduzem, e toda a população existente na Ilha é geneticamente semelhante. A falta de variabilidade genética pode apresentar impactos sobre a saúde, longevidade e fertilidade de uma espécie, pois quaisquer problemas genéticos passam de geração em geração (Salve, 2021).

O quati na Ilha do Campeche teve que se adaptar. Sua área de vida é menor. A disponibilidade de recursos é menor. Há a presença constante de humanos, muitas vezes perpassando seu habitat. Ele aprendeu a complementar sua dieta se aproximando das instalações humanas, como é possível ver na figura 07, em que um bando se encontra na entrada da Casa 3 e é alimentado por um funcionário da Associação

Figura 7 – bando de quatis sendo alimentados por um funcionário da ACOMPECHE.



Fonte: ACOMPECHE.

A oferta de comida desestimula o animal a ir atrás do próprio alimento através do forrageio e da predação, ou seja, impacta diretamente seu comportamento, pois deixa de buscar comida na natureza (Furquim, 2019). Além da dependência de alimentos de origem antrópica, isso faz com que a espécie perca seu papel ecológico de dispersor de sementes e controlador de populações (Oliveira; Avelino-Capistrano; Júnior, 2023)

Ainda, o impacto dessa complementação à dieta é também a nível fisiológico, porque os alimentos produzidos para consumo humano não se adequam às necessidades nutricionais do quati. Alimentos humanos são ricos em sódio, gordura e açúcares, bem como conservantes químicos e corantes no caso de alimentos industrializados, que podem ser prejudiciais à saúde de um animal silvestre.

Além da questão nutricional, pode ser que no revirar os rejeitos das áreas antrópicas ou furtando embalagens de comida, o quati entre em contato com o material não comestível que envolve os alimentos, como embalagens plásticas e de alumínio de salgadinhos e bebidas gasosas, por exemplo. Não só a ingestão desses materiais danifica o trato digestivo do quati, mas significa também que elementos não degradáveis são levados para dentro de suas áreas de vida, espalhando lixo humano por áreas naturais (Allevato, 2013; Furquim, 2019).

Entretanto, não foram apenas os hábitos alimentares do quati que foram alterados. Sua adaptação à Ilha do Campeche significou uma mudança também em outros comportamentos. Uma particularidade da espécie na Ilha do Campeche foi observada por Bonatti (2006) ao analisar a construção de ninhos no estrato terrícola. O quati tende a construir seus ninhos no estrato arbóreo, arquitetando caminhos entre as copas das árvores, onde pode descansar, realizar a limpeza social ou a autolimpeza e parir e cuidar dos filhotes estando em segurança dos predadores. Como na Ilha a espécie não possui predadores, são encontrados ninhos no solo, uma excepcionalidade para a espécie (Allevato, 2013).

Como já abordado no capítulo anterior, o quati tem o hábito de se limpar. Seja como prática social do bando ou dos indivíduos solitários, a espécie realiza regularmente sua higiene para a extração de ectoparasitas. Além de utilizar o focinho e as garras para “catar” esses parasitas da pelagem, a espécie também pode valer-se de artrópodes, secreções de plantas com propriedades analgésicas e repelentes e fezes de predadores, que possuem um odor pungente, esfregando-os contra seus corpos para aliviar coceira, evitar a proliferação de fungos e bactérias em áreas quentes e úmidas e mesmo como um repelente contra mosquitos e carrapatos. Esse ato é chamado de unção (Gasco, 2017).

O que acontece na Ilha do Campeche é que o quati aprendeu a realizar a unção com produtos de higiene humanos, como sabonetes, sabões e detergentes (BBC News Brasil,

2018). Como os bandos e indivíduos solitários convivem em proximidade com as áreas humanas, o acesso a produtos sanitários é tão simples quanto o acesso a alimentos. Este hábito foi observado pela etóloga Aline Domingues Carneiro Gasco quando realizava um estudo de caso da espécie na Ilha. Diante disso, o comportamento foi analisado em conjunto com o psicólogo André Manoel Pérez-Acosta e a bióloga Patrícia Ferreira Monticelli no artigo “*Ring-tailed coatis anointing with soap: a new variation of self medication culture?*” (2016) e verificou-se que a prática da automedicação com produtos de origem antrópica já estava bem estabelecida entre a espécie na Ilha e era transmitida de forma geracional, ou seja, um aprendizado passado pelos indivíduos mais velhos aos indivíduos mais novos. Isso significa uma mudança na cultura de automedicação da espécie neste ecossistema.

O uso destes produtos pelo quati pode estar associado à inexistência ou então à pouca quantidade de plantas de propriedade medicinal que atendam à alta densidade da espécie (Gasco, 2017). Também não é possível recorrer às fezes de predadores, visto que o quati é o maior mamífero e predador da Ilha do Campeche.

É consenso entre aqueles que pesquisam a espécie que a plasticidade do quati faz com que ele altere seu comportamento de acordo com a intensidade e a frequência da interação com seres humanos (Oliveira; Avelino-Capistrano; Júnior, 2023). Mas este processo não é unilateral. Não foi apenas o quati da Ilha do Campeche que teve de se adaptar. Os frequentadores humanos da Ilha também tiveram que aprender a moldar seus hábitos para conviver nesse espaço.

O comportamento furtivo do quati, por exemplo, sempre foi motivo de queixas e tomada de medidas preventivas, como colocação de telas nas janelas e manter os acessos às casas fechados (Entrevista AC, Anexo B). As principais reclamações são relacionadas à alimentação, tanto pela questão do apetite voraz do quati quanto pela necessidade de estar sempre alerta em relação ao consumo de alimentos em áreas abertas a fim de evitar atrair o animal.

Eu presenciei, lá na casa 2, os quati viviam sempre morto de fome, né, é um bicho que acho que come o dia todo e nunca tá satisfeito. Nós tínhamos telha brasilit, toda guardadinha lá, empilhadinha assim, eram usadas, né, muitas coisas que a gente tinha era doação. Uma pilha grande de telhas todas de ladinho assim, encostadas na parede na Casa 2, e cria lá lagartixa, barata, esses bicho assim, né, e os quatis eram tão, assim, devastadores, que eles pegavam as telhas, abriam as telhas, quebravam as telhas, jogando assim, né, virando elas, e ficavam uns 5, 6 em volta ali, era uma turminha, né. E eles catavam a barata, a lagartixa, a aranha, o que tivesse de ser vivo ali naquele meio eles comiam. E eles entravam, roubavam muita comida da gente. O Casarão, é... A gente tinha que se trancar por dentro por causa da invasão que tinha, né. E... Depois, aqui no verão eles desciam aqui pra região onde tem várias pessoas. (Entrevista RZ, Anexo A)

Outro entrevistado, associado de longa data do Clube, comenta, num tom mais ameno, “Então quando nós chegávamos lá, nós tínhamos que esconder toda alimentação que nós levava [inaudível] dentro do armário e fechar. Porque se deixasse aberto eles pegavam. Eles e os macacos pegavam. [...] Era um cuidado a mais” (Entrevista DA, Anexo C).

O próprio Regulamento Interno do Clube, de 1983, além de regimentar sobre normas comportamentais e morais, estabelecia também precauções a serem tomadas no trato dos pescados para evitar atrair os bandos. Recomendações acerca da escamação e limpeza dos peixes, orientações a respeito do destino dos detritos e cuidados com a limpeza das áreas externas de preparo de comidas, segundo uma funcionária da Associação, serviam também para evitar que os bandos ou indivíduos solitários se aproximassem na tentativa de obter alimentos.

A convivência é relatada de forma variada entre os entrevistados. A diferença na percepção está relacionada às diferentes faixas etárias, tempo de associado e papel dentro do Clube/Associação. Uma entrevistada, da segunda geração de associados de sua família e que frequenta a Ilha desde a infância, comenta a respeito de suas lembranças em relação à espécie:

Então, eu tava até perguntando pro Silvío, “Silvío, quando a gente era adolescente os quatis... incomodavam? Como é que era?” Tinha os quatis já. Tinha mais, tinha... Tinha quati, assim não tinha nem muito nem pouco. A gente via sempre, mas, é, o que eu lembro mais era dos saguis, até. [...] Aí os quatis, eles existiam mas eles não chamavam muita atenção, não faziam bagunça. Tinha essa história já do sabonete, de roubar bolsinha de sabonete e ficar se esfregando, se ensaboando. Mas eles não vinham assim tão próximo das pessoas. [...] mudou bastante. Que antes a gente não percebia eles como um problema. Né. Até hoje, pra falar bem a verdade, eu ainda acho os argumentos relativamente a eles... Claro que eu sei que eles são uma população bem maior, mas como eu tenho essa visão do passado, eles não eram um problema, assim. Essa coisa, a gente via... Eu acho que nesse caso era até mais... É, uma posição mais de respeito aos animais do que... que é de que eles... A gente tinha que cuidar da casa pra eles não entrarem, mas eles não tinham que ser espantados, até porque não tinha uma população enorme, né. A gente não ficava assim. Se deixasse as coisas abertas eles entravam, mais os saguis do que os quatis naquela época, mas não tinha que ficar espantando, eles não incomodavam, não chegavam perto. Então a visão que a gente tinha deles era de convivência, assim. [...] Era essa coisa do silvestre mesmo. Tinha o silvestre, um pouquinho doméstico porque eles chegavam perto, né, mas é como os passarinhos, os quatis, os saguis, eles circulavam pela Ilha. A gente tava numa ilha em que todo mundo vive na chácara, tem mato ao redor, então não me parecia um problema, ninguém lidava dessa forma, assim. Ninguém falava em caçar porque eles tavam incomodando, apesar da história ter sido essa, mas as pessoas não se relacionavam com ele assim, não espantavam. Era uma convivência bem tranquila, eu acho. Que eu me lembre, pelo menos, né. Daí eu não sei como é que era com os adultos, porque como a gente não lidava com as coisas de louça, de comida, disso e daquilo, não sei se é por isso que eu não tenho essa percepção, mas a gente não tinha essa... As crianças, os adolescentes... Fazia parte do exótico da Ilha ter quatis. Porque como a gente vivia no urbano, né, eu pelo menos, mas a maioria das pessoas que eram os meus amigos a gente não tinha bicho perto, tão perto, a não ser cachorro, gato. (Entrevista AC, Anexo B)

É interessante notar essa percepção da Ilha como o lugar do exótico. Essa ideia é uma continuação da forma como a Ilha era vista pelos primeiros associados do Clube, que obtiveram a concessão da Ilha do Campeche como um refúgio da vida na “URBS” em seus “weekends” (“Week-end” [...], 1952, p. 8). De acordo com o historiador literário Raymond Williams (1973), a dicotomia entre cidade e campo – no caso do presente trabalho, cidade e Ilha – é atestado de uma crise social pós Revolução Industrial. A cidade é local de individualidades, de isolamento e de trabalho, enquanto o campo, ou a Ilha, é ambiente de sociabilidade e lazer. Tal percepção de refúgio, em todos esses sentidos, embasou a introdução de espécies exóticas na Ilha numa tentativa primitiva de preservação ecológica, sem análise de condições do ecossistema e possíveis impactos.

O historiador Alain Corbin (1989), no livro “O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental”, analisa a construção da praia como espaço de lazer. Ao longo da Idade Moderna e Contemporânea, a representação da vida marítima e à beira-mar passa por constantes transformações e representações – lugar do desconhecido, de “monstros”, de recuperação da saúde, até chegar a lugar de lazer. Em Florianópolis, a Ilha do Campeche esteve associada ao trabalho durante o século XIX, quando da caça às baleias para produção de óleo, e no século XX quando os pescadores das regiões da praia da Armação e Pântano do Sul ali estabeleceram seus ranchos. A partir da segunda metade do século XX, com a instalação da sede do Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães, a Ilha era local de descanso e lazer, não necessariamente relacionados à praia. Na década de 1990, no entanto, a Ilha do Campeche passa a ser veiculada como um ponto turístico do município de Florianópolis, o que faz aumentar o número de visitantes.

De acordo com a percepção de associados mais antigos, o quati é apontado mesmo como um dos atrativos turísticos da Ilha: “E nisso tudo, começaram “ah, a Ilha é cheia de quatis”, “a Ilha é cheia de quatis”, aí era o atrativo principal que os turistas vinham à Ilha. [...] E... e isso era uma... o que era uma atração para os turistas pra nós começou a ser uma incomodação” (Entrevista RZ, Anexo A). Isso se mantém até hoje. Ao pensar a relação com o quati e as condições da espécie na Ilha atualmente, outra associada reflete:

Que daí assim, a partir de um certo momento, eu também acho que eles ficaram como um... um algo que as pessoas vinham pra cá e já sabiam que eles existia. Daí elas, né, os turistas “Ah, tem quati na Ilha”, “Ata. Onde é que tão os quatis?”, daí também acho que eles viraram mais tema, né. Antes era mais eles apareciam ou não apareciam, fazia parte da natureza. (Entrevista AC, Anexo B)

A relação entre o turismo e o aumento da população do quati na Ilha é notada ao longo de todas as entrevistas. “Não tinha isso de que eles atrapalhavam. Eles não iam pra praia. Não

lembro de quati na praia naquela época. Então também essa parte da população grande, de eles ir na praia, pegando coisa de turista, até porque naquela época não tinha turista, né” (Entrevista AC, Anexo B). Essa relação também é apontada, inclusive, em comparação com o aumento dos conflitos entre as espécies.

Então o que a gente percebeu mais ou menos era isso, assim, que lá num determinado momento lá atrás era existia o quati, mas ele convivia mais harmoniosamente, passava mais despercebido, né, e ultimamente com essa superpopulação, com a chegada do turismo, com esse excesso de alimento, ele chegou num ponto de ter muito quati na Ilha, de ele atacar as mesas no restaurante, de ele roubar as bolsas das pessoas, né, ele, sabe, ele meio que saiu de controle, assim. (Entrevista SCC, Anexo D)

O aumento no número de indivíduos acarreta numa maior demanda por alimentos e, conseqüentemente, na presença mais assídua da espécie na praia e próximo às instalações humanas. Durante as entrevistas, que aconteceram em espaços abertos na Ilha do Campeche, próximas às áreas de preparo de alimentos e socialização, um associado traz à tona a ausência da espécie nos arredores:

Porque pra você ver, hoje nós estamos aqui, pela falta de quatis, hoje isso aqui tá limpo, tá organizado. Se tu viesse aqui há uns cinco anos atrás, qualquer coisa, isso aqui era tudo fezes por cima, urina aqui assim, por onde eles passam aquele bando deles, eles reviram tudo, quebram tudo. Isopor, não podia nada assim, que eles chegavam, eles quebravam... Era uma devastação aonde eles passavam. Então pra nós isso não é interessante. (Entrevista RZ, Anexo A)

O descontentamento em relação à espécie não é apenas por parte dos associados. Furquim (2019) fez um levantamento qualitativo e quantitativo das percepções da espécie por parte daqueles que trabalham na Ilha do Campeche, sendo observado que a grande maioria das pessoas consultadas considera a presença do quati na Ilha como ruim ao serem solicitadas a qualificá-la como boa, indiferente ou ruim.

Nessas relações conflituosas, é possível perceber a agência histórica do quati. De acordo com a historiadora Laianny Terreri (2022, p. 8-9), a resistência é sinal de agência “ao fingir ignorância, ao rejeitar comandos, nas queixas vocais, na quebra de equipamentos, na fuga e no confronto direto. Em um mundo dominado por humanos, o ato de resistir à opressão é ainda o único recurso dos animais”. O quati resistiu, e por isso prevaleceu.

4.2 OS EFEITOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA POPULAÇÃO DE QUATIS

A evolução em contato direto com humanos, com acesso a produtos de higiene e limpeza inadequados para suas necessidades, e a complementação de sua dieta com alimentos

ricos em sódio, açúcares e gorduras, para compensar a escassez de recursos em um habitat já saturado pela sua população, resultou em impactos negativos significativos para o quati da Ilha do Campeche. Esses fatores contribuíram para que a população sofresse severamente durante o período de quarentena imposto pela pandemia de COVID-19.

Então essa praia super lotada [...] no verão realmente tá super lotado. E aí fica muita sujeira, talvez isso também atraia os quatis. Tava comentando com o Silvio que essa coisa dos turistas, né, e da comida que ficam, trazida por eles, atrai mais os quatis pra praia. Por isso até que na pandemia eles devem ter sofrido, que não tinha outra fonte de... [...] Não tinha cheetos, fandangos, biscoito recheado (risos). (Entrevista AC, Anexo B)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou a COVID-19 como uma pandemia em 11 março de 2020. O governo do Estado de Santa Catarina decretou o isolamento social como medida profilática em 15 de março de 2020. No dia 19 de março, foi proibido o acesso individual ou em grupo às praias e, em 20 de março, foram implementadas novas medidas sanitárias de enfrentamento no Aeroporto Internacional Hercílio Luz para entrada e saída de turistas (Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2020).

A alta temporada do turismo em Florianópolis ocorre entre os meses de dezembro e março e coincide com a maior observação da espécie *Nasua nasua* na praia, por conta do funcionamento diário do restaurante e do grande número de turistas (Furquim, 2019). Ao longo dos meses de outono e inverno, a visitação turística diminui gradualmente, mas não cessa. Durante o período da baixa temporada o quati raramente é visto, recolhendo-se às áreas de Floresta Ombrófila Densa, uma vez que não há suplementação alimentar antropogênica considerável (Bonatti, 2006).

O decreto da pandemia e os meses mais restritos de absoluta proibição de eventos e aglomerações de pessoas coincidiram o período já considerado de escassez para o quati na Ilha do Campeche.

Então o que a gente percebeu mais ou menos era isso, assim, que lá num determinado momento lá atrás era existia o quati, mas ele convivia mais harmoniosamente, passava mais despercebido, né, e ultimamente com essa superpopulação, com a chegada do turismo, com esse excesso de alimento, ele chegou num ponto de ter muito quati na Ilha, de ele atacar as mesas no restaurante, de ele roubar as bolsas das pessoas, né, ele, sabe, ele meio que saiu de controle, assim. E depois com a vinda da pandemia, a Ilha ficou fechada, restaurante fechado, os associados não puderam ir... cara, e os quatis penaram, né. Porque eles tavam acostumados a comer batata frita, é, resto de peixe, isca de peixe, camarão, enfim, tudo que sobrava dos restaurantes, e não tinha mais essa alimentação farta, né. [...] Morreu muito quati. Eu estimo que morreu uns 70% dos quatis que tinha na Ilha. Eles andavam na chácara assim caindo praticamente, sabe. Igual uns zumbi. A gente encontrou quatis mortos em vários locais na Ilha. (Entrevista SCC, Anexo D)

Sem turistas, trabalhadores da Ilha e frequentadores vinculados à Associação, o quati ficou sem acesso aos alimentos humanos que complementavam a sua dieta. Isso acarretou em uma desnutrição severa da população, ocasionando a morte de muitos indivíduos.

O único momento que eu vi ossada de quati, de fato, né, foi depois da pandemia. Durante ali o período da pandemia, daí algumas vezes eu vim pra cá, daí tinha ali na praia uma ossada, na calçada, ou aqui dentro, entrando ali pelo restaurante. Mas parecia muito mais um bicho que morreu na praia, como os peixes, né, pinguim que às vezes acontece. Morre, seca na areia. (Entrevista AC, Anexo B)

A nutrição da espécie na Ilha já era deficiente, visto que o quati recorria regularmente à complementação da dieta com alimentos consumidos pelos humanos. Em questão de material genético, a reprodução de indivíduos consanguíneos ao longo de gerações acarretou também em um sistema imunológico fragilizado. Assim, quando a visitação à Ilha foi interrompida abruptamente e, conseqüentemente, os recursos alimentares de origem antrópica cessaram, o quati ficou extremamente fragilizado, encontrando-se também mais suscetível a doenças. “Há questão de dois anos eu vim aqui porque veio a veterinária aqui, eu acompanhei, né [...] Ela veio ver os quatis aqui [...] mas tavam impregnados de doença, né, de... Os carrapatos que pareciam bolas de gude, os carrapatos deles ali, nunca vi daquele tipo” (Entrevista RZ, Anexo A).

Além disso, a diminuição na oferta de comida somada à escassez sazonal de frutos, fez aumentar a competição intraespecífica por alimentos. Isso significa que os quatis disputavam entre si por recursos alimentares de fauna e flora, resultando em ferimentos em variados graus de gravidade.

Em 2021, constatada a situação alarmante do quati na Ilha do Campeche levou à fundação do coletivo “Salve os Quatis”. Esse grupo de voluntários de diversas áreas reuniu-se com o objetivo de encontrar uma solução para a questão. Junto com a ONG Caipora, que já desenvolvia trabalhos na Ilha há mais de uma década, encabeçou o Projeto de Manejo dos Quatis da Ilha do Campeche. O projeto apresentou como objetivo principal viabilizar uma vida digna ao quati, visto que a espécie na Ilha vive em condições que não são ideais para uma espécie silvestre, e que foram agravadas com a pandemia da COVID-19.

Para divulgação do projeto, foi lançado em setembro de 2021, um documentário produzido em parceria entre o coletivo “Salve os Quatis” e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), intitulado “Salve os Quatis | Ilha do Campeche | Documentário (2021)”. Como apontado pelo próprio coletivo, estudos e projeções a respeito da população do quati na Ilha já estavam acontecendo a tempos, mas o agravamento da situação com a pandemia demandou que as providências fossem aceleradas. “Encontrei uns quatro ou cinco morto

debaixo do porão. Entende? Aí foi feito um exame num dos quati desse e foi constatado desnutrição e uma zoonose causada pelo carrapato. Então eliminou muito quati, muito” (Salve, 9:41- 9:57).

Com 21:20 (21 minutos e 20 segundos) de duração, são entrevistados voluntários do coletivo, membros da ONG Caipora e associados da ACOMPECHE, fazendo um histórico e diagnóstico da população de *Nasua nasua* na Ilha do Campeche. “Morreu muito quati, muito. por causa de fome, de... desnutridos, né. Muito, muito, muito quati mesmo, assim. Demais. Qualquer caminho que tu fosse, pelas trilha que tu via quati morto, debaixo das casa, na praia” (Salve, 9:29-9:41). O documentário chega mesmo a mostrar os restos mortais, a ossada remanescente de um quati, em meio à areia da praia, para dar ênfase aos relatos.

Como aconteceu em diversos locais ao redor do globo, a pandemia evidenciou relações de coadaptação e dependência entre seres humanos e animais silvestres. Na Tailândia, “gangues” rivais de macacos (*Cercopithecidae*) disputavam por território e recursos nas ruas de uma cidade, chegando a tomar o prédio da prefeitura. No Japão, um dos municípios foi invadido por um rebanho de cervos (*Cervus nippon*), que circularam pelas áreas urbanas, chegando mesmo a serem flagrados em estações de metrô. Na Itália, cisnes (*Cygnus olor*) apareceram nos canais de Veneza (Da-Silva; Coelho, 2020).

Na Ilha do Campeche, entretanto, o alto número de óbitos da espécie *Nasua nasua* durante a pandemia evidenciou a situação de fragilidade em que o quati se encontra. O fato do isolamento social, como medida profilática determinada por e para seres humanos, ter impactado diretamente, e de forma negativa, a população do quati-de-cauda-anelada, demonstra o quão dependente a espécie se encontrava da interação humana. “O quati na Ilha não tem segurança, porque ele não tem opção, né. Ele daqui... Ou ele vive aqui dentro ou ele... ele não atravessa a água” (Salve, 8:28-8:36). O quati não tinha para onde expandir sua área de vida na busca por alimentos, quando os recursos da Ilha se mostraram escassos durante a quarentena.

Nunca foi divulgado um levantamento oficial da população de quati na Ilha, o que existem são estimativas, sem base ou estudo de observação. Mesmo assim, a redução na população, como efeito da pandemia, é evidente: “Não deve ser tantos agora, como em 2019, por exemplo, vinha famílias com muitos, muitos... muitos pequenininhos. então tinha demais, tinha muito. Agora... agora aparece poucos aqui” (Salve, 11:51-12:11). Atualmente, após dois anos da retomada da visitação turística à Ilha, a espécie ainda não se encontra recuperada.

Então é, como se diz, é mudança aí, se adaptou, né. Mas diminuiu. Não tem, hoje não tem... hoje é, não vou dizer que é raro, mas é difícil ver quati, principalmente

aquelas famílias, né, que antigamente parecia aqueles desenho animado em que parecia um trenzinho, né, vinha a mãe na frente e aquele trenzinho de quati atrás assim, oito ou dez quatizinhos. - pós pandemia. (Entrevista RZ, Anexo A)

A proposta do Projeto de Manejo dos Quatis da Ilha do Campeche está estruturada em três fases: levantamento da população; castração dos machos; realocação da espécie para fora da Ilha. Para isso, são necessárias licenças específicas com órgãos ambientais como o IBAMA e o IMA, arrecadação de fundos, material e mão de obra para as diferentes para cada uma das fases. Em 2021, a previsão era de 2 a 5 anos para a etapa de levantamento da população e castração dos machos, com acompanhamento dos indivíduos para monitorar a boa recuperação e verificar a redução no número de novos indivíduos, sendo estimado um custo de R\$ 150.000 reais. A última fase, de realocação da espécie, permanece uma incógnita, pois ainda há que ser designada uma área adequada para a transferência (Salve, 2021). A determinação da área para a realocação deve ser realizada tendo em vista as particularidades genéticas, fisiológicas, comportamentais e sociais do quati, levando em consideração as várias décadas que a espécie passou adaptando-se às condições específicas do ecossistema da Ilha do Campeche.

A análise da situação do quati na Ilha do Campeche evidencia a necessidade urgente de repensar a relação entre humanos e animais não humanos. O bem-estar animal está intimamente ligado à capacidade dos animais de viverem em condições que permitem a expressão de seus comportamentos inatos e a ausência de sofrimento físico e mental (Terrerri, 2022). No contexto do quati, a dependência dos recursos alimentares fornecidos pelos humanos e a subsequente escassez durante a pandemia de COVID-19 causaram um grande impacto no bem-estar e mortalidade na população. A situação na Ilha do Campeche demanda um manejo que respeite as necessidades e comportamentos naturais da espécie *Nasua nasua*.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo histórico realizado sobre o quati-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*) na Ilha do Campeche revela uma complexa interação entre as transformações socioambientais provocadas pelo Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães desde a década de 1950, como a introdução de espécies exóticas, e os impactos significativos na biodiversidade insular. A chegada do quati à Ilha, inicialmente motivada por questões recreativas e preservacionistas, resultou em um aumento exponencial da sua população, afetando negativamente outras espécies nativas e introduzidas e resultando no desequilíbrio da cadeia trófica.

A adaptação do quati à presença humana na Ilha do Campeche ilustra a capacidade de algumas espécies de explorar recursos oferecidos em ambientes antropizados. No entanto, a dependência desses recursos e a consequente vulnerabilidade da população ficou evidente durante a pandemia de COVID-19, quando se observou a elevação da taxa de mortalidade da espécie por conta da ausência da suplementação de alimentos humanos à dieta.

Essa situação sublinha a importância de políticas de manejo que não apenas protejam as espécies nativas, mas também promovam o bem-estar animal, garantindo condições adequadas para a expressão de comportamentos naturais e a manutenção da saúde das populações silvestres.

Portanto, a gestão ambiental na Ilha do Campeche deve evoluir para incorporar uma abordagem integrada, considerando não apenas os interesses recreativos e preservacionistas dos humanos, mas também os requisitos ecológicos das espécies nativas. A implementação de estratégias de manejo adaptativas, baseadas em princípios éticos que reconheçam os direitos dos animais à vida e ao bem-estar, é fundamental para mitigar os impactos negativos da intervenção humana e promover a coexistência sustentável entre seres humanos e fauna silvestre.

Além dos desafios específicos enfrentados pelo quati na Ilha do Campeche, a pesquisa também lança luz sobre questões mais amplas relacionadas à conservação da biodiversidade em ambientes insulares. Ecossistemas insulares, como o da Ilha do Campeche, são particularmente vulneráveis a perturbações causadas pela introdução de espécies exóticas e pela pressão humana.

Em última análise, a história do quati na Ilha do Campeche ressalta a importância de considerar os impactos ecológicos de intervenções humanas mal planejadas ou não monitoradas adequadamente em ecossistemas delicados e fragmentados. A conscientização

sobre as consequências a longo prazo das decisões de gestão ambiental é crucial para garantir a proteção não apenas das espécies residentes, como o quati, mas também da integridade ecológica geral da ilha e de seu entorno marinho. A busca por soluções sustentáveis e holísticas deve guiar futuros esforços de conservação, visando não apenas mitigar danos passados, mas também garantir um futuro resiliente e harmonioso para todos os seres vivos que dependem do delicado equilíbrio ecológico da Ilha do Campeche.

Assim, ao historicizar o quati na Ilha do Campeche, e seu desenvolvimento como quati da Ilha, foi possível uma compreensão mais profunda das dinâmicas ecológicas e históricas que moldaram a relação entre essa espécie e o ambiente da Ilha. Esse estudo evidencia que a história de um lugar está intrinsecamente ligada às suas interações ecológicas, mostrando que o meio ambiente e as espécies que nele habitam possuem suas próprias trajetórias históricas, marcadas por constantes processos de transformação e adaptação.

FONTES

ACOMPECHE. **Acompeche Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche**. Homepage. Disponível em: <https://acompeche.org.br/> Acesso em 15 out. 2022.

ACOMPECHE. 🚫 Não alimentem os quatis. ♦ Tomem cuidado com pertences (bolsas e mochilas com alimentos) deixados na faixa de areia. 😬 Os quatis são danadinhos e podem aproveitar distrações para roubar sua comida. 🌐 🌐. Florianópolis, 17 jan. 2019. Instagram: @acompeche. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BsvzI-wgJEn/> Acesso em 09 mar. 2024.

ACOMPECHE. Estatuto. **Estatuto da Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche**, Florianópolis, 2021.

AGUIAR, Donatílio de. Entrevista concedida a Júlia Mai Velasco e realizada na sede da Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche em Florianópolis em 24 de abril de 2023. Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2023, 6 p.

BRASIL. Código de Caça - Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967. Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências. Disponível em <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91706/codigo-de-caca-lei-5197-67> Acesso em 13 de set. 2022.

CAÇA Submarina. **O Estado**, Florianópolis, p. 4, 24 fev. 1955.

CAMPEONATO Catarinense de Tiro. **O Estado**, Florianópolis, p. 6, 28 jan. 1948.

CARDOSO, Sílvio César. Entrevista concedida a Júlia Mai Velasco e realizada na sede da Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche em Florianópolis em 25 de abril de 2023. Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2023, 4 p.

CHURRASCADA em homenagem a S. Excia. o Sr. Governados do Estado. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 27 set. 1947.

CLUBE de Caça e Tiro "Couto de Magalhães": torneio desportivo de tiro ao alvo, aos pratos e cervo na corrida. **O Estado**, Florianópolis, p. 4, 17 jan. 1951.

CLUBE de Caça "Couto de Magalhães": Doação da Ilha do Campeche pela Prefeitura. **O Estado**. Florianópolis, p. 6. 29 dez. 1955.

CLUBE DE CAÇA, PESCA E TIRO COUTO DE MAGALHÃES. Estatutos. **Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães Estatutos 1968**, [S. l.], 1968.

CLUBE DE CAÇA, PESCA E TIRO COUTO DE MAGALHÃES. Regulamento Interno. **Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães Regulamento Interno da Ilha do Campeche**, [S. l.], 1983.

CLUBE DE PRESERVAÇÃO ECOLÓGICA E ESPORTIVO “COUTO DE MAGALHÃES. Estatuto. **Clube de Preservação Ecológico e Esportivo “Couto de Magalhães” Estatuto**, [S. l.], 1992.

CONFIRMOU a Federação Catarinense de Caça e Tiro seu primeiro decênio. **O Estado**, Florianópolis, p. 4, 21 dez. 1954.

EXCURSÃO cinegética. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 8 maio 1948.

FUNDADO vitoriosamente em Lajes, o Clube de Caça e Pesca Luiz Ramos Borges. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 2 jul. 1950.

INSTITUTO ILHA DO CAMPECHE. **TAC 2018**: Termo de Ajustamento de Condutas 2018. Florianópolis: IIC, 2018.

PATRIMÔNIO ILHA DO CAMPECHE. **Além dessas regras, as orientações dos monitores e transportadores autorizados são essenciais para o seu dia de visita à Ilha! 🌳 Tanto para a segurança do visitante quando para a boa conservação da Ilha do Campeche, agradecemos que considere estes pontos importantes. Quaisquer dúvidas e questionamentos, podem procure a Equipe de Visitação e Conservação da Ilha do Campeche, estamos prontos para te auxiliar! #IlhaDoCampeche #Florianopolis #RespeiteAsRegras #PreservacaoAmbiental #ConscienciaAmbiental #TurismoResponsavel #RegrasnaIlhadoCampeche #VisiteComResponsabilidade #PreserveANatureza #SustentabilidadeAmbiental**. Florianópolis, 12 jan. 2024. Instagram: @patrimonioilhadoCampeche. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C1_5419uaKD/?img_index=1 Acesso em 09 mar. 2024.

PESQUISADORA brasileira tenta decifrar mistério de quatis que usam sabonete. **BBC NEWS BRASIL**, 06 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45415461#:~:text=O%20uso%20de%20produtos%20humanos,provavelmente%20causariam%20intoxica%C3%A7%C3%A3o%20nos%20animais>. Acesso em: 24 out. 2022.

QUATI 'furta' pacote de batatas em praia de Florianópolis e foge driblando banhistas. **G1 SC**, 19 jan. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2024/01/19/quati-furta-batatas-praia-florianopolis-video.ghtml> Acesso em: 20 abr. 2024.

SALVE os Quatis | Ilha do Campeche | Documentário (2021). Direção de Rafael Poletto Dutra, Peri Carvalho, Lara Beatriz Fuck. Produção de Lara Beatriz Fuck, Marlei Grolli, Peri Carvalho, Ana Cláudia de Souza, Rafael Poletto Dutra. Florianópolis: Salve Os Quatis, 2021. P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=m_TGBNBU38g . Acesso em: 05 set. 2022.

SOUZA, Ana Cláudia de. Entrevista concedida a Júlia Mai Velasco e realizada na sede da Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche na Ilha do Campeche em 23 de abril de 2023. Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2023, 9 p.

TIRO ao alvo. **O Estado**, Florianópolis, p. 6, 9 ago. 1947.

TIRO ao prato. **O Estado**, Florianópolis, p. 3, 5 mar. 1948.

ZENARI, Reinaldo. Entrevista concedida a Júlia Mai Velasco e realizada na sede da Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do Campeche na Ilha do Campeche em 23 de abril de 2023. Acervo da pesquisadora. Florianópolis, 2023, 16 p.

“WEEK-END” na Ilha do Campeche: Convidados e associados do Clube de Caça e Pesca “Couto de Magalhães”, viveram um domingo de surpresas – pescaria negativa, apesar dos bons prognósticos – maus pedaços para “marinheiros de primeira viagem...” – tornam os barcos de santos – “ativo” e “alegria” – à deshumanidade nos mares do sul – frente à ilha, e-los flutuando, após o crime da matança da criação – apelo ao sr. Almirante Carlos da Silveira Carneiro. **O Estado**, Florianópolis, p. 8, 11 mar. 1952.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEVATO, Hugo Lana. **Padrões espaciais e uso do habitat pelo quati *Nasua nasua*, (Carnivora; Procyonidae), em um fragmento de floresta atlântica urbana sob influência de recursos antropogênicos**. 2013. 85 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ecologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

BERGALLO, Helena de Godoy. Fatores determinantes do tamanho da área de vida em mamíferos. **Ciência e Cultura**, v. 42, n. 12, p. 1067-1072, 1990.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. RJ: Jorge Zahar Ed. 2001. 159 p.

BONATTI, Juliano. Uso e seleção de hábitat, atividade diária e comportamento de *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766) (Carnivora; Procyonidae) na Ilha do Campeche, Florianópolis, Santa Catarina. 2006. 138 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BRANTZ, Dorothee. Introduction. In: BRANTZ, Dorothee (ed.). **Beastly Natures: animals, humans and the study of history**. Charlottesville: University Of Virginia Press, 2010. p. 1-13.

CHAMAS, Cintia Aparecida Pereira Costa. **A gestão de um patrimônio arqueológico e paisagístico: ilha do Campeche/sc**. 2008. 263 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 385 p. Tradução: Paulo Neves.

DA-SILVA, Elidiomar Ribeiro; COELHO, Luci Boa Nova. Sobre incursões da fauna silvestre a áreas urbanas durante a pandemia do novo coronavírus. **A Bruxa**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 1-13, abr. 2020.

DUARTE, Regina Horta. História dos animais no Brasil: tradições culturais, historiografia e transformação. *Historia Ambiental Latinoamericana y Caribeña (HALAC) Revista de la Solcha*, v. 9, n. 2, p. 16-44, 13 dez. 2019.

ESCHILETTI, Natália Augusta Rothman. O Turismo e as questões de Gestão Socioambiental e Econômica na construção do Espaço Geográfico. Estudo de caso: Ilha do Campeche,

Florianópolis/SC. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo Mercosul**. Caxias do Sul, p. 1-16, 2012.

FERNANDES-FERREIRA, Hugo. **A Caça no Brasil**: panorama histórico e atual. 2014. 466 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014

FUDGE, Erica. A Left-Handed Blow: writing the history of animals. In: ROTHFELS, Nigel (ed.). **Representing Animals**. Bloomington: Indiana University Press, 2002. Cap. 1. p. 3-18.

FURQUIM, Isabela. **Interação entre Quatis-de-cauda-anelada (*Nasua nasua*, Carnivora: Procyonidae) e humanos na Ilha do Campeche, Florianópolis (SC)**. 2019. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Biologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GASCO, Aline Domingues Carneiro; PÉREZ-ACOSTA, André Manoel; MONTICELLI, Patrícia Ferreira. Ring-tailed coatis anointing with soap: a new variation of self-medicationculture?. **International Journal Of Comparative Psychology**, [s. l], v. 29, p. 1-11, 2016.

GASCO, Aline Domingues Carneiro. **Os quatis Sul-americanos *Nasua nasua* e os paralelos humanos**: vida social e sonora, a cultura e os conflito. 2017. 151 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Biológicas, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras**: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016. 127 p.

MARTINEZ, Paulo Henrique. Brasil: desafios para uma história ambiental. **Nômadias**, Bogotá, n. 22, p. 26-35, abr. 2005.

MAZZER, Alexandre Maimoni. **Aspectos de ecologia da paisagem da Ilha do Campeche (Florianópolis-SC)**: Uma Contribuição ao Manejo Insular. 2001. 242f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Engenharia Ambiental , Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

NODARI, Eunice Sueli. Um olhar sobre o oeste de Santa Catarina sob o viés da história ambiental. **História: Debates e Tendências**, Passo Fundo, p. 135-149, jan. 2009.

OLIVEIRA, Yan Rodrigues de; AVELINO-CAPISTRANO, Fernanda; MENEZES JUNIOR, Luis Fernando. Notas comportamentais sobre o quati-de-cauda anelada (*Nasua nasua* Linnaeus, 1766, Carnivora: Procyonidae) no Parque Nacional da Floresta da Tijuca, Rio de Janeiro, Brasil. **Ciência Atual**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 309-323, 2023.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PEARSON, Susan; WEISMANTEL, Mary. Does the Animal exist?: toward a theory of social life with animals. In: BRANTZ, Dorothee (ed.). **Beastly Natures**: animals, humans and the study of history. Charlottesville: University Of Virginia Press, 2010. p. 17-37.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, 1997, v. 14, p. 25-39.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. **Decreto nº 21.359, de 20 de março de 2020**. Dispõe sobre medidas sanitárias de enfrentamento ao COVID na entrada e saída de passageiros no aeroporto Internacional Hercílio Luz. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/sc/f/florianopolis/decreto/2020/2136/21359/decreto-n-21359-2020-estipula-medidas-de-avaliacao-dos-passageiros-que-desembarcarem-no-aeroporto-internacional-hercilio-luz-e-da-outras-providencias?q=21359> Acesso em: 30 maio 2024.

ROS, José Pedro da. **Turismo**: algumas memórias sobre a ilha do campeche/florianópolis. 2003. 124 f. TCC (Graduação) - Curso de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SCHMIDT, Andreoara Deschamps; JASMIN, Luciana Nunes; CRUZ, Carla Ferreira. Ilha do Campeche e Educação Patrimonial. Florianópolis: Iphan, 2020. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Ilha%20do%20Campeche%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Patrimonial%2019%2011%2005_Reduzido.pdf . Acesso em: 12 abr. 2024.

TERRERI, Laianny Cristine Gonçalves. **Das florestas às gaiolas**: o impacto da industrialização da suinocultura do oeste catarinense no bem-estar animal (1978-1998). 2022. 77 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1973. 439 p. Tradução: Paulo Henriques Britto.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, v. 8, n. 8, 1991.

ANEXO A – ENTREVISTA RZ

JMV: Data: 23/04/2023, Local: Ilha do Campeche, Entrevistado: Reinaldo Zenari, Entrevistadora: Júlia Mai Velasco. Reinaldo, o senhor consente em ser gravado?

RZ: Sim.

JMV: Ok, muito obrigada. Então podemos começar. Há quanto tempo o senhor é associado do Clube?

RZ: Desde 1992.

JMV: E o que te levou a se associar ao Clube? Como você conheceu ele?

RZ: Eu tinha um amigo que era sócio aqui. Ele trabalhava na mesma empresa que eu trabalhava, e ele precisava dumas melhorias aqui na Associação na época. E ele me convidou pra conhecer e eu vim. Eu trouxe melhorias na época da parte elétrica, que eu gostava muito de cuidar do sistema de geração de energia. E também algumas partes de sistema de bombeamento da água, que antes era muito difícil a captação tanto de água como também o fornecimento de energia. E a partir desse momento eu me associei.

JMV: Certo. E você já tinha vindo à Ilha do Campeche antes de se associar?

RZ: Eu tinha vindo uma vez, que era uma promoção... que era dia do meio ambiente. Em que eles tavam oferecendo passeios gratuitos pra pessoal conhecer a Ilha do Campeche. E dentro dessa situação eu acampeei por vários anos ali no Campeche, ali no riozinho, e ali eu sempre olhava pra Ilha e sempre tinha muita vontade de vir pra Ilha também, né. E surgiu essa oportunidade e a gente veio para conhecer a Ilha. Mas foi uma visita de poucas horas, e ali me... também me deixou muito fascinado na época.

JMV: Hm. E como era essa relação com a Ilha ali?

RZ: Olha, é... de início eu namorava a Ilha lá do Campeche, né, lá do riozinho, lá onde a gente acampava lá. Era... Nós fazíamos acampamento familiar ali no camping da dona Almerinda, antigo camping da dona Almerinda. E a gente já vinha em novembro, a família da minha ex-esposa eles eram feirantes, essa parte assim, a gente vinha de caminhão, trazia geladeira, fogão em cima do caminhão, aquelas lonas grandes, fazia que nem cigano lá na Almerinda lá. Cada um tinha sua barraca e uma tenda grande pra... coletiva, né. E eu pescava muito lá na praia do Campeche lá. Eu sempre gostei de pescar desde criança. E no caso eu, é... namorava a Ilha e queria vir. Daí na época surgiu essa oportunidade da visita do meio ambiente, que eu vim, e depois passou mais algum tempo, não sei lhe precisar quanto, aí vieram a oportunidade de eu vir aqui com o César, né, antes o sócio era o César, lembrei o nome dele, e pra ajudar a Ilha e a partir daquele momento eu fiquei sócio.

JMV: Uhum. E como foi a instalação do Clube aqui na Ilha?

RZ: Pelo que eu conheço da história dos sócios mais antigos e principalmente dum chefe que eu tive lá na... Eu trabalhei na Casan por 36 anos. Tinha um senhor lá que... ele trabalhou também, ele era bem idoso até na época. É... o nome dele seu Bittencourt, o sobrenome dele era Bittencourt. Eles eram da turma do caminhão da Casan. E o que que ele dizia pra gente: que ele... eles, pessoas, um grupo de elite aqui da grande Florianópolis, eles eram caçadores e pescadores. E eles saíam aqui pela grande Florianópolis, aqui pelas serras aqui próximas, pra caçar e pescar. E como eles não tinham uma sede na época para eles confraternizarem, era uma coisa meio assim, esporádica, as bases deles, né. Então um grupo aí dos... daqueles que eram os empresários ali de Florianópolis, eles pediram uma licença politicamente ali, né, que tinham influência política pra... pro governo ir na União e conceder, ah, deu a concessão da Ilha do Campeche por 100 anos. Aí era Clube de Caça, Pesca, Tiro Couto Magalhães. Mencionando muito bem que teve a evolução, né, de clube, foi passando para, é, depois é associação, porque as leis foram mudando, né. Antes a caça e a pesca era bem legal no Brasil, né, era bem ampla. Hoje chegamos nessa situação que... somos preservação, né. Porque os tempos mudaram.

JMV: Então as leis de proibição da caça e de preservação da fauna tiveram impacto nas atividades do Clube?

RZ: Sim, com certeza. É... é Caça, Pesca e Tiro, era razão social do... antigamente, é Clube. A caça foi extinta, né, daí... E o seu Bittencourt ainda me dizia que eles pegavam os animais, tinha gente que caçava para comer, né, subsistência, tem gente que caçava por esporte. E também alguns caçavam, os pessoal caçava passarinho de gaiola, bichos vivos assim, e como tinha essa ilha aqui, e essa ilha, a vegetação era totalmente diferente, eles começaram a trazer os animais. E viram que não dava certo, e então eles tiveram que introduzir na ilha a fauna animal e a fauna vegetal. Fazia parte da sobrevivência, né. Então isso... por isso que a ilha aqui é bem diversificada de vegetação. E... graças a esses caçadores e pescadores de antigamente, né.

JMV: Uhum. É, o senhor já comentou um pouquinho, mas será que tem mais alguma coisa pra falar de como era aqui antigamente, então, nesse quesito de flora e fauna?

RZ: Ah, então. Aqui era uma situação que era mais... aí história de sócio antigo, era uma... era um clube mais masculino, né.

JMV: Uhum.

RZ: Aqui era mais homens que vinham pra pescar. Mulher era bem difícil vir, no caso. Então... havia muita, muita liberdade também assim, dos homens, né, andarem, é, bem à

vontade, quase seminus. Era muita... muitos vícios também que se... se afluavam aqui, né, negócio de bebida. Porque era liberdade total, né, na época, né. E muita alimentação, muita comilança. Era mais assim, era festa mesmo, no caso, né.

JMV: Sim.

RZ: Como era um clube, né, então a pessoa vinha com a finalidade ou de pescar ou de caçar. Mas tinha outros que vinham só pra curtir o ambiente também, né, no caso, né. Era mais ou menos essas situações que eu lembro que era a Ilha, né.

JMV: E... Então havia animais aqui. Se via esses animais com frequência? Os gambás, por exemplo, que tinha aqui na Ilha.

RZ: Olha, a... nós temos uma associada que é bem antiga, que quebra um pouco essa regra que eu falei, que era dona Lídia, né, dona Lídia Cidral, se eu não me engano. Ela... ela vinha com o marido dela, tudo aqui, tempo que eu lembro que eles falavam que aqui antigamente vinham a remo, à vela, e depois as primeiras embarcações nossas eram tipo baleeiras com motor a gasolina ainda. E depois entrou a evolução do diesel, daí foi só aumentando o tamanho das embarcações, e hoje nós chegamos a ter essas escunas aí nossas aí, né. E hoje que é voltado para o turismo. Mas, é, a dona Lídia ainda dizia que aqui nessa parte de cima aqui, atrás da casa 2, tem uma parte plana, eles plantavam. Plantavam milho, plantavam mandioca, plantavam alimentos de subsistência, porque não tinha a energia ainda, né, era tudo no lampião ou na bomboca, né, que eles usavam aquele sistema de iluminação a querosene. E não tinha gelo, não tinha nada. Inclusive os peixes que eles pegavam, não podia pegar muito peixe porque não tinha onde conservar. E os peixes que eles pegavam eram peixes grandes, então... muita quantidade de peixe, né. Eles chegavam a passar cordas pelas guelras e pela boca do peixe e deixar amarrado vivo ali na praia, na água. Pra o peixe conservar até a hora deles irem embora, né.

JMV: Aham, sim.

RZ: Então era assim. Era extremamente rústico, né. Ah, quando vinha o pessoal, que aqui nas casas a água... não tinha água, né. Era água de poço. Hoje existe um poço ali que ele foi soterrado. Era água de poço. Ou então quando o pessoal ia tomar banho, eles iam tomar banho, subiam essa trilha aqui, em direção aqui da... saquinho da fonte, né, que já diz o nome. E o pessoal tomava banho ali numa vertente que tinha de água ali do lado do saquinho da fonte, onde o pessoal costumava tomar banho ali, né, porque não queriam pegar água do poço pra se lavar, e já tomavam banho ali pelo Costão ali mesmo.

JMV: Aham, mas em relação a tua experiência desde associado, assim por exemplo vir aqui na Ilha em 1992 e ainda não tinha todo esse fluxo de turista, né. Se observava tanto os quatis, que nem hoje eles vão pra praia...

RZ: Ata, tamo falando sobre a fauna dos animais.

JMV: Também (risos).

RZ: É. Em 92, aqui era mais para associados e os pescadores, é a turma do seu Nabor ali.

JMV: Uhum, era um grupo menor que frequentava.

RZ: É, exatamente. Turista aqui, é, que eu me recorde, na Ilha do Campeche, deve ter começado lá por 2000. Que daí teve um... um, é, cidadão aí que eu conheci ele, e...

JMV: Como era o nome dele?

RZ: Era... Acho que é Hugo... Azalufi.

JMV: Ah.

RZ: Era o... era o “gringo”, né?

JMV: Aham.

RZ: Então ele era bem esperto. Bem... com uma visão turística, né. E ele começou a trazer turista pra Ilha para mergulhar. Então, é... a Associação ela era voltada só para os seus sócios e não para, é, receber... turista era uma palavra muito, muito estranha, né, muito, muito diferente. Que era associado e pescadores. Aí começou a dar essa invasão do Azalufi. Invasão digo assim porque ele não tinha nada de permissão, autorização ou colaboração do pessoal aqui da Ilha pra ele vir fazer exploração. Que o grande problema do turista na Ilha que começou é que todo mundo queria ganhar dinheiro. Trazia turista, mas o lixo, e as necessidades fisiológicas, e a... problemas de emergência, de acidentes, tudo, sobrava pra Associação. Então eu vejo que isso aí foi meio nocivo da época. Não que a gente tinha alguma autoridade, que a nossa concessão era vegetação pra cá, da areia não é nossa concessão, né. E nisso tudo, começaram “ah, a Ilha é cheia de quatis”, “a Ilha é cheia de quatis”, aí era o atrativo principal que os turistas vinham à Ilha. E... A população era imensa, eu lembro que lá pela época lá tinha uma contagem mais ou menos assim, a estimativa era de mais ou menos uns 1.500 quatis daí. E... e isso era uma... o que era uma atração para os turistas pra nós começou a ser uma incomodação

JMV: Uhum.

RZ: Incomodação assim, é... não que havia culpados. Mas um sistema que desenvolveu, porque o quati nunca teve predador na Ilha a não ser que fosse o homem, né.

JMV: Sim.

RZ: O homem e a fome, né, a vontade de comer. Porque, dizem, eu posso... não vi nunca, nenhuma vez, mas falaram que os pescadores ali, enjoados de comer peixe, queriam comer a carne, e eles matavam quati.

JMV: Entendi.

RZ: E era alimento. Assim também depois, como foi introduzido também aqui na Ilha que não eram as espécies... A maioria dos animais aqui na Ilha foram introduzidos. As galinhas, as angoliça, tudo isso aí pra acabar com a... com a praga dos insetos, né, dos aracnídeos aí da Ilha, os escorpiões, as aranhas, bichos que eram nocivos ao homem aqui, né. Então, e todas essas aves de pena aí, também, com exceção das aves marinhas, o resto é tudo foi introduzido aqui na Ilha. Fauna aí de... Acho que o principal que é conhecido aqui é o tiê-sangue, também, que era uma ave muito, muito exótica, muito procurada aqui. Muita gente desembarcava na Ilha pra caçar.

JMV: Ah, mas ele é nativo aqui da Ilha, não foi introduzido? O tiê-sangue.

RZ: O tiê-sangue, ele é da nossa região, mas foi trazido muito pra cá. E aqui ele foi... ele foi introduzido. Aqui tinha uma época, eu lembro, que os animais da Ilha ainda... Tinha a casa 2, casa, a... uma espécie de ave, as cambacicas, é um passarinho amarelinho, pequenininho, com as costas preta e a barriguinha amarela. Isso era... assim, entre aspas, era uma praga, porque tu não podia deixar nenhum alimento, nada aberto, nada, é, assim, destapado, frigideira com óleo, tudo, que elas invadiam, mas era de bando. Dentro das casas, qualquer lugar. E era bonitinho de ver, mas só que elas traziam doenças, né, nos pés delas, né, nas fezes delas também. Então os animais foram, como diz, né, na época foram uma ideia dos caçadores e pescadores que queriam preservar alguma coisa, eles trouxeram para a Ilha. E... teve os prós e contras, né. Hoje nós temos essa variedade de... de plantas e de aves aqui na Ilha, graças a eles, que eu já mencionei, mas também teve o lado positivo e negativo, né. E... Chega ao ponto dos quatis também ser uma praga aqui, porque a gente não podia deixar nada. Até nos telhados do Casarão, aquelas telhas de barro eles entravam, eles arrancavam as telhas. Teve uma história também que tinham introduzido macaco aqui, mas o macaco não deu certo. O macaco (risos), gente de pele escura que os macaco ficava doido e atirava, quebrava telha nos dente e tocava nas pessoas...

JMV: Nossa.

RZ: Aí tiveram que retirar os macacos daqui. Eu, uma época que eu, como eu trabalhei numa empresa da — estadual, e a gente também preservava, tentava preservar, um dia eu achei um... na região lá de Curitiba, eu achei um tatu. E eu sabia que aqui a Ilha tinha só um tatu.

JMV: Uhum.

RZ: Aí o tatu tava meio doente, meio machucado na estrada, eu peguei, coloquei ele num saco lá e trouxe, soltei aqui também na Ilha. Falaram que tinha cutia, mas eu nunca cheguei a ver cutia, ou se não no tempo que eu vinha já não tinha mais a cutia, né.

JMV: Sim.

RZ: Mas tinha pessoas que falava que viam cutias aqui na Ilha. Tatus. É... uma ave que eu não vi mais também agora aqui na Ilha já faz uns bons anos, é aquele, o rabo de palha. Ela é uma ave que tinha, acho que foi extinta aqui na Ilha, né. Ela foi introduzida também, mas foi extinta. É... Aqui na Ilha não tem cobra. Não existe nenhum tipo de cobra aqui na Ilha. O que existe é um lagartinho de vidro, ele é uma... bem pequenininho assim, tu olha ele e pensa que ele é uma cobra, porque ele é bem pequenininho e as perna dele é bem pequenininha, né, quem vê diz que é cobra, mas não é cobra.

JMV: Hm, mas aqui tinha bastante problema com escorpião, né?

RZ: É... Bastante não. Vou dizer pra você que durante a temporada se pegava no máximo 2, 3 escorpiões aí, principalmente na casa 3.

[interrupção]

RZ: É, eu acho que dessa parte dos animais, só se eu lembrar mais alguma coisa no desenvolver aí do questionamento.

JMV: Qualquer coisa é só mencionar.

RZ: Uhum.

JMV: Mas então, hã, agora, comentando tanto do que você já ouviu de épocas mais antigas, mas da sua experiência desde associado, então, qual a liberdade que os associados tinham pra trazer coisas pra Ilha, né, pessoas, animais, plantas? Eu sei que teve um período que foi introduzido e daí depois parou de ter esse... o senhor mesmo falou que introduziu o... trouxe um tatu, né, uma vez. Tinha alguma restrição ou revista, assim?

RZ: Não, não. Não teve... Eu acho que, durante o meu conhecimento... A restrição que tinha era de levar coisas da Ilha. Trazer, pra ajudar a aumentar a fauna aqui da Ilha, tanto vegetal como animal, eu acho que nós só temos restrições depois de 2010, né. Que houve esse... esse... Pela falta de controle e do... desse turismo selvagem que nós tivemos. Desenfreado, desde acho que de 2000 até 2010, onde todo mundo ganhava e a gente tentava, a Associação tentando colaborar, pedia 50 centavos de 10 reais que cada convite era vendido pra eles, e eles falavam que ia dar e no final não dava pra gente. Principalmente a Associação de Pescadores da Armação, que vários anos foi feito esse acordo, e eles nunca nos pagaram. Mas não está, não tá no teu contexto aí esta minha falação. É, mas... Como eu disse, reforço novamente, a

restrição era a gente pegar pessoal, de fora, querendo levar plantas, querendo levar... Porque é muitas orquídeas na Ilha, muita, muita, no Costão. Limparam muitas pedra aí, só as mais difíceis mesmo é que ainda tem orquídea. Mas trazer alguma planta, alguma coisa aí assim, é... um bichinho, pra soltar um passarinho, alguma coisa, isso aí não. Isso aí porque que traz o senso de proteção, que aqui na Ilha você não pode depredar, né. Só apreciar e... cuidar, né, tentar ajudar. Não acabar com a fauna, né.

JMV: Uhum.

RZ: E... Uma coisa que eu lembrei agora. Nós temos um associado muito... Bem visionário, também, ele entendia bem da, da que era... ele estudou muito aquele, o padre Rohr, né, que foi um dos desbravadores que vinham na Ilha por causa das inscrições rupestres. E, também é... é das inscrições rupestres, e atrás diziam que existem tesouros, né, que tinham tesouros na Ilha, que escondiam em algum lugar aí, que existem rochas detonadas aí pra trás aí do Costão... Então, Alovísio sempre disse isso aqui, né, o Alovísio é uma pessoa... a esposa dele era professora, a família dele toda bem, bem interessante, o nível do pessoal deles, né. E eles... é, eles falavam que aqui ainda era o último reduto de manezinhos da Ilha. Que nós tínhamos aqui a nossa Associação, né, porque o Sul do pessoal, tudo de falar, alguma coisa assim, depois modificou bastante. O Alovísio dizia que, é, isso aqui um dia ia ser um rio de dinheiro, se caísse nas mãos de pessoas, é, extremamente gananciosas. É, disse que se a gente não cuidasse, muitas pessoas iam tentar nos derrubar. Teve épocas que, já tô divagando um pouco, mas é... Fazer manutenção nas caixa d'água, nos geradores, qualquer coisa que fazia, este Hugo Azalufi mesmo era um... perdão da palavra, era um demônio mesmo pra gente aqui, né. Porque ele queria acabar com a gente. Se a gente arrastasse uma caixa d'água um metro pro lado ele já ligava pra FLORAM, pro IBAMA. E teve sim, também, com o IPHAN na época, que ele foi administrado por pessoas interesseiras, e isso eu digo de certeza pra ti porque eu passei experiências disso, e... qualquer coisinha que a gente fizesse aqui, não com intenção de destruir, mas de... ou melhoria, cortar um galho que tava caindo numa casa, alguma coisa, ah, era crime ambiental.

JMV: Era barrado.

RZ: A gente tem a concessão de ficar aqui, de se instalar, mas também de sobreviver e preservar a nossa segurança. Mas qualquer coisa era crime ambiental. Eu fui parar na Polícia Federal pra responder crime ambiental e tudo. Não sei se você entrevistou o Silvinho, que ele, a sorte dele era que o comandante da Polícia Ambiental era amigo dele, que estudou com ele, que ele daí... O que chegou no ouvido desse comandante, ele teve helicóptero da Polícia Federal que sobrevoou aqui e os cara com metralhadora lá de cima pronto pra descer aqui na

Ilha atrás de quem tava fazendo crime ambiental na Ilha. Assim, coisas pavorosas, mesmo. Política em cima, né. O IPHAN principalmente, é, eu não vou dizer nomes, mas tinha lá um cabeça branca lá, que ele era um horror, ele era assim de empresas que tinham interesses pra derrubar a gente da Ilha, né. Então, é, são várias histórias interligadas, entendesse.

JMV: Sim.

RZ: E eu vejo aqui um... Antigamente a gente era 400 sócios, coisa assim, da Ilha, com a diferença que você perguntou ali do que era antes e do que é hoje... 400 sócios pra dar conta aqui de água, de energia, não era fácil. Nós tinha umas 4, 5 ponteiras aqui pela Ilha, que tinha aquelas bomba manual pra tirar água, porque o nosso sistema de bombeamento não supria as necessidades. É, o gerador a gente ligava só pra economia de combustível. Do escurecer até umas dez horas da noite, o gerador funcionava aqui. Aqui todo mundo tinha seu lampião a gás também, porque não podia, que é proibido aqui até hoje, que é plástico ali dentro, não pode usar vela nem nada de fogo ali dentro, com chamas ali, né. E... a mudança foi gigantesca, né. Daí em 2000... 2003, aí teve, a Celesc, né, teve a campanha lá, é, da energia solar, que eles tavam instalando nos locais remotos... foi 2002, 2003, exatamente. Aí nós conseguimos ganhar um kit de 2500 watts, de placas solares, de baterias, e isso foi tudo grátis pra nós, né, foi assim uma boa ação, que aqui é local remoto, aqui tinha pessoas e precisava de energia. Já pra frente a gente se embrenhou por campos aí, aí a Eletrosul caiu fora, daí ficou pra Celesc, a Celesc fez uma gestão muito, muito ruim... a Celesc quis se livrar porque, acho que foi em todos os municípios de Santa Catarina foi colocado isso aí, e isso aí gerava uma despesa muito grande pra Celesc. Que a Celesc fornecia o técnico, as peças, e até baterias. No final a gente tinha que comprar nossas baterias. Então a Celesc foi tirando o corpo fora, tirando corpo fora, e daí cada um que se virou com o seu sistema, né. E depois quando nós já tínhamos essa tecnologia nós trouxemos isso aí dela e procuramos nossos recursos pra fazer essa ampliação de sistema. Então hoje em dia, já há um bom tempo, né, as bombas de água aqui são eletromecânicas, né, não é mais como as manuais, e a iluminação são de lâmpadas... começamos com lâmpadas incandescentes, que eram, consumia muita, muita energia, e iluminava pouco. Depois fluorescente, que era uma tecnologia melhor. E hoje nós só usamos luz a LED, né. E muita organização, né. Apesar de ser um local muito rústico mas aqui tem muita organização, muito respeito, né, muita, muito mais é o cuidado de não quebrar, não arrancar, não deixar lixo, essas coisas assim. Foi feitas essas melhorias, né.

JMV: Sim, é perceptível.

RZ: E virou bem mais familiar, né. Hoje virou mais familiar do que naquele tempo de... Tem pescadores, mas as gerações mudam também, né.

JMV: Sim. Hã, então, pensando nessas plantas e animais que eram trazidos, era com esse motivo de preservação, mesmo? Com que motivo você acha que eles traziam?

RZ: 100% preservar. Porque o Alovísio diz ainda numa época, que ele leu sobre a história da Ilha, essa Ilha foi preservada... foi devastada duas vezes. Não sei se você sabe alguma coisa.

JMV: Pode falar.

RZ: É, dizem que a primeira devastação da Ilha foi quando eles traziam os ossos de baleia, as baleias pra derreter... derreter, né. Ali em frente, diz que em frente ali do bar do seu Nabor ali, tem aquelas, é, ruínas, daquelas motocas que eles faziam aquele fogo lá naquele tacho gigante lá de quase 3 metros de antes que eles derretiam as carne da baleia pra fazer o óleo da baleia, né.

JMV: Uhum.

RZ: E... Na nossa praia aqui, eu nunca vi, mas tem, não sei de quanto em quanto anos, tem uma, uma época que dá uma maré que tira areia de grande parte aqui da praia e aparece um monte de pedras pretas aqui em todos os locais. E não são pedra, são ossos de baleia que eles jogavam ali. Elas calcificaram, ficaram ali.

JMV: Aham, são resquícios desse período.

RZ: É, mas é de... E pra derreter essa belaiada toda aí, de onde que vinha lenha?

JMV: Sim.

RZ: A Ilha ficou pelada, não tinha mais nenhuma arvorezinha de lenha. Eles tinham que queimar tudo pra fazer derreter, né. Então essa foi uma das devastações. Dizem que também a outra devastação foi pelo homem, que ele pegou e começou a plantar coisa aqui na Ilha, mas essa devastação eu não acredito muito, porque tem locais suficiente... é, como diz, é, que são favoráveis à plantação aqui na Ilha.

JMV: Mas seria plantação de quê?

RZ: Ah, de alimentos de sobrevivência, né. Do milho, feijão...

JMV: Aham.

RZ: É, cana, aipim, era uma roça aqui, né, vamos dizer assim, né. E tinham pessoas que vinham e passava um mês, dois meses aqui, era assim, era uma... era que nem tu ir pra uma fazenda, vamos dizer assim, só que essa fazenda era cercada por água salgada, né.

JMV: Uhum.

RZ: Então... era mais ou menos isso que o Alovísio dizia.

JMV: Sim. Hã, então, como aqui era um clube de caça antigamente, é possível que esses animais fossem caçados aqui na Ilha, também? Que eu sei que eram feitas expedições de caça, né, que eram pra outras localidades na Grande Florianópolis...

RZ: Sim.

JMV: O senhor comentou antes, mas aqui pra Ilha, por exemplo, era organizada expedição...?

RZ: Aqui dentro?

JMV: Aqui dentro.

RZ: De jeito nenhum. Aqui a gente quem pegava caçando, que vinha muito esses barcos de zacuneiro, esses pescadores, eles vinham pegar pra roubar passarinho da gente. A gente saia correndo com eles daqui na... na paulada quem pegasse os cara aqui.

JMV: Mas mesmo quando era clube de Caça, Pesca e Tiro?

RZ: Sim, aqui nunca... Aqui quem fez essa, é, como dizer, essa sede aqui da maneira que ela é, eram aqueles caçadores, pescadores que tinham uma... eram visionários de querer preservar também, né. Que eles queriam viver mais perto dos animais que só tinha lá no meio do mato onde eles não iam, no caso, né.

JMV: Sim.

RZ: Mas aqui, caçar... Pescar, sim, pescar 100%. Mas caçar, nunca ouvi falar que mataram um bicho aqui, uma ave ou alguma coisa, ou pra esporte ou pra alimentação. Nunca, nunca, nunca.

JMV: Uhum. Então, e o que você sabe sobre os quatis na Ilha do Campeche, como eles chegaram aqui?

RZ: A história, dizem que lá em 1950, alguma coisa assim, trouxeram 7 casais, né.

JMV: Uhum.

RZ: É a história... a lenda que dizem aí, né. E como ele é um bicho que ele não tem, é, um animal que... o predador dele, ele só multiplicou. Então esses 7 casais, foram multiplicando, multiplicando, multiplicando, e... foi se tornando atração turística, pra nós sempre incomodação, porque os quati... Eu presenciei, lá na casa 2, os quati viviam sempre morto de fome, né, é um bicho que acho que come o dia todo e nunca tá satisfeito. Nós tínhamos telha brasilit, toda guardadinha lá, empilhadinha assim, eram usadas, né, muitas coisas que a gente tinha era doação. Uma pilha grande de telhas todas de ladinho assim, encostadas na parede na Casa 2, e cria lá lagartixa, barata, esses bicho assim, né, e os quatis eram tão, assim, devastadores, que eles pegavam as telhas, abriam as telhas, quebravam as telhas, jogando assim, né, virando elas, e ficavam uns 5, 6 em volta ali, era uma turminha, né.

JMV: Aham.

RZ: E eles catavam a barata, a lagartixa, a aranha, o que tivesse de ser vivo ali naquele meio eles comiam. E eles entravam, roubavam muita comida da gente. O Casarão, é... A gente tinha que se trancar por dentro por causa da invasão que tinha, né. E... Depois, aqui no verão

eles desciam aqui pra região onde tem várias pessoas. No inverno, era difícil de ver quati aqui porque no mato aqui daí tem fruta, né, nessa época, nessa época daqui pra frente, acabou o verão é... Eles viviam mais pra cima aí. E esse coqueiro, esse coco-melado que tem aqui, isso aí foi introduzido para o quati comer. O coco-melado é o alimento principal do quati, esse coqueiro, né. Então, e eles comiam esse coco-melado, e saíam, defecavam pelo mato e por onde eles passavam iam reflorestando a Ilha. Então acho que invés de Ilha do Campeche acho que Ilha do Coqueiro devia ser, né (risos). Que é tanto coqueiro que tem na Ilha por causa desses quatis.

JMV: Sim, eles foram fator de dispersão, também então.

RZ: Exatamente, os quatis, eles dispersaram muito, muitas plantas aqui, né. Não só o coqueiro, outras plantas também. Nós temos pés de, acho que é guabiroba, é uma fruta amarela comprida. Ou é... Não sei se é guabiroba de certeza, mas é um nome parecido com isso. Ela parece um kiwizinho bem pequenininho, assim, amarelinho, bem docinho. Eu me lembrava que só tinha lá perto da Trilha da Piteira, agora já descobri que tem pé ali no, perto do descamador, tem pé lá pra trás da Casa 3 também, eu acredito que é os quatis, né, que é doce, eles gostam.

JMV: Sim.

RZ: Que eles que comiam e disseminavam essas sementes pela Ilha, né.

JMV: E esses quatis teriam sido introduzidos por um associado aqui do Clube? Na época?

RZ: É, na época foram os caçadores-pescadores que trouxeram, de certeza. Assim como eles trouxeram aracuã, esse rabo-de-palha, trouxeram as saíras de sete cores. Trouxeram... A fauna aqui da Ilha... Os tico-tico, agora ultimamente teve alguns associados que diz que trouxeram... ouvi dizer que trouxeram curió, trouxeram, é... a saracura, né, que não era daqui, essas... essas pomba salina que tem agora aqui também tem bastante. Então, é... Mas o sentido de trazer também de lá do continente, trazer pra colocar elas aqui, pra elas terem proteção também.

JMV: Sim.

RZ: Porque aqui eles trazem, aqui se proliferam bastante, entendesse.

JMV: Aham.

RZ: Porque aqui a gente evita o máximo de depreda esses animais. Mas como tem gente que não tem consciência, não to falando de associado, pessoas que visitam a Ilha e tal, e eles vêm, vinham né, não sei se vêm ainda, que eu não acompanho mais, pra levar o que nós tínhamos aqui, mas aí era uma briga feia com a gente, né, que a gente não...

JMV: Sim. Mas a ideia é a Ilha como refúgio, então?

RZ: É, a Ilha como um... um minissistema, né.

JMV: Uhum.

RZ: Que introduz as espécies e elas vão se proliferando. Que foi o caso do quati, que daí se proliferaram muito, deu os problemas. E o próprio quati, também, ele era o predador das espécies aqui. Porque ele também além de ser vegetariano ele é carnívoro também, né.

JMV: Aham.

RZ: Então galinha, os pintinhos, essas coisas tudo, eles pegava tudo.

JMV: Predavam, uhum.

RZ: Há questão de dois anos eu vim aqui porque veio a veterinária aqui, eu acompanhei, né, ô Cristiano? Né, ô Alexandre? Aquela, aquela... A...

Alexandre: A Kátia.

RZ: A Kátia, né? Ela veio ver os quatis aqui, o Alexandre pediu um apoio. Aos quatis aqui, mas tavam impregnados de doença, né, de... Os carrapatos que pareciam bolas de gude, os carrapatos deles ali, nunca vi daquele tipo.

JMV: Ah, foi a época da pandemia, né?

RZ: Exatamente. Durante a pandemia eu vi muito... E o que eu vejo, na realidade, é que diminui drasticamente os quatis. Porque também nós sempre... Sempre não, nós várias vezes procuramos órgãos legais, o IBAMA na época, né, pra ajudar com a gente pra tirar um pouco dos quatis daqui. Já que aqui se proliferaram todos, pra levar um pouco e soltar no continente. Aí os... conhecimentos deles lá diziam que não pode tirar uma espécie de um local e introduzir em outro local, que pode levar doença e esse negócio todo. Daí eles pediram pra gente fazer a quarentena dos quatis, né. Tinha que prender os quatis isoladamente, colher as fezes e a urina deles, levar fazer exame, e depois desse período aí, se tivesse tudo ok, daí poderia introduzir novamente aí pelo continente, né.

[interrupção]

RZ: A gente... nunca fez isso, porque a gente achou um absurdo, né. Nós tava pedindo ajuda porque a gente não sabia lidar com a situação, agora eles queriam tudo... Que nós caçasse os quati, fizesse quarentena, pegasse e colhesse fezes e urina do quati, o exame, tudo, pra depois eles autorizarem a introduzir em outro lugar, então pra que o órgão ambiental, né? Só pra fiscalizar e não ajudar também não, não era interessante.

JMV: Uhum.

RZ: Aí foi mais ou menos isso que... essa história dos quatis, né. Agora, também, vou dizer pra você: eu nunca tinha visto nos últimos anos os quati atacar turista na praia pra comer. Que a fome era grande, calculo deles ali. Ou se eles se adaptaram ao sistema, porque, em vinte e

poucos anos que eu fui sócio aqui, era difícil ver um quati pisar na areia. Não pisava. E agora nos últimos verões, os quati tão desfilando aí com os turista aí pela areia. E esses turista acha bonitinho, eles vão lá e rouba a bolsa, né.

JMV: Sim.

RZ: Então é, como se diz, é mudança aí, se adaptou, né. Mas diminuiu. Não tem, hoje não tem... hoje é, não vou dizer que é raro, mas é difícil ver quati, principalmente aquelas famílias, né, que antigamente parecia aqueles desenho animado em que parecia um trenzinho, né, vinha a mãe na frente e aquele trenzinho de quati atrás assim, oito ou dez quatizinhos.

JMV: Aham.

RZ: Hoje não se vê mais isso.

JMV: Hm. E como os quatis eram percebidos antigamente? E como eles são percebidos hoje, assim? Eles... Teve alguma mudança?

RZ: Depende por quem. Pelo turista é atração, é a coisa mais linda. Eles chegam a quase a virar de ponta cabeça pra tirar foto deles no meio da vegetação, ali naqueles locais ali. Por nós, ele... é bom de ser admirado de longe. Porque pra você ver, hoje nós estamos aqui, pela falta de quatis, hoje isso aqui tá limpo, tá organizado. Se tu viesse aqui há uns cinco anos atrás, qualquer coisa, isso aqui era tudo fezes por cima, urina aqui assim, por onde eles passam aquele bando deles, eles reviram tudo, quebram tudo. Isopor, não podia nada assim, que eles chegavam, eles quebravam... Era uma devastação aonde eles passavam. Então pra nós isso não é interessante.

JMV: Sim.

RZ: Não que a gente, é, queira o mal dos bichinho, mas o mal que eles nos causavam, eu... sinceramente, eu tinha uma antipatia sobre o bicho. Quando eles eram numerosos. Agora, de vez em quando, você vê um... agora você vê um ali assim, tu até admira um pouquinho, mas também não fascina, entendesse.

JMV: Entendi. Hã, em 2012 saíram algumas reportagens dizendo que a população de quatis havia diminuído drasticamente, já, apontando um sumiço deles. O que você sabe sobre isso?

RZ: Olha, sobre sumiço de quati, é o que eu ouvi. Ouvi que eles matavam muito pra comer. Que tinham pessoas que vinham aí, matavam, não vou dizer que era sócio, que era pescador, o que era, mas tinham pessoas que matavam e comiam. Tinha pessoas que matavam porque o quati incomodava. Mas isso, vou te falar bem a verdade. Na minha concepção, isso não afetou em nada a população deles, que eram numerosos. Eu calculo que eles devem ter desaparecido ou por uma falha natural da alimentação deles, que já te disse, o quati andar na praia hoje em dia é porque a situação tá brava, né, pra eles, né.

JMV: Sim.

RZ: E, também não... A falta de pessoas aqui na Ilha. Que a gente jogava sempre comida, resto de comida pra eles, que era uma maneira de... dos nossos dejetos orgânicos que sobravam, coisa assim, eles comiam. A gente alimentava eles também, né. Tinha... Nós tínhamos a espécie desse bom senso. E eu não sei como que é a biologia, o ciclo desses animais, se eles passarem muito tempo sem comer, se eles morrem, não morrem, dessa maneira.

JMV: Uhum.

RZ: E... Mais ou menos isso que eu sei sobre o... Realmente eu não sei qual que é a causa principal que levou a essa diminuição.

JMV: Sim.

RZ: Mas várias indicações de algumas ações que aconteceram, entendesse.

JMV: Aham.

RZ: E... hoje nós vivemos tranquilo, da maneira que dá aqui com esses quatis ali, que tem poucos, eles não chegam a nos incomodar mais. Mas realmente a causa, sinceramente, o que foi que acabou com quatis, eu não sei.

JMV: Uhum. E, bom, última pergunta, então. Houve, ao longo da presença do Clube aqui na Ilha, várias tentativas com órgãos ambientais pra resolver a questão da superpopulação dos quatis. Hã, na sua opinião, por que nenhuma delas foi pra frente, deu certo?

RZ: Primeiramente, qualquer órgão do governo, ele não ajuda. Que era pra... Eu calculo que era pra ajudar, né, já que eles tem o poder de proibir e tudo esse negócio, não é só proibir que o órgão é pra existir. A orientação deles, muito pouco. A participação, nenhuma. Nenhuma. Ó, IBAMA nunca teve aqui pra ajudar “ah, nós vamos construir um abrigo para os quati”, “ah, um abrigo para uma outra fauna”. Nada. Só veio saber que “ah, tão matando bicho”, “tão caçando passarinho e seus filhotes”, aí sim existe IBAMA, entendesse? Os órgãos eles, é... Resumindo: pra mim, não acho que não existe, é... não é que eles não deveriam existir. Quero colocar bem essa posição. Os órgãos não deveriam deixar de existir, eles deviam ser mais atuantes, e ver onde que a situação tá errada, e eles plantarem a sementinha deles da participação deles, e essa sementinha se desenvolver.

JMV: Uhum.

RZ: Aí sim. Que só pra proibir, não precisa nem ser órgão. É só chamar o delegado, um polícia bem bravo vem aí, desce uma surra em quem tá fazendo errado e a pessoa já auto se educa, né.

JMV: Sim.

RZ: Agora dizer que... Então, é, o que os órgãos fazem hoje em dia, pra mim, continua sendo zero. Eu não tenho muita simpatia com esses órgãos porque o resultado deles pra nós não nos ajuda. Assim como diz, é, você proibir as pessoas é um tipo de ajuda, mas não é uma ajuda boa, entendesse.

JMV: Sim, aham.

RZ: Digo pra você que o, quando teve em 2017, quando teve o ciclone aqui, que acabou com as nossas árvores, quebrou, tudo se acabou aqui, você não transitava pela Ilha. Olha bem a palavra que eu to falando, você não transitava pela Ilha, da devastação que foi isso aqui. Essas árvores ali ó, tudo ali, tão grossas embaixo [inaudível] aí quebrou, caiu tudo por cima. Atrás dessa casa de apoio ali tem umas raízes grandes, pode observar. Tombou tudo, quebrou. Aqui essas passagens aqui era tudo fechada, não passava. Nós levamos uma semana aqui pra começar a abrir os caminhos de novo. Em compensação, madeira pra nossos fogão a lenha, nós tivemos madeira aí por anos aí, de graça, vamos dizer assim, né. Mas aí, o que nós fomos falar com o, se eu não me engano era com o IPHAN na época, sabe que nós fomos lá, nós precisamos ver como é que vamos fazer tudo, eles dizem assim ó “você podem tirar esses galhos que caíram, essas árvores quebradas, mas não arrasta pelo solo, porque vai prejudicar o solo da Ilha”. Olha só a ajuda que eles nos deram. “Ah, nós vamos mandar uma equipe pra ajudar vocês, ou pedir prum outro órgão que possa ir aí, uma COMCAP da vida, alguma coisa aí, pra ajudar a abrir direitinho, alguma coisa”. Não. Era pra nós, nós tínhamos que se virar sozinho. É, já que aqui é uma utilidade pública, também, nosso estatuto diz que nós somos sociedade pública. Então a gente ajuda do lado do setor público, que poderia nos auxiliar. Então, o próprio seu Nabor veio ali, quando eu vi ele tava caído ali, só chegou até ali perto daquele barco azul ali, eu tava ali, ele conversou comigo. Ele disse “É, seu Reinaldo, tá difícil, né?”. Eu disse “É, seu Nabor, a situação foi braba dessa vez e tal”. Ele falou “É, ninguém botou a cara aqui pra vim ajudar a gente a resolver essa situação, mas qualquer denúncia que têm eles vêm aqui com tudo”. Então, novamente, até seu Nabor. Não sei se tu vai entrevistar seu Nabor, pergunta pra ele “e sobre a participação dos órgãos do governo aqui na Ilha, o que que eles fazem pra ajudar pra melhorar?”, ele vai dizer “nada, é só vim aqui pra pegar no nosso pé e proibir”. Mas eles não sabem que a Ilha tem, existe até hoje, da maneira que ela tá preservada, por causa da Associação. Não é por causa dos órgãos que tão aí não. Não é por causa da aí, agora... que implantaram esse sistema aí de guias e monitores, que eu achei necessário. Eu achei... De início eu não gostei, mas achei necessário que, por exemplo, se nós não tínhamos poder de polícia, seu Nabor não tinha, pessoal vinha e faziam o que eles queriam, agora pelo menos esse pessoal que tão aí, tão criando emprego ou alguma coisa pra

essa gurizada aí. E qualquer coisa que eles fazem eles tem acesso direto e poder de acionar essas pessoas que tão fazendo errado.

JMV: Uhum.

RZ: Então isso sim. É, eu me senti, quando houve essa mudança de sistema, Ilha do Campeche e Pescadores, e agora com o sistema aí dela tombada, que antes nós éramos donos dessa região aqui, hoje nós somos inquilinos. Que nós somos... ficar no nosso quadrado aqui, e não podemos, é, opinar mais em quase nada. Mas em questão, nós somos responsáveis só pela nossa área delimitada aqui agora. E agora eles que se responsabilizam pelo resto, né, porque [inaudível]. Porque eu já tirei turista de Costão aqui carregado nas costas, de perna quebrada, todo quebrado; já tirei isolamento de barco aqui, de vê concretando as base das caixa d'água aqui, cheio de cimento tudo; meu filho tava junto, se pendurava pelas perna, ali perto da Pedra Fincada, o filho do poeta, foi mergulhar de cima de uma pedra, a pedra escorregou, ele caiu, quebrou os dois braços, fraturas expostas, ele quebrou a perna, tive que pegar barco lá, eu era diretor de plantão, na época todo final de semana tinha diretor de plantão, aí eu ficava de plantão, fomo lá, quando fui pegar o guri eu até me apavorei, que o guri tava com os braço tudo retorcido, tava exposto as fratura, aí tinha que levar pra praia até chamar os bombeiro [mais histórias] Então era muito difícil, na época, né, também, né. A Ilha do Campeche não tinha a fama que é hoje de ser preservacionista, de ser... o governo tá em cima, ou os órgãos gerais que agora tão de olho aí né. Seriam mais ou menos essas as informações.

JMV: Acho que era isso mesmo, muito obrigada.

ANEXO B – ENTREVISTA AC

JMV: Data: 23/04/2023, Local: Ilha do Campeche, Entrevistada: Ana Cláudia de Souza, Entrevistadora: Júlia Mai Velasco. Bom, Ana, há quanto tempo você é associada do Clube, da Associação?

AC: Eu me associei pelo meu pai, né. Quer dizer, eu era dependente dele, tem desde uns 12 anos, mais ou menos, penso, uns 9, 10. Não sei quando comecei. Mas penso que uns 12 anos já frequentava a ilha. E meu pai era sócio, não sei como é que ele conheceu, mas eu me conheci por gente aqui na ilha e já frequentava. Então... ele era pescador, né, então penso que deve ter sido através de algum outro sócio, que era amigo que pescava que ele ficou sabendo e começou a vir pra cá. Também a gente é aqui de Florianópolis, né, e no início pelo menos essa região mais Sul aqui da ilha é que, Sul da ilha de Florianópolis, frequentava aqui a Ilha do Campeche. Então acho que essa coisa do Pântano do Sul, da Armação, do Saco dos Limões, da Costeira, do [inaudível] que acabava frequentando aqui e deve ter sido alguém, alguma dessas pessoas que morava perto da nossa casa e que ele conheceu.

JMV: Uhum, e você já tinha vindo à Ilha do Campeche antes de se associar, então? Qual era sua relação?

AC: Não. Só lembro de eu vindo já com meu pai como sócio. Eu criança, com meus irmãos. Aí essa primeira parte de como é que funcionava, um dia a gente brotou aqui na Ilha (risos). Um dia eles trouxeram a gente e a gente começou a frequentar. Eu nem lembro a primeira vez, na verdade. Eu lembro de tá aqui, mas não lembro o primeiro dia que eu vim, né, de ter me... Eu lembro de algumas viagens quando era criança, de... alguns traslados, né. Que a canoa era bem menor, que as mulheres se apavoraram andando de barco quando tinha tempo ruim. Mas não lembro a chegada aqui, um dia que tenha sido o primeiro, né.

JMV: Aham, mas você falou que você veio pra cá já há uns 12 anos mais ou menos, quando seu pai foi sócio.

AC: É, mas eu não lembro quando, assim. Acho que 10, 12.

JMV: Mas mais ou menos que ano?

AC: Se eu tinha 12... Ah, foi lá por 82, 84. Não, isso é 80, 82.

JMV: Tá. E qual que era sua relação com a ilha?

AC: Ah, aqui sempre... até hoje, né, mas sempre foi uma coisa assim muito mágica, assim, quando a gente vinha pra cá tinha umas coisas diferentes do que a gente vivia, né. Florianópolis, apesar de sempre frequentar a praia, que é essa coisa de não ter, quando a gente vinha não tinha celular, não tinha... daí tinha essa história de não ter comunicação com

a terra, se o tempo ficasse ruim a gente ia ficar preso... Mas tinha uma coisa como se fosse um filme, assim, de uma aura misteriosa, assim, bonita, encantadora, assim. Então era uma... As pessoas dizem que é um paraíso, mas desde lá todo mundo dizia isso, né. Paraíso. Então vir pra cá era uma situação muito diferente do que é viver lá. Tu desliga das coisas da cidade. Porque não tem carro. Naquela época era escuro aqui, porque não tinha essas luzes aqui do Campeche. Toda essa iluminação que tem lá era bem escassa, então a gente ficava bem no escuro. As luzes apagavam cedo, né, apagava 10 horas. A gente tinha gerador, tinha só o gerador, que era com pouca capacidade e não tinha luz, energia solar, que é bem mais recente. Então tinha essa coisa da hora de dormir, não tinha televisão, não tinha rádio, uns radinho à pilha eu acho, a gente usava muito pouca eletricidade, né, porque daí como era gerador não podia usar, não tinha nem as tomadas, então... Era uma coisa que mudava muito o cotidiano, nunca tinha televisão. Criança sem televisão, né? A gente vivia brincando na rua, não tinha o que fazer dentro de casa. Dentro do casarão.

JMV: E o que você sabe sobre a instalação do Clube aqui na Ilha?

AC: Sobre a instalação do Clube eu soube só bem mais tarde, assim, depois de adulta. Essa coisa de... Quer dizer, sempre soube que as pessoas começaram vindo de barco. Os pescadores, a remo. Essa parte eu tinha... soube. Como que o Clube se estabeleceu como... como entidade, assim, como é que foi a fundação, eu soube agora, né, soube adulta. Mas naquela época a gente sabia, meu pai fez parte da diretoria, é... mudavam as diretorias, tinha os associados, a gente tomava contato com tudo isso, mas por ser criança a gente tinha... a gente presenciava isso muito mais do que tomava... é, vivia isso mais do que tomava conhecimento. As pessoas não conversavam com a gente também. A gente sabia que era filho de associado, que o amiguinho era filho de associado, que o pai era diretor, que fulano era não-sei-quê, e que... e vivia mesmo a Ilha, né. Daí eles assim... Naquela época não tinha, é, pessoal do IPHAN, pessoal dos... dos “azuizinhos”, né, que a gente chama (risos), pessoal aqui do que faz essa... Isso eu também só voltei... só encontrei depois de adulta quando eu vim, porque eu fiquei um período sem vir, né. Daí eu era dependente do meu pai, aí depois da universidade, eu nem lembro se era depois da universidade ou se era aos 18 anos que a gente deixa de ser dependente, então. Quando eu... No período que eu fiz universidade daí eu não me associei, não frequentei. Ou frequentei como convidada, né, que daí já não era mais dependente. Aí depois mais tarde eu me associei. O meu irmão que era mais velho que eu, que pescava, né, que pesca, daí ele frequentava com meu pai já antes, frequentava... seguiu frequentando, seguiu associado, mas daí ele se associou. Aí durante um tempo ele e meu pai vinham pescar. A minha mãe e a minha irmã também. Daí eu que tava mais envolvida com as

coisas da universidade deixei de frequentar. Daí quando eu voltei a... quando eu me associei, daí voltei a frequentar, é que... daí tinha essa outra estrutura de muita gente vindo pra ilha, desses... dessa fiscalização dos azuizinhos ali na praia, recebendo os turistas. Então na nossa época, na minha época até os meus 20 e poucos anos, então uns 10, 12 anos da primeira frequência, era muito... era algo muito isolado assim. Só vinham os sócios mesmo. Então a gente vivia como vive hoje depois das 4 da tarde, quando vai todo mundo embora. Então era bem deserto. E também já tinha essa coisa que tem até hoje que as pessoas que são os associados, eles não tem muito a cultura de ficar na praia à noite. Então daí os meus amigos, a gente ficava na praia, daí era mais os jovens. Que o pessoal da cultura, né, da pesca, eles vão pescar, daí vão pras pedras, vão pra trás da ilha, ou ficam fazendo comida, conversando, nas casas. Daí os adolescentes é que iam pra praia, fazer luau, que daí podia fazer fogueira. Tinha um pessoal que vinha, alguns amigos que eram associados, mas que daí eles vinham de More Bug lá da praia da Armação, do Campeche. Aí podia acampar, né, daí acampavam. Ou dormiam nas casas, porque eles podiam, ou acampavam aqui nos cantos da praia. Mas essa... essa estrutura de como funcionava o Clube, a gente tinha só essa... essa convivência, né, essa vivência. Não tinha muito debate sobre estrutura.

JMV: Aham. E como era aqui na Ilha antigamente, assim, se via animais? Se via com frequência, assim...?

AC: Então, eu tava até perguntando pro Silvio, “Silvio, quando a gente era adolescente os quatis... incomodavam? Como é que era?” Tinha os quatis já. Tinha mais, tinha... Tinha quati, assim não tinha nem muito nem pouco. A gente via sempre, mas, é, o que eu lembro mais era dos saguis, até. Tinha muito sagui. E aí mais tarde eles colocaram as telas nas janelas, mas naquela época não tinha tela. Daí tinha que fechar as janelas do Casarão. Naquela época eu ficava principalmente lá no Casarão. E... daí o pessoal ficava chamando atenção porque eles entravam, pegavam as sacolas, saíam com a sacola no ombro, como diziam, mas aí os saguis eles mexiam mais nas coisas se deixasse as janelas abertas. Aí os quatis, eles existiam mas eles não chamavam muita atenção, não faziam bagunça. Tinha essa história já do sabonete, de roubar bolsinha de sabonete e ficar se esfregando, se ensaboando. Mas eles não vinham assim tão próximo das pessoas.

JMV: Certo. E qual era a liberdade que os associados tinham pra trazer coisas pra Ilha, pessoas, animais, plantas? Tinha restrições ou revistas?

AC: Não. Revistas, não me lembro de ter revistas. Eu acho que as orientações pra não trazer, tinha. Mas... Ia no verão, né. Ninguém trazia animal doméstico, nunca vi um bicho, cachorro ou gato aqui. Então... e aí a gente achava, né, como criança, que o quati era nativo, né. Ou

que o sagui era nativo. Acho que gente não tinha essa visão que as pessoas tinham trazido os quatis, por exemplo, e isso com os saguis também, né. Mas... são os dois bichos que eu lembro que existiam aqui mais próximos do que seria um animal doméstico, né, que não é doméstico, é silvestre, mas que as pessoas conviviam. Mas eu não lembro de ter isso de trazer nem de tirar planta, não lembro das pessoas tirando ou trazendo. Talvez alguma época assim de plantar tempero verde, essas coisas lá no Casarão porque o pessoal cozinhava bastante né. Mas pelo menos eu não tenho assim essa lembrança de ter problema relativamente a isso, de ter grandes... nem fiscalizações e nem... o que eu lembro era mais em... as regras mais em torno da convivência do que da questão do que trazer pra cá, do ecológico assim. Daí como o pessoal bebia bastante, né, pescador à noite, daí às vezes tinha, sempre tinha uma orientação a respeito das boas condutas, tanto com relação às bebidas quanto morais, assim, né, porque era um período, ah, já faz 40 anos? 30 e poucos anos, então era um outro momento também histórico, né, de a questão moral mais forte, a gente, as meninas eram mais fiscalizadas, né, você não podia ficar... sempre tinha um clima de controle moral, de onde é que tava, onde é que não tava, se tava na praia, com quem que tava. Então tinha mais, pra mim saltava mais isso, do controle moral do comportamento, de aprender a andar com o pessoal, do que relacionada à natureza assim.

JMV: Aham. E com que objetivo você acha que esses animais foram trazidos pra Ilha? Introduzido aqui, sagui, quati...

AC: Eu acredito numa das versões que era pra caça mesmo. Acho que é mais... que naquela época tinha isso, né? Eu lembro que mesmo lá em Florianópolis tinha parentes que caçavam gambá. Então acho que talvez tenha vindo... Acredito mais nessa versão de que tenha sido trazido pelo pessoal caçava.

JMV: Mas você chegava a ouvir? Ou tem alguma lembrança de alguém aqui na Ilha...

AC: Não, ninguém.

JMV: ...Assim, com arma...?

AC: Não, não. Nunca vi ninguém aqui com arma. Quer dizer, só uma pessoa, mas não era pra esse, pra essa finalidade (risos).

JMV: Não era? (risos)

AC: Mas é porque era policial. Mas com... mas nunca vi ninguém caçando, é só a versão... também nunca vi, é verdade. Eu sempre vi só pessoas pescando. Caça é uma coisa... Era um clube de caça, pesca e tiro. Quando eu frequentava isso era muito claro, a gente chamava dessa forma. Mas nunca vi... É, caça, pesca e tiro, por que que tiro, né? Se caça e tiro já é a mesma coisa.

JMV: Pois é.

AC: Eu só... Só vi o pessoal pescar. Sempre muita pesca. Caçando nunca vi. Acredito que no passado desse certo, né, que tem 50 e poucos anos, né?

JMV: Aham.

AC: Mas na época que eu vinha não tinha. Nunca vi ninguém com espingarda. Só o pessoal do mergulho, da caça submarina, né, que também tem isso. Ah, talvez a caça seja a caça submarina. Será? (risos)

JMV: Acho que tinha as duas modalidades (risos).

AC: É, porque daí o pessoal com os arpões, isso sim. O pessoal pescava bem mais, até, mergulhado. Eu acho que eles eram mais jovens. Esse pessoal de hoje não cabe mais na roupa de mergulho, antes ... mergulhar.

JMV: E o que você sabe sobre os quatis na Ilha do Campeche? Sobre como eles chegaram aqui?

AC: Eu sei essa... Uma das versões, que é essa de que as primeiras pessoas que frequentavam, frequentaram a Ilha, e vinham ali daquela região de Palhoça - dessa região por ali, tem outro nome que eles falam, não sei se é Gamboa - que esse pessoal que vinha pra cá trouxe. Tem uma das associadas que ela, inclusive no depoimento dela ela... no depoimento dela ela fala que foram eles que trouxeram de canoa, a remo.

JMV: Aham.

AC: Mas... tem essa versão que eu acho mais... que é mais difundida, assim, né. Que eu tomei contato mais atualmente. E que eu acho que é... que é possível sim.

JMV: Uhum. E como os quatis eram percebidos antigamente? E como eles são percebidos hoje? Alguma coisa mudou?

AC: Sim, mudou bastante. Que antes a gente não percebia eles como um problema. Né. Até hoje, pra falar bem a verdade, eu ainda acho os argumentos relativamente a eles... Claro que eu sei que eles são uma população bem maior, mas como eu tenho essa visão do passado, eles não eram um problema, assim. Essa coisa, a gente via... Eu acho que nesse caso era até mais... É, uma posição mais de respeito aos animais do que... que é de que eles... A gente tinha que cuidar da casa pra eles não entrarem, mas eles não tinham que ser espantados, até porque não tinha uma população enorme, né. A gente não ficava assim. Se deixasse as coisas abertas eles entravam, mais os saguis do que os quatis naquela época, mas não tinha que ficar espantando, eles não incomodavam, não chegavam perto. Então a visão que a gente tinha deles era de convivência, assim. Não tinha isso de que eles atrapalhavam. Eles não iam pra praia. Não lembro de quati na praia naquela época. Então também essa parte da população

grande, de eles ir na praia, pegando coisa de turista, até porque naquela época não tinha turista, né, isso é uma coisa bem... desse meu retorno, né, não sei de quantos anos pra cá, porque eu retornei há menos tempo do que essa abertura pro turismo. Mas eu não lembro dessa relação com eles como um problema. Era essa coisa do silvestre mesmo. Tinha o silvestre, um pouquinho doméstico porque eles chegavam perto, né, mas é como os passarinhos, os quatis, os saguis, eles circulavam pela Ilha. A gente tava numa ilha em que todo mundo vive na chácara, tem mato ao redor, então não me parecia um problema, ninguém lidava dessa forma, assim. Ninguém falava em caçar porque eles tavam incomodando, apesar da história ter sido essa, mas as pessoas não se relacionavam com ele assim, não espantavam. Era uma convivência bem tranquila, eu acho. Que eu me lembre, pelo menos, né. Daí eu não sei como é que era com os adultos, porque como a gente não lidava com as coisas de louça, de comida, disso e daquilo, não sei se é por isso que eu não tenho essa percepção, mas a gente não tinha essa... As crianças, os adolescentes... Fazia parte do exótico da Ilha ter quatis. Porque como a gente vivia no urbano, né, eu pelo menos, mas a maioria das pessoas que eram os meus amigos a gente não tinha bicho perto, tão perto, a não ser cachorro, gato.

JMV: Aham.

AC: Animal doméstico, então... pra tu ver um sagui tu tinha que tá na floresta, e aqui era uma florestinha, então... pra nós conviver com o quati era uma coisa da Ilha, uma coisa exótica mas uma coisa... Na Ilha do Campeche tem, como se a gente fosse... pro Canto dos Araçás tinha também, macaco, tem sagui... Até na minha casa do Pântano do Sul que eu tenho, agora, semana passada vieram dois saguis. E daí a gente tava falando dessa relação com saguis e com os quatis aqui na Ilha, que aí os saguis eles também, eles vão se aproximando, aí eles... a gente tava mexendo, tinha fruta e tal, daí eles...eles tavam ali, sorrateiros, e a gente olhando pro lado eles iam dando pulinhos pra dentro da casa (risos), atrás da fruta. Mas... mas também era uma coisa, é uma coisa que vi, que eu via acontecer lá na casa do Pântano, mas aonde eu morava antes não tinha essa presença próxima de animais. Desse tipo.

JMV: Hã... Em 2012, saíram algumas reportagens de que a população de quatis da ilha diminuiu drasticamente, apontando um “sumiço” dos quatis, mesmo. O que você sabe sobre isso?

AC: Hã... comentarem, né. Então a gente percebeu essa oscilação da presença deles, mas... Enfim, movimentação aqui, que pudesse ter acontecido, pelo menos da parte do Clube, da Associação daí já, né... Eu não vi nada... Como um mistério, né? Onde é que eles tão, sumiram, não sumiram, morreram, morreram de fome, né, isso é até mais perto da pandemia que aconteceu esse comentário. O que teria acontecido com eles?

JMV: Uhum.

AC: Mas... não vi nenhuma movimentação... Eu pessoalmente não vi. Fica um mistério assim, com as pessoas que a gente conversa. Uma... Não é um mistério, é uma... é um mistério, mas ao mesmo tempo uma especulação, né, porque sumiu, não sumiu. O único momento que eu vi ossada de quati, de fato, né, foi depois da pandemia. Durante ali o período da pandemia, daí algumas vezes eu vim pra cá, daí tinha ali na praia uma ossada, na calçada, ou aqui dentro, entrando ali pelo restaurante. Mas parecia muito mais um bicho que morreu na praia, como os peixes, né, pinguim que às vezes acontece. Morre, seca na areia. Mas... o que... Pro restante das pessoas fica como que, tá, “eles tão, onde é que eles tão, tão na praia, tão aqui, diminuíram, aumentaram, tão lá, e não tão vindo pra cá, que que é?” Ficava nessa, ficava num... .. Aonde eu circulei aqui pelo, entre os associados sempre ficava esse comentário. Que daí assim, a partir de um certo momento, eu também acho que eles ficaram como um... um algo que as pessoas vinham pra cá e já sabiam que eles existia. Daí elas, né, os turistas “Ah, tem quati na Ilha”, “Ata. Onde é que tão os quatis?”, daí também acho que eles viraram mais tema, né. Antes era mais eles apareciam ou não apareciam, fazia parte da natureza.

JMV: Uhum.

AC: Acho que essa coisa do homem interferindo nessa realidade é uma coisa de momentos mais atuais. Tem a ver também, né, com uma conversa sobre sustentabilidade maior, sobre ecologia... Acho que é com os tempos, essa especulação a respeito do que possa ter sido feito com os quatis aumentou e antes era menos tema. Parecia uma coisa mais inocente, assim, ninguém fazia nada. Eles existiam ou não existiam, apesar de ser um clube de caça, na minha época de infância não lembro da caça, então... Não tinha isso de “deram sumiço, mataram, levaram”. Não. Não tinha... pelo menos pra mim isso não se fazia presente. E aí com essa mudança da população tem a especulação de... a gente ouve, né, os comentários, mas... A mídia e tudo, as próprias pessoas perguntam “Ah, viram quati? Não viram?”, não sei o quê. Mas... não tem assim alguma fala mais adequada que diga, né... Acho que acredito mais nos biólogos que vieram, é, depois do movimento Salve os Quatis, que analisaram a situação e levantaram as hipóteses de que... É questão da fome, né, porque daí não tinha turista.

JMV: Aham.

AC: Aí isso agora mais recentemente.

JMV: Durante a pandemia, né?

AC: É. Mas lá naquela época de 2012 só mais... essa especulação, né. Que que aconteceu? Sumiram, não sumiram?

JMV: Teve... Uma das reportagens falava que ia ser investigado pela FATMA, né, na época da FATMA ainda. Não sabe se eles chegaram a vir aqui?

AC: Não sei. Eles, hã, esses órgãos fazem visitas, mas eu só acompanhei isso mais atualmente, né. Naquela época eu também não vejo (inaudível). Não lembro de eles terem vindo e ter sido um tema pensado pelo, pela Associação, por exemplo, que sempre tem pauta, né. Vai vir os órgãos, alguém vai acompanhar, não vai, né, uma coisa mais organizada, institucional, pra acompanhar a visita deles. Não lembro de ter acontecido. Mas aí, assim, eu não vinha com uma frequência que outros sócios vêm, então... Muita coisa eu não vi acontecer, se aconteceu.

JMV: Sim... O que importa é o que você lembra mesmo. Então a última pergunta é... Houve, ao longo da presença do Clube aqui na Ilha, várias tentativas com órgãos ambientais para resolver a questão da superpopulação de quatis, né, já é de longa data, que nem o Salve os Quatis que tem agora. Na sua opinião, por que nenhuma delas foi pra frente, deu certo?

AC: Pois é, eu... O que eu acompanho de agora é que todas elas implicavam num alto custo, né, e nessas licenças ambientais pra fazer esse procedimento. Os procedimentos, né. E um deles era, naquela época tinha ... parcerias, as pessoas que pudessem fazer, e tem antes do Salve os Quatis acho que tinha... era algo que não era dado continuidade, parece, né. Tinha... Se levantava problema, se levantava alguma possibilidade de solução, e ficava meio que no ar, sem grande encaminhamento. Agora, tanto é que já faz o quê? Não sei se faz 3, mais tempo... 3 anos do Salve os Quatis, talvez? E ainda assim a coisa é demorosa, né. Até porque esse é um movimento da sociedade civil, né, extraoficial, mas... mas é algo trabalhoso de fazer e que eu acho que em determinado momento foram outras as prioridades, mesmo.

JMV: Sim.

AC: Que assim, daí... daí entre... Penso eu, entre regular o turismo, uma coisa que eu acho gravíssima que é a depredação das inscrições rupestres, então a FATMA já tem que cuidar de tudo isso, né, o IPHAN, os órgãos fiscalizadores e reguladores. Acho que é, que essas... Durante um tempo, essa questão, né, porque até quando os turistas vieram, começaram a vir, uma das coisas que foi difundida foi essa questão das inscrições rupestres. Então cuidar disso, onde é que passava, que as pessoas não fossem sozinhas, que não, né, provocasse depredação. É... Acho que isso foi um tema mais forte antes dos quatis.

JMV: Sim. Tinha uma preocupação bem grande, né, com a Arqueologia aqui na Ilha.

AC: É, acho que isso foi, essa foi a preocupação principal durante bastante tempo. Na verdade, eu não sei quando é que os quatis realmente começaram a se configurar como um problema. Porque eu ainda... Pela questão deles próprios, né, da mutação, do adoecimento,

é algo... Relevante. E depois é essa coisa mais interação com o humano, né, porque não faz, não faria sentido tu eliminar uma população de animais porque incomoda os humanos. Então os humanos é que tinham que se adaptar, mas... Quando fica muito forte a presença de turistas... E essa população cresceu que ela teve um boom em determinado momento, depois ela... Teve só um período daí que eu vi muito quati, né.

JMV: Sim.

AC: Que aqui era infestado de quati, tinha um monte de quati andando.

JMV: Aham.

AC: Mas depois disso...

JMV: E que época que era isso, mais ou menos? Que você viu...?

AC: Deixa eu pensar. Hoje a gente tá em 2023, né. 2013, 2012, mais ou menos esse período mesmo.

JMV: Uhum.

AC: Que daí eles ficavam muito evidentes, né, a presença.

JMV: Aham.

AC: Que daí foi quando eu comecei, como sócia, a trazer um pessoal pra passear aqui, aí fazia um ... pessoas, ficava aqui na casa 3, daí eu lembro que era... todo mundo convivia e ficava surpreendido com essa presença grande, né, isso foi em 2012.

JMV: E tinha um fluxo bem forte de turistas...?

AC: E que também... e também esse fluxo, como nos últimos anos, que daí tem a ver até com essas... com as embarcações ilegais, né, porque... Estipularam certas pessoas por dia na Ilha, mas tem muitas... em determinados períodos extrapola isso. Então essa praia super lotada que tu não viu aqui, não sei se semana passada quanto tu veio foi assim. Esse final de semana não. Mas normalmente no verão realmente tá super lotado. E aí fica muita sujeira, talvez isso também atraia os quatis. Tava comentando com o Silvio que essa coisa dos turistas, né, e da comida que ficam, trazida por eles, atrai mais os quatis pra praia. Por isso até que na pandemia eles devem ter sofrido, que não tinha outra fonte de...

JMV: Sim, né, perderam.

AC: Não tinha cheetos, fandangos, biscoito recheado (risos).

JMV: Acho que era isso mesmo, então. Vou parar aqui, muito obrigada.

AC: Obrigada.

ANEXO C – ENTREVISTA DA

JMV: Data: 24/04/2023, Local: sede da Acompeche, entrevistado: Donatílio de Aguiar, entrevistadora: Júlia Mai Velasco.

JMV: Há quanto tempo o senhor é associado ao Clube?

DA: Eu sou associado ao Clube desde 1958. Então...

JMV: Bastante [risos].

DA: E agora?

JMV: Tudo bem, a gente faz as contas depois [risos]. E o que te levou a se associar ao Clube? Como você conheceu ele?

DA: Eu conheci o Clube através de uns colegas. Lá eu, lá na Base Área, da Base Aérea, que eu era funcionário da Força Aérea Brasileira... e em contatos com outros colegas, com colegas que eram sócios da Ilha do Campeche já há algum tempo. Então eles me convidaram para me associar. Um deles foi Hélio Emílio de Gouveia Lins, que era um segundo sargento na época. E trabalhávamos juntos no... nas quadrilhas de finanças, trabalhávamos no setor financeiro. Ele que me convidou. Me levou até lá. Mas já como sócio.

JMV: Ah, o senhor já conheceu a ilha depois de associado?

DA: Depois de me associar. A gente não podia frequentar sem ser associado.

JMV: E qual a sua relação com a ilha?

DA: Hoje?

JMV: Desde então. Desde se associar. Como é que ela evoluiu?

DA: Evolução lá na ilha pouca coisa aconteceu. Aliás, tinha, nós tínhamos só um alojamento. Depois foi construído uma casa média. E ao longo de 1973 em diante, 75, foi construído uma terceira. E o que eu conheço é esta situação. A situação que eu conheço era esta, tá? Eu não tenho mais nada...

JMV: Mas o senhor visitava a ilha com frequência?

DA: Normalmente eu frequentava. Principalmente depois de eu me casar. Em 1974... 71... que eu me casei. E a minha esposa não era oriunda de Florianópolis. Ela era de Atalanta.

JMV: É aqui em Santa Catarina?

DA: É. É Santa Catarina. É acima de Rio do Sul, um pouco. E eu a convidei um dia para... Ela conhecer a ilha. E nós já tínhamos três filhinhos já. O menor tinha... o menor tinha o quê? Tinha dois aninhos e meio. Então nós fomos pra lá.

JMV: Daí vocês iam a lazer mesmo, pra passear?

DA: Isso. Lazer para sempre.

JMV: Ah, sim. E como era lá, na sua época? Como era a ilha, assim?

DA: Olha, mudou pouco. A mesma situação de hoje. A mesma coisa. A água era de um pocinho. Tinha um outro poço... foi instalado um outro poço com bomba maior. Nós tínhamos que chegar lá e cada um dar vinte... aplicar vinte bomba, bombeamento. Tinha que bombear vinte vezes cada um pra encher a caixa d'água. Pra nós poder fazer a manutenção da cozinha, né. Fazer comida. Tomar banho. Chuveiro água fria [risos]. Não tinha água morna nem quente.

JMV: E havia bastante animais por lá? Se via esses animais com frequência?

DA: Já, já Já foram levados pra lá quatis. Foram levados tiê-sangue. Aracuãs. Tico-ticos. Os outros lá, passarinhos. E vários outros que foram liberados lá.

JMV: Então qual era a liberdade que os associados tinham pra levar coisas pra ilha? Pessoas, animais, plantas, tinha restrições ou algum tipo de revista?

DA: Tinha restrições.

JMV: Como é que era?

DA: Só podia levar animais que não fossem predadores da flora. E aí iam destruir tudo. Tinha macacos também, que foram transferidos. Foram pegos e trazidos pra nossa ilha. Soltos na ilha.

JMV: Sabe da onde eles foram trazidos? Ou quem que levou?

DA: Era pego em armadilhas. Se trazia dentro de uma gaiola e soltavávamos aqui.

JMV: E com que objetivo que eram levados esses animais pra ilha?

DA: Era pra povoar a ilha, né. Pra ter melhor um... pra formar um ambiente mais sadio, né. E esses animais, muito deles foram... eles precisavam se alimentar. E a alimentação era pouca. E o produto era pouco. Que que tinha de produto? Tinha nada. Então fomos obrigados a plantar. Levar muda de araquá, que tem lá hoje, pitanga, laranjas, bananas... ameixas, [inaudível]...

JMV: Aí era tanto para os associados quanto para os animais que ficavam ali para consumir?

DA: Para alimento dos animais. É, aquelas árvores que estão hoje ou continuam hoje lá na orla da praia, que são os... Oh, como é o nome deles? Bem altos? São os... Como é o nome daquelas árvores? Tem o nome delas, eu não me lembro. Estou me recordando agora. É baguaçu. Chamada de baguaçu.

JMV: Buaguaçu? Hm. E também é frutífera?

DA: O que que acontece: chega no verão, elas florescem e dão uns frutinhas que servem de alimentação para os quatis. Isso alimenta os quatis. E os próprios cocos que são naturais

nossos aqui. E que foram plantados lá também, porque não existia. É o que eu posso te informar.

JMV: Tá ótimo. E como era um Clube de Caça, é possível que esses animais fossem caçados ali na ilha? Os quatis e tal, é possível que eles fossem caçados ali?

DA: Não, era proibido.

JMV: Era proibida a caça?

DA: Sempre foi proibida.

JMV: Mesmo quando era Clube de Caça?

DA: Mesmo quando era Clube de Caça e Pesca. Lá não. Lá não podia abater animais. Muito menos pegar filhotes de pássaros e trazer. Nem colher frutos e trazer frutos. Frutos lá tinha que ser de [inaudível] alimentos.

JMV: Então era incentivado levar plantas e animais pra ilha, mas não podia trazer nada?

DA: Não podia trazer nada. Nem muda de flor ou vegetação silvestre, tinha lá. Colhia lá, não podia trazer. Era terminantemente proibido. Sob pena de exoneração do quadro social.

JMV: Uhum. E o que o senhor sabe sobre os quatis na Ilha do Campeche? Sobre como eles chegaram lá?

DA: Eles foram levados.

JMV: Foram levados também?

DA: Foi. Foram levados. O sócio que levou, eu não me lembro mais qual foi o sócio que levou. [inaudível] Se não me engano dois casais.

JMV: Dois casais? E quando o senhor se associou eles já estavam lá, os quatis?

DA: Já estavam.

JMV: E como os quatis eram percebidos antigamente? E como eles são percebidos hoje? Alguma coisa mudou? Assim, como as pessoas viam os quatis, o que elas achavam deles ali, da presença na ilha?

DA: Não entendi bem a tua pergunta.

JMV: Como eles eram percebidos, mesmo, ali. Por exemplo “ah, eles tão”... era visto como um problema, eles estarem perto das casas...?

DA: Não. Eles normalmente, tinha uma época do ano que as frutas... não tem frutas. Então eles comem o que tem. Normalmente eles comem, eles vivem à base de insetos. Como insetos. Formiga, cupim também eles comem. Mas não é o suficiente para aquela população de quati que tinha. Então quando nós chegávamos lá, nós tínhamos que esconder toda alimentação que nós levava [inaudível] dentro do armário e fechar. Porque se deixasse aberto eles pegavam. Eles e os macacos pegavam.

JMV: É? [risos] Então era só um cuidado a mais que vocês tinham?

DA: Era um cuidado a mais. E da alimentação que sobrava da nossa refeição, a gente deixava fora e eles participavam.

JMV: Aham. Tavam junto ali [risos].

DA: Uhum.

JMV: Legal.

DA: Só que hoje eu acho que a população é muito grande. Eles deviam ter... É... Hoje, né... Naquela época que nós frequentava ali não, mas... Eu acho que devia ser pego em armadilha e transferido pra nossa ilha aqui ou pro continente. Seria muito fácil fazer isso.

JMV: Que lá eles já tão numa população muito grande né?

DA: Mas... As nossas... instituições aí, né... impuseram muitas condições pra tirar os quatis. Uma foi de que eles fossem soltos por aqui, eles estavam acostumados a ver fumacinha de fogão, cheiro de alimentação, cheiro de comida, e viriam para as casas e seriam abatidos pelas pessoas. E além do mais muitas pessoas se alimentavam da carne de quati, se alimentam da carne de quati. Os caçadores se alimentavam. Ah, uma ocasião foi combinado de que iríamos pegá-los, trazê-los pra fora de lá, pra diminuir a população deles. Coitados, eles passam fome lá. Não tem mais alimento pra eles. Daí, não sei se foi o IBAMA ou foi outro órgão que falou o seguinte, colocaram o seguinte na nossa frente: não adianta trazer eles pra cá. porque eles tão acostumados a ver cozinhas, né, a sentir cheiro de comida, e eles vêm pra trás das residências e vão abatê-los. Aí eu provei para um dos funcionários que ó, não iria acontecer jamais isso. Por quê? Porque em nossas residências aqui, ou no nosso bairro, ou na periferia nossa aí de vegetação que tem aqui, por exemplo, sempre tem cães. Cada moradia tem cão. E ele não é amiguinho dos cães. Onde ele sente um ladrilho, o cão ladrar, ele não chega perto. Então seria uma condição melhor pra ele sobreviver. Porque aqui ele tem mais condições de se alimentar, tem mais alimentos. Lá na ilha é restrito, né?

JMV: Sim, uhum. Questão de água também, né?

DA: Questão de água.

JMV: E o senhor falou antes que foram levados dois casais de quatis por um associado. O senhor sabe de onde eles foram tirados, esses quatis?

DA: Eles foram pego aqui na ilha.

JMV: Aqui na ilha, em Florianópolis?

DA: Aqui na ilha. Eles foram pego aqui na ilha e levados pra lá.

JMV: Em 2012, saíram algumas reportagens dizendo que a população de quatis na ilha tinha diminuído drasticamente, né, falando de um sumiço dos quatis. O que o senhor sabe sobre isso?

DA: Se diminuiu... Deve ter diminuído mesmo. Por causa da falta de alimento. Eles talvez tenham morrido. Porque abate eu não tenho conhecimento que foram abatidos.

JMV: Sim, só pode ter tido uma...

DA: Desapareceu. Superpopulação alguém sofre, né.

JMV: Sim. Aconteceu. E houve ao longo da presença do clube na ilha várias tentativas com órgãos ambientais para resolver essa questão da superpopulação, né? Na sua opinião, por que nenhuma delas deu certo, vingou?

DA: Uma falta de interesse pelos próprios órgãos que queriam resolver a questão da superpopulação. Porque uma delas é o seguinte: é castrar. Pegá-los e castrar. Mas queriam cobrar por cada operação dessas.

JMV: E a associação teria que pagar daí?

DA: A associação teria que pagar. Ficaria difícil. Ficaria difícil. O mais fácil que eu acho que seria possível e mais viável era colocar armadilhas, pegá-los e trazê-los pra cá.

JMV: Só realocar?

DA: Porque ele tem condição de sobreviver em qualquer lugar. Ele é animal silvestre, né?

JMV: Sim. Mas aí não tem assistência, então, dos órgãos ambientais?

DA: Ninguém quis assumir esse compromisso. Nem os órgãos ambientais quiseram. Não fizeram isso. Deixaram pro [inaudível]. Não tem condições de fazer isso. E a colocação, a justificativa foi aquela que eu lhe dei, que se soltassem por aqui eles iam procurar comida em residência, perto da orla da mata, e iam ser abatidos de jeito. E eu não concordei. Eu discordei porque se... porque a nossa população aqui do interior nosso, todos eles tem cães. E eles sentem o ladrar do cão e eles não fica ali, eles desaparecem e se embrenham na mata, não vem nunca.

JMV: Entendi. Eu acho que era isso, então, seu Donatilio.

DA: Era só isso?

JMV: Ah, eram essas perguntas, mesmo. Vou encerrar aqui, muito obrigada.

DA: Os pássaros que tem lá sumiram. Mas não foi por atividade dos associados, não. Porque na Ilha do Campeche podia aportar muita... Todos podiam aportar na Ilha do Campeche. Eles podiam fazer armadilhas lá dentro dos matos, dentro da mata, e pegar o pássaro e trazer. Que fosse através dos sócios, não. Os sócios não podiam trazer. Nem se podia trazer uma

florzinha, uma planta da ilha, mesmo que tivesse uma flor, trazer uma mudinha dela, não... era terminantemente proibido. Sempre foi.

JMV: É, mas geralmente qualquer embarcação pode atracar ali, né? A praia é pública. Mas no período desde que o senhor tá no Clube, o senhor sabe se outras embarcações iam por exemplo pra caçar ali na ilha às vezes, abater pássaros ou quatis...?

DA: Não, eles iam pra pescar.

JMV: Pra pescar mesmo?

DA: Pra pescar. Talvez. Mas sorratamente eles deviam levar qualquer armadilhazinha pra pegar um tiê-sangue, um pássaro bonito. Eles desapareceram um monte. Mas essas aves desapareceram muito em função da superpopulação desses animais, os quatis.

JMV: Uhum. Por causa da alimentação?

DA: É. Porque eles devoram. O pássaro se estava num ninho com ovos e vão lá e devoram os ovos. Se tem filhotes eles vão lá e devoram os filhotes.

JMV: Sim. É, né? Quanto falta fruto eles vão para os pássaros.

DA: Eles são superpredadores. Os quatis são. Agora o desaparecimento de alguns deles é... Uma certa ocasião, houve um comentário de que estavam abatendo quatis, nunca... Sócio não abate. Não abatia quati. Se estavam abatendo quati era algum... Estou, estou sem comprovação. Podia ser de alguém que fosse pescar, algum pescador de alimento, mas não se pode, citar, se foram eles ou não. Se são eles ou não. Mas muitas vezes encontrávamos quati morto. Mas não foram... se eles quisessem para alimentação eles abatiam e se alimentavam. Tavam lá morto dentro do mato.

JMV: Mas com sinal de abate, assim ou?

DA: Não.

JMV: Todos eles causa natural mesmo?

DA: Morte natural.

JMV: Uhum.

DA: Mais?

JMV: Acho que era isso. Eram as minhas perguntas. Muito obrigada.

ANEXO D – ENTREVISTA SCC

JMV: Data: 25/04/2023, Local: sede da Acompeche, entrevistado: Silvio Cesar Cardoso, entrevistadora: Júlia Mai Velasco.

[interrupção]

JMV: Há quanto tempo o senhor é associado ao Clube?

SCC: Eu sou associado há trinta e seis anos.

JMV: O que te levou a se associar ao Clube? Como você conheceu ele?

SCC: É... Sou filho de ex-associado, então meu pai era associado e... nessa época quando o filho de associado fazia 18 anos ele passava a ser sócio ou ele saía da Associação. Eu continuei como sócio. Aos 18 anos.

JMV: E você já tinha então ido à Ilha do Campeche antes de se associar. Qual é tua relação com a ilha?

SCC: Bom, a Ilha do Campeche é... ela se confunde com a extensão da minha casa. Eu vou pra ilha desde os cinco anos de idade, que eu me lembro assim, né, cinco anos de idade. Então... é como se fosse uma extensão da minha casa.

JMV: E como foi a instalação do Clube na Ilha, pelo que você sabe, se lembra?

SCC: Cara, a Ilha ela foi, através de um grupo de pessoas de Florianópolis que se reuniram, que eram, que gostavam de pescar, caçar, e eles conseguiram adquirir uma cessão, um título né, de posse lá da Ilha do Campeche. Já existia alguém lá na época que tinha essa cessão e eles conseguiram adquirir e se organizaram no Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães.

JMV: E como era lá na sua época, em questão de estrutura, natureza?

SCC: Bom, eu sou da década... vou falar na década de 80, né... a Ilha, ela era preservada. Tinha alguns animais, algumas espécies lá de animais, muitos pássaros, né, e a... O foco da Associação sempre foi a preservação da ilha, então isso não mudou, né. Uma diferença que eu vejo com relação a hoje era o número de associados. Nós tínhamos um número bem maior de associados, éramos em torno de 400, e em determinado momento se eu não me engano 700 associados. Então era um grupo bem maior de associados, né, hoje nós temos cerca de 100 famílias, 100 associados.

JMV: E então você falou desses animais, se via esses animais com frequência por ali, nos arredores?

SCC: Sim, sim. É, a gente via com maior frequência do que hoje, inclusive, né. Tinha... Aparecia muito tatu, né, que hoje tem na ilha ainda mas se vê muito pouco. Tinha o quati, que

ele é o que dominou, né, e teve sagui, é... espécie de pássaros, várias espécies de pássaros, pássaros grandes, inclusive: jacu, jacutinga, outros pássaros maiores, né. Então era uma época que tinha mais animais assim.

JMV: E qual era a liberdade que os associados tinham para levar coisas para a Ilha, pessoas, animais, plantas? Havia restrições ou algum tipo de revista?

SCC: Não, não, não havia. Existia uma diretoria na época que coordenava esse tipo de situação, né, não era simplesmente tu chegar e “ah, e vou levar” e acabou, né. Porque tudo que é levado para a Ilha é embarcado numa embarcação. Então, tu não pode chegar lá com um macaco, botar na embarcação e vou levar lá pra Ilha. Então... eu não fazia parte dessas diretorias, mas existia um controle, sim, eu lembro que eram diretorias bem atuantes porque com um número grande de associados tem que ter um controle né. Mas, também por outro lado, não tinha essa... proibição que existe hoje. Ah, hoje tu quer levar uma espécie de frutífera, não pode. Tu quer levar um passarinho, tu não podes, né, tu não pode nada., na verdade assim. A gente tá com muita limitação com relação ao que pode fazer na ilha.

JMV: E com que objetivo você acha que os associados levavam animais pra Ilha?

SCC: Olha, é... Como eu te disse, o nosso Clube ele provém de um clube de caça, pesca e tiro. Na época, 50, 60, esses associados, essas pessoas, eles tinham o hábito de caçar, de pescar, né, praticavam o tiro. Então, a Ilha, ela é um local... remoto. Mais ainda naquela época, porque a chegada na Ilha ela era com uma certa dificuldade, né, era a remo. Então ela era um local que não era de fácil acesso. Eu imagino que a ideia de levar esses animais pra Ilha era também pra até uma possível subsistência. De casos de ficar trancado na Ilha e ter algum tipo de animal que pudesse até servir de alimento, né. Eu mesmo, tu vê que eu vou pra Ilha desde a década de 80, eu já fiquei trancado lá quase 10 dias, sem conseguir vir embora. Então, né, naquela época, eu imagino que era muito mais frequente essa situação de ficar trancado na Ilha, né, de não poder vir. E tu tendo um animal lá que eventualmente tu pudesse caçar e alimentar as pessoas que estavam na Ilha, ele servia mesmo de até uma garantia pra essas próprias pessoas que iam pra Ilha.

JMV: Mas, hã, como era um clube de caça esportiva também é possível que eles fossem caçados pra esporte ou era apenas pra sobrevivência?

SCC: Na Ilha eu nunca soube de caça. Na Ilha. O nosso Clube ele fazia caça aqui no continente, no Massiambú, tinha inclusive situação em que os associados se encontravam aqui no Mercado Público, tinha um caminhão que levava eles pra fazer as caçadas. E as caçadas deles, eles pegavam alguns animais vivos, espécie viva, pra levar pra Ilha. Então na Ilha, eu nunca ouvi falar de caça na Ilha. E eu já vou pra Ilha, né, 50 anos praticamente.

JMV: Uhum. E o que você sabe sobre os quatis na Ilha do Campeche? Sobre como eles chegaram lá?

SCC: É... Em cima disso que eu falei agora, né. Eles eram caçados aqui no continente, foram levados alguns casais, 2 casais de quati, não sei exatamente a quantidade, pra soltar na Ilha com esse intuito de em alguma situação eles pudessem servir até de alimento, e também o quati ele tem uma situação que ele preda muito outros animais. E na ilha tem um escorpião, tem uma aranha, então até com essa finalidade também. Ele preda os outros animais que tão na Ilha. E hoje ele predou quase tudo na Ilha, né, ele não tem predador pra ele, então ele vai desde o ovinho do passarinho até as galinhas que tão lá, de Angola, ele mata qualquer bicho, qualquer coisa que se mexa ele vai tentar, é, matar, né, porque ele é um... ele é o maior predador da Ilha né, ele é o topo da cadeia.

JMV: E ele tá ameaçando as espécies que tão lá?

SCC: Com certeza.

JMV: Hã, e como esses quatis eram percebidos antigamente? E como são percebidos hoje? Alguma coisa mudou?

SCC: Olha, hoje a gente... Antigamente na verdade essa questão ambiental ela não era tão forte, né. Então tu tinhas os bichos lá, eles conviviam, não tinha tanta quantidade, é, o dano que ele causava na associação era entrar nas casas, revirar, às vezes eles tiravam até telha pra entrar, né, então seria mais uma convivência... é, não muito amistosa, digamos assim. Mas tavam lá, e, né, num número controlado assim. E de um tempo pra cá com a vinda do turismo na Ilha, ele teve um aumento significativo na quantidade de alimento desses animais. Com os restaurantes, o excesso de sobra de comida, tudo isso era dado pros animais. Inclusive os animais roubavam as comida, roubam ainda, né, as comida dos turistas. O que que desencadeou? Uma superpopulação. Cada ninhada que vinha 3, 4, vieram 8, 10 filhotes. Então chegou num determinado momento que nós estávamos com uma população muito grande de quati na Ilha, né. Então o que a gente percebeu mais ou menos era isso, assim, que lá num determinado momento lá atrás era existia o quati, mas ele convivia mais harmoniosamente, passava mais despercebido, né, e ultimamente com essa superpopulação, com a chegada do turismo, com esse excesso de alimento, ele chegou num ponto de ter muito quati na Ilha, de ele atacar as mesas no restaurante, de ele roubar as bolsas das pessoas, né, ele, sabe, ele meio que saiu de controle, assim. E depois com a vinda da pandemia, a Ilha ficou fechada, restaurante fechado, os associados não puderam ir... cara, e os quatis penaram, né. porque eles tavam acostumados a comer batata frita, é, resto de peixe, isca de peixe, camarão, enfim, tudo que sobrava dos restaurantes, e não tinha mais essa alimentação farta, né.

JMV: Aí foi notada uma relação na população?

SCC: Morreu muito quati. Eu estimo que morreu uns 70% dos quatis que tinha na Ilha. Eles andavam na chácara assim caindo praticamente, sabe. Igual uns zumbi. A gente encontrou quatis mortos em vários locais na Ilha.

JMV: Em 2012, saíram algumas reportagens dizendo que a população de quatis da ilha diminuiu drasticamente, apontando um “sumiço” dos quatis. O que você sabe sobre isso?

SCC: Olha, eu não participei de nenhuma situação com relação a processo, né. Teve abertura de caso, Polícia Federal, funcionários nossos, chacreiro. Eu não soube de nada assim de comentários dentro da associação “ah, fizeram isso e aquilo”. O que eu percebo dos quatis é assim ó, é cíclico. Tem época que tem mais, tem época que tem menos, né. A gente não sabe se eles brigam, eles competem entre eles em época de pouca comida, então eles são... eles podem até se matar, né. Ou eles matam filhotes, e aí população...

JMV: Diminui.

SCC: Não se repõe, né. Então eu percebo isso. Tem anos que tem muito, tem anos que tem pouco. E aí cadê esses cara do ano anterior que eram muitos, né? Ou eles se espalham pela Ilha também, e aí de repente começam a dominar outras regiões da Ilha, porque a Ilha é grande, né. E tem um clã, uma turma que fica ali pela chácara em busca de comida fácil, né, em busca de interagir com os turistas, com os associados. Eu não sei te dizer exatamente nessa época, eu não participei de nenhuma comitiva, de nenhum nada assim, então eu não sei realmente o que aconteceu nessa época, porque é como... Eu sei que falaram isso, que foram investigado, que não acharam nada, não acharam restos dos bicho, mas, é, o que eu percebo é isso, assim, é cíclico, tem época que tem mais, tem época que tem menos.

JMV: Você falou que foi aberto o caso, nas notícias falava que a FATMA ia investigar, né?

SCC: Eu acho que até Polícia Federal investigou.

JMV: Ah, foi investigado?

SCC: Foi, foi investigado. Foi, é, os chacreiros foram chamados, diretores da época. Eu que não tava fazendo parte de nenhuma diretoria da época. Então eu não participei diretamente de investigação, de nada desse tipo.

JMV: Última pergunta então. Houve, ao longo da presença do Clube na Ilha, várias tentativas com órgãos ambientais para resolver a questão da superpopulação de quatis. Na sua opinião, por que nenhuma delas deu certo, “foi pra frente”?

SCC: Olha, eu brinco que a gente tem alguns temas que eu digo que tem uma cabeça de burro enterrada, né, que é aquele tema que é difícil de resolver. E na Ilha é mais difícil. Se é difícil de resolver aqui embaixo, na Ilha ele é agravado, né, porque na Ilha tudo é diferente. Tudo

tem que ter condição de tempo pra você ir, o mar tem que tá bom, às vezes tem que ter a pessoa disponível, é, às vezes o órgão ambiental marca uma data e aquela data o mar tá ruim. Então lá tudo é mais difícil do que se fosse aqui embaixo. Mas eu vejo muito a burocracia, né. A burocracia dos órgãos, a dificuldade. Nós hoje nós tamo com o projeto do Salve os Quatis, sabe, mais de dois anos trabalhando, e agora que a coisa tá caminhando pra sair as licença. Então, assim, existe a vontade de fazer, né, existe a vontade de dar o controle, de retirar um pouco dessa população de lá. Só que não dá de simplesmente tu pegar o quati, botar na gaiola e soltar aqui. Primeiro porque ele é um quati que eles dizem que ele é modificado porque ele é cruzado entre pai e filho, irmãos, né, então de dois casal virou uma população, então eles não aceitam trazer os quatis e soltar na natureza aqui embaixo, né. É um animal da fauna silvestre, da flora da fauna nossa aqui, então ele tem toda uma legislação específica, não pode ser simplesmente ser mexido a qualquer custo, então tem que ter o envolvimento dos órgãos ambientais. Hoje o IMA tá participando com a gente aí, com a Couto Magalhães, com o projeto Salve os Quatis, né, e a gente tá na expectativa de sair essa autorização. Nós já temos todo o projeto desenhado, com a Caipora também que é uma cooperativa de profissionais dessa área, né. Então a gente agora tá correndo pra que aconteça, pra que realmente a gente consiga fazer essa retirada, castração, né. Os animais tão sofrendo, os animais tão com doença, então precisa ser feito alguma coisa.

JMV: Qual que é a proposta então do Salve os Quatis, o projeto?

SCC: O projeto é castração no primeiro momento e aí vão fazer a marcação dos animais com chip, tem todo já um projeto escrito... Até se você quiser eu encaminho mais diretamente as pessoas que são envolvidas e aí eles vão poder te subsidiar melhor assim com o que foi feito, em que pé que tá, né, qual é a ideia, né, a participação dos órgãos ambientais. Tá?

JMV: Pode ser sim, com certeza. Mas então eu acho que era isso, essas eram as minhas perguntas, eu vou parar a gravação. Muito obrigada.

SCC: Tá bom. Obrigado também.